

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica

**O ENSINO DA CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
RELAÇÕES SOCIAIS E EMOCIONAIS**

Ana Paula Trigo Camargo

Bauru

2020

Ana Paula Trigo Camargo

**O ENSINO DA CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
RELAÇÕES SOCIAIS E EMOCIONAIS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Faculdade de Ciências, Campus de Bauru - Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica, sob orientação da Prof.^a Dr.^a **Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger.**

Bauru

2020

FICHA CATALOGRÁFICA

C172e	Camargo, Ana Paula Trigo O ensino da capoeira na educação infantil: relações sociais e emocionais / Ana Paula Trigo Camargo. -- Bauru, 2020 112 p. : il., fotos Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru Orientadora: Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger 1. Capoeira. 2. Ensino. 3. Educação de crianças. I. Título.
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências, Bauru. Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

FOLHA DE APROVAÇÃO



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ANA PAULA TRIGO CAMARGO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 03 dias do mês de março do ano de 2020, às 14:00 horas, no(a) Sala 2 do prédio da Pós-graduação da Faculdade de Ciências - Unesp/Bauru, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. DAGMAR APARECIDA CYNTHIA FRANÇA HUNGER - Orientador(a) do(a) Departamento de Educação Física / UNESP - Faculdade de Ciências de Bauru - SP, Profa. Dra. ANA FLORA ZANIRATTO ZONTA do(a) Departamento de Educação Física / Faculdade de Ciências de Bauru, Prof. Dr. EVANDRO ANTONIO CORRÊA do(a) Departamento de Educação Física / Fundação Educacional Dr. Raul Bauab - FIJ, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de ANA PAULA TRIGO CAMARGO, intitulada **"O ENSINO DA CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELAÇÕES SOCIAIS E EMOCIONAIS" E PRODUTO EDUCACIONAL "CRIANÇAS! VAMOS BRINCAR DE CAPOEIRA?"**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. DAGMAR APARECIDA CYNTHIA FRANÇA HUNGER

Profa. Dra. ANA FLORA ZANIRATTO ZONTA

Prof. Dr. EVANDRO ANTONIO CORRÊA

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus por tudo. Ele permitiu pessoas maravilhosas nessa trajetória.

Ao Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica da Faculdade de Ciências da UNESP/Bauru. Corpo docente, administração, direção, todos que me proporcionaram condições necessárias para alcançar meus objetivos.

À minha orientadora Prof.^a Dagmar, pela confiança, dedicação e paciência. Na certeza de que tudo o que aprendi muito contribuirá para que eu faça a diferença.

Aos membros da banca de qualificação e defesa, Prof.^a Ana Flora e Prof.^o Evandro, pelas contribuições para aperfeiçoar este trabalho.

Às amigas Fabiana e Daniele, por acreditarem em mim quando me encaminharam a este desafio.

Aos amigos Marcio, Selma, Vinícius e Thaís, por todo auxílio diante das dificuldades. Que Deus os abençoe grandemente!

À minha querida sobrinha Marina (personagem Luma), por ouvir meus anseios, pelos conselhos e apoio, com sua amiga Bruna e minha irmã Simoni.

Aos meus primos e pastores Delton e Renata, por transmitir uma força indescritível, que me ajudou a prosseguir quando parecia impossível, sem a nossa princesa Rebeca, que o Pai recolheu durante este percurso.

Dona Edy, minha sogra, a quem serei sempre grata por tudo que faz por mim.

Aos meus pais queridos, não encontro palavras para descrever meu amor. Perdão por estar um pouco ausente e muito grata pelo apoio, pela compreensão e pelas orações.

Luana, minha amada filha, sua existência é meu maior incentivo.

Fernando, o primeiro e único amor da minha vida, minha metade, como é bom tê-lo comigo. Superamos mais essa etapa, que diante de tudo, é nossa.

Aos profissionais da capoeira, pela colaboração que muito acrescentou no trabalho e na minha vida.

A toda equipe pedagógica da minha querida cidade natal, que muito contribuiu com essa vitória, de forma direta ou indireta.

Jamais deixaria de agradecer aos meus alunos, principalmente aos que participaram comigo. Cada abraço, cada palavra, cada expressão de carinho, isso tudo me fez chegar aqui. Quero poder abençoá-los com o meu conhecimento.

A todos os envolvidos na realização deste trabalho, GRATIDÃO SEMPRE!

CAMARGO, A. P. T. **O ensino da capoeira na Educação Infantil: relações sociais e emocionais.** 2020. 112 f. Dissertação (Mestrado Profissional) UNESP - Faculdade de Ciências, Bauru, 2020.

RESUMO

Conflitos observados na Educação Infantil revelam a necessidade dos educadores refletirem o contexto social e o emocional. Sendo assim, a presente pesquisa de natureza qualitativa, objetivou analisar o ensino da capoeira na Educação Infantil na concepção de profissionais da capoeira e gestão pedagógica, em escolas municipais de uma cidade do interior de São Paulo, relacionado à questão socioemocional (resolução de problemas; interação; autoconhecimento; autonomia e determinação; educação à diversidade; responsabilidade e participação; empatia e cooperação; repertório cultural; pensamento crítico e criatividade). Para tanto, realizou-se revisão da literatura referente à Educação Infantil, a capoeira e relações sociais e emocionais. Para coleta de dados utilizou-se da técnica de entrevista semiestruturada, os quais foram discutidos e analisados conforme análise de conteúdo. Os entrevistados consideram a capoeira uma manifestação cultural significativa pedagogicamente para trabalhar questões socioemocionais na escola e as medidas sugeridas para inserção da capoeira desde a Educação Infantil relacionam-se ao conhecimento dos pedagogos e reconhecimento da capoeira como patrimônio histórico cultural brasileiro, de valor socioemocional. Viabilizou-se como produto educacional um vídeo documentário.

Palavras-chave: Capoeira. Ensino. Infantil. Socioemocional.

CAMARGO, A. P. T. **Teaching capoeira in early education: social and emotion relations.** 2020. 112 f. Dissertation (Professional Masters) UNESP - Faculty of Sciences, Bauru, 2020.

ABSTRACT

Conflicts observed in childhood education reveal the need for educators to reflect the social and emotional context. Thus, the present qualitative research aimed to analyze the teaching of capoeira in childhood education in the conception of capoeira professionals and pedagogical management, in municipal schools in a city in the interior of São Paulo, related to the socio-emotional issue (problem solving; interaction; self-knowledge; autonomy and determination; education to diversity; responsibility and participation; empathy and cooperation; cultural repertoire; critical thinking and creativity). To this end, a review of the literature on childhood education, capoeira and social and emotional relationships was carried out. For data collection, semi-structured interview technique was used, which were discussed and analyzed according to content analysis. Respondents consider capoeira to be a pedagogically significant cultural manifestation for working on socio-emotional issues at school, and the suggested measures for inserting capoeira since childhood education are related to the pedagogue's knowledge and recognition of capoeira as a Brazilian cultural and historical heritage, of socioemotional value. A documentary video was made possible as an educational product.

Keywords: Capoeira. Teaching. Childish. Socioemotional.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTOGRAFIA – CRIANÇAS JOGANDO CAPOEIRA NA ESCOLA	20
QUADRO 1 – RELATOS DAS PEDAGOGAS (COMPORTAMENTOS E AÇÕES)	32
QUADRO 2 – PARTICIPANTES DA PESQUISA	38
QUADRO 3 – ENSINO DA CAPOEIRA (PEDAGOGAS)	41
QUADRO 4 – ENSINO DA CAPOEIRA (PROFISSIONAIS DA CAPOEIRA)	41
QUADRO 5 – QUESTÃO SOCIOEMOCIONAL (PEDAGOGAS)	44
QUADRO 6 – QUESTÃO SOCIOEMOCIONAL (PROFISSIONAIS DA CAPOEIRA)	44

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CBE – Congresso Brasileiro de Educação

CNE – Conselho Nacional de Educação

DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

SESI-SP – Serviço Social da Indústria de São Paulo

UNESP – Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - LEVANTAMENTO HISTÓRICO DA CAPOEIRA	15
1.1 Origem	15
1.2 Reconhecimento sociocultural	16
1.3 Atualidade	18
CAPÍTULO 2 - CAPOEIRA NA ESCOLA	21
2.1 Olhar pedagógico sobre a capoeira	21
2.2 O ensino da capoeira na infância	26
2.3 O ensino da capoeira na Educação Física	29
2.4 A capoeira nas relações sociais e emocionais	32
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA	36
3.1 Tipo de pesquisa	36
3.2 Universo da pesquisa	36
3.3 Participantes da pesquisa	38
3.4 Técnica de coleta de dados	38
3.5 Análise dos dados	39
CAPÍTULO 4 – ENSINO DA CAPOEIRA E QUESTÃO SOCIOEMOCIONAL NA PERSPECTIVA DE PEDAGOGAS E PROFISSIONAIS DA CAPOEIRA	40
4.1 O ensino da capoeira na Educação Infantil municipal	40
4.2 Conhecimento e trabalho com a questão socioemocional	43
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
CAPÍTULO 6 - PRODUTO EDUCACIONAL	48
6.1 Título do produto	48
6.2 Resumo do produto	48
6.3 Diagnóstico local	48
6.4 Contexto de ensino	49

6.5 Público alvo	49
6.6 Proposta de alteração do contexto	49
6.7 Objetivos do produto	49
6.7.1 Geral	49
6.7.2 Específicos	50
6.8 Metodologia do produto	50
6.9 Vídeo Educacional	50
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICES:	
A- TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (CRIANÇAS DE 4 E 5 ANOS)	54
B- TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E VÍDEO (PAIS OU RESPONSÁVEIS)	55
C- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - PEDAGOGAS (PROFESSORAS, COORDENADORAS E DIRETORAS) E PROFISSIONAIS DA CAPOEIRA (MESTRE, CONTRAMESTRE E PROFESSOR)	56
D- TERMO DE CONSENTIMENTO E AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E VÍDEO - PEDAGOGAS (PROFESSORAS, COORDENADORAS E DIRETORAS) E PROFISSIONAIS DA CAPOEIRA (MESTRE, CONTRAMESTRE E PROFESSOR)	57
E- ROTEIRO DA ENTREVISTA DIRECIONADA ÀS PEDAGOGAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO	58
F- ROTEIRO DA ENTREVISTA DIRECIONADA AOS PROFISSIONAIS DA CAPOEIRA	59
G- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	60
ANEXO 1 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	62

APRESENTAÇÃO

Na infância e adolescência, envolvida em todas as possibilidades de nadar, correr, pular, dançar, tocar e cantar, eu sempre criava algo com meus amigos para alguém assistir. Na escola, dirigi muitas apresentações de dança em datas comemorativas e festas. Aos doze anos perguntei para minha professora de Ballet qual faculdade eu deveria fazer para trabalhar com dança e, diante da resposta, foquei em fazer Educação Física, o que se concretizou com muita dedicação.

Graduada, ministrei aulas de natação, hidroginástica e ginástica localizada em clubes e academias, sempre preparando coreografias em escolas, igrejas e orfanatos. Em 2011 atuei como coordenadora de núcleo de um programa de tempo integral, motivando crianças em alguns esportes, apaixonada pelo ambiente escolar até efetivar, em 2013, na prefeitura da minha cidade natal.

Cursando matérias do programa de mestrado profissional, em 2017, absorvi conteúdos históricos e sociais e, aprendi conceitos sobre inteligência emocional, importantes para minha atuação na escola. No intuito de pesquisar sobre dança, fui orientada a trabalhar com a capoeira, relacionada a todo esse contexto histórico, social e emocional. Aceitei o desafio, pois nunca havia vivenciado, almejando conhecer mais sobre esta manifestação e poder contribuir para inseri-la na escola.

Não aprendi sobre a capoeira na graduação, mas um dia presenciei uma roda de capoeira numa igreja e fiquei curiosa pela dança, como vi, de ritmo contagiante e movimentos sincronizados, porém não pude vivenciar, pois morava em outra cidade.

Como docente de Educação Física, de primeiro ao quinto ano da rede municipal de ensino, observei que a capoeira é trabalhada apenas no terceiro ano do ensino fundamental, como conteúdo do material utilizado pelo sistema de ensino adotado no município e compreendi um pouco do seu conteúdo pesquisando para ministrar nas aulas.

Em uma das escolas em que leciono tem capoeira todos os dias no final da tarde, onde as crianças participam e se divertem na presença de um contramestre muito querido na sociedade. Percebo que eles são unidos, comprometidos e felizes, o que revela um universo de interações muito precioso da capoeira.

INTRODUÇÃO

Além de habilidades motoras e aspectos culturais, Campos (2001) afirma que a capoeira é uma excelente atividade física de auxílio na formação integral do aluno, que atua nos aspectos cognitivo, afetivo e motor, desenvolvendo o físico, o caráter e a personalidade, influenciando nas mudanças de comportamentos.

Percebe-se, que a capoeira trabalha não somente o corpo físico, mas sensações, emoções, disciplina, comportamentos e prazer. A capoeira é uma valorosa manifestação da cultura brasileira, o que demonstra ser relevante compreender seu contexto voltado para questões sociais e emocionais na Educação Infantil, pois conforme conceito de autores como Neira e Nunes (2014), a cultura tem um papel fundamental na educação, influenciando comportamentos.

Tem sido desafiador lidar diariamente com os conflitos que surgem em meio às atividades nas aulas e, atualmente, se ouve bastante no ambiente escolar sobre o desenvolvimento de competências socioemocionais, o que por meio da capoeira pode auxiliar na resolução dos conflitos.

O termo socioemocional é recente e se refere ao desenvolvimento das relações sociais e emocionais no meio educacional. No âmbito de competências ou habilidades, designa uma formação empenhada em desenvolver valores como respeito, empatia, cooperação e responsabilidade e, a capoeira pode ser um excelente meio para desenvolver esses valores, mas tem sido pouco explorada pelos professores, principalmente na infância.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento brasileiro, normativo, que define aprendizagens essenciais ao desenvolvimento de competências para todos os estudantes da Educação Básica, em conformidade com o Plano Nacional de Educação. Orienta na elaboração dos currículos estaduais e municipais, contribuindo para o alinhamento de políticas e ações na formação de professores e conteúdos educacionais.

Na BNCC (BRASIL, 2017 p. 6) a Educação Infantil está integrada à Educação Básica e, define-se competência como mobilização de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas da vida cotidiana, do exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

O Fórum Internacional de Políticas Públicas “Educar para as Competências do Século 21” promovido pelo Ministério da Educação (MEC), pelo Instituto Nacional

de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e pelo Instituto Ayrton Senna, de 03/2014, discutiu a elaboração de políticas públicas para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais nas escolas do Brasil, envolvendo professores e famílias.

É fundamental essa mobilização, para uma sociedade de seres humanos emocionalmente equilibrados. Haja vista que o trabalho com a capoeira desenvolve competências socioemocionais, mas a capoeira somente terá sua representatividade nos planejamentos pedagógicos da Educação Infantil, quando os educadores reconhecerem seu valor cultural, social e emocional para a criança e a possibilidade de se resgatar este rico conteúdo da nossa cultura.

Considerando a capoeira como uma manifestação popular brasileira capaz de contribuir para formação integral de estudantes, dotada de movimentos que lidam com habilidades e satisfação, que requer criatividade e liberdade de expressão e que, historicamente preserva nossa cultura, tornou-se significativo compreender seu contexto relacionado às questões socioemocionais, que podem influenciar comportamentos e, também, pode-se pensar na possibilidade da capoeira fazer parte do planejamento escolar desde a infância.

O objetivo geral deste estudo foi investigar o contexto de ensino da capoeira na Educação Infantil e nas relações sociais e emocionais das crianças, em escolas municipais de uma cidade do interior paulista.

A capoeira tem sido reconhecida, com seu notável significado, entre as experiências vividas pelas crianças no ambiente escolar?

Os objetivos específicos foram:

- Identificar como a capoeira é ensinada na Educação Infantil das escolas;
- Compreender o conhecimento do (a) pedagogo (a) sobre o tema socioemocional e como interage para possíveis mudanças de comportamentos nas relações sociais e emocionais das crianças;
- Analisar o significado do ensino da capoeira na Educação Infantil na perspectiva de pedagogos (a) e profissionais¹ da capoeira;
- Produzir um vídeo documentário educacional relacionado ao ensino da capoeira na Educação Infantil.

¹ Termo sugerido pelo contramestre para distinguir das nomeações utilizadas nas graduações da capoeira.

De valor educativo, a capoeira trabalha na resolução de conflitos e comportamentos que podem comprometer o futuro.

Segundo Goleman (2012), situações diversas entre as crianças como violência física, xingamentos, apatia, preconceito e discriminação, revelam diariamente o reflexo de um universo de vivências dentro e fora da escola fadado de problemas de relacionamentos, que podem interferir na fase adulta.

É no caldeirão das amizades íntimas e no tumulto das brincadeiras que as crianças aprimoram as aptidões sociais e emocionais que levarão para relacionamentos posteriores na vida. As crianças que não usufruem desse aprendizado ficam, inevitavelmente, em desvantagem (GOLEMAN, 2012, p. 267).

Sendo assim, diante desses conflitos desafiadores que requerem atenção ao contexto socioemocional, pode-se retratar o conteúdo da capoeira na Educação Infantil escolar para fundamentar a prática pedagógica do ensino desta manifestação nas relações sociais e emocionais das crianças como oportunidade para melhoras comportamentais, pois trabalha diretamente nas interações socioemocionais.

CAPÍTULO 1

LEVANTAMENTO HISTÓRICO DA CAPOEIRA

1.1 ORIGEM

Campos (2001) revela que o termo capoeira foi registrado pela primeira vez em 1712, traduzido desde então por vários significados: “ilha de mato cortado”, “roça velha”, “mato que foi”, “ave que luta – Uru” e “cesto para guardar capões”.

Rangel (2010) contesta o surgimento da capoeira entre africana e brasileira, pois alega a falta registros. Porém, acredita que procede de uma cultura afro-brasileira. Conta que Rio de Janeiro, Recife e Salvador serviram de berço, mas que as principais rodas de capoeira aconteciam na Bahia.

Demonstrada por Campos (2001), o mestre Xaréu, como uma manifestação popular rica em movimentos, cultura e bastante difundida na sociedade, a capoeira apresenta hipóteses de duas origens: uma de que teria vindo para o Brasil pelos escravos e outra como criada por eles aqui. Porém, o documento que poderia comprovar isto foi queimado, quando no governo de Deodoro da Fonseca, o Ministro da Fazenda Ruy Barbosa mandou queimar toda documentação referente à escravidão no Brasil. Ele relata que embora a maioria dos escravos tenha vindo da África, pesquisadores nunca encontraram vestígios da nossa capoeira nos países africanos, o que leva a crer que seja uma manifestação regional da Bahia.

Interpreta Mourão (2008) que as principais investigações históricas apontam para a mesma direção: a capoeira foi criada em solo brasileiro pelos negros africanos, escravos originários da região de Angola. Diz que na África existia apenas “o jogo de zebra” ou “n’golo”, dança violenta, parte de um ritual da puberdade, onde os meninos lutavam para disputar as mocinhas sem pagamento de dotes. Descreve que entre os séculos XVII e XIX a escravidão na América trouxe milhares de negros africanos para diversos países, mas foi somente no Brasil que a capoeira se desenvolveu numa mistura de lutas, danças e rituais africanos.

Conforme Santos (2002), quando se refere à origem, em qualquer de suas temáticas, seja como ritual de dança africana que veio para o Brasil, como defesa pessoal contra os opressores na colonização ou como prática nas horas livres, acredita que a capoeira deve ser considerada como um processo genuinamente brasileiro, como subsistência à escravidão, produto africano imerso na cultura

brasileira, prática desportiva hoje de cunho filosófico, símbolo nacional que identifica seus protagonistas.

Em meio a essa luta de subsistência, Mourão (2008) relata que os escravos corriam para as matas, onde a capoeira acontecia em matos ralos como luta mortal. Porém nas fazendas, era inofensiva quando praticada sob os olhares dos senhores de engenho, luta disfarçada em dança.

Os escravos se refugiavam nos quilombos. Silva (1995) descreve os quilombos como lugar com barracas cobertas de palmeiras construídas às pressas para refúgio, em sua maioria, pelos negros angolanos. Diz que Palmares era onde as palmeiras abundavam. Conta que numerosos fugitivos escravizados criaram em Alagoas o Quilombo dos Palmares, liderado pelo forte, valente e ágil negro Zumbi.

Entre as maneiras e os lugares em que era praticada, Santos (2002) mostra que a capoeira ficou reconhecida em dois estilos: Regional – estabelecida pelo mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado), com características mais brasileiras e disciplinadas; e Angola – pelo mestre Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha), de características mais africanas e tradicionais.

Vieira (1998) identifica a capoeira Regional proveniente do momento de ascensão de uma nova ética política, econômica e intelectual, num processo de modernização cultural da sociedade brasileira, de ideologias conflituosas entre tradição e modernidade. Descreve a Regional vista como moderna, de jogo alto e rápido, sem malícia, agressiva, isenta de símbolos religiosos, expressão de dominação branca, praticada por camadas médias e superiores; e a Angola como original, de jogo baixo e lento, maliciosa, recreativa, religiosa e mística, integrada à cultura negra e praticada por camadas marginalizadas. Menciona que a maioria dos mestres prefere situar-se entre os dois estilos, dizendo que a capoeira é uma só.

1.2 RECONHECIMENTO SOCIOCULTURAL

Segundo Mourão (2008), a capoeira veio como processo de resistência dos escravos para libertar o negro do sistema, daí a perseguição e o preconceito na sociedade brasileira, associando a capoeira à criminalidade. Acredita que o negro escravo utilizou de seu sincretismo para confrontar a sociedade civilizada, o que tornou o capoeirista² uma ameaça que deveria, portanto, ser vigiado. Explica o autor,

² Termo utilizado por alguns autores para representar pessoas que praticam capoeira.

que mudanças econômicas e políticas geraram marginalidade e os negros sem trabalho dispunham da capoeira como luta de sobrevivência.

Puke (2018) acredita que o negro teve que aprender a jogar, restritos à liberdade na escravidão, pois somente a luta não vencida o opressor. Foi preciso criar artimanhas de jogo para lutar e sobreviver numa realidade tão dura.

Nesse cenário de confronto, alega Mourão (2008) que o Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil, instituído pelo Decreto nº 487 de outubro de 1890, estabeleceu regras de proibição da capoeira, após a proclamação da República. Diante de tudo, no Rio de Janeiro aconteciam violentos confrontos que ameaçavam as autoridades e quem fosse pego jogando capoeira era severamente punido. Em São Paulo multa, prisões e açoites. Na Bahia eram perseguidos pela polícia e quando reagiam sofriam repressão. Porém, revela que em Pernambuco, a capoeira se misturou com as manifestações populares nas festas.

Esse quadro começou a ser modificado. Silva (1995) conta que no início do século XX a capoeiragem se influenciou por interesses políticos, quando principais capoeiristas se tornam cabos eleitorais, capangas ou secretários. Entende que conforme o negro foi construindo seu lugar social, em dado momento histórico, de uma doença moral a capoeira passou a ser tratada como uma atividade ginástica, porém, com o controle do Estado em troca da legalidade.

Conforme Vieira (1998), essa mudança de valores ocorre por causa desses esforços individuais de ganhar sentido no mundo e reconhecimento social. Impor padrões de conduta está relacionado a poder, adequando o estilo de vida a novos valores, onde o líder se beneficia. Mestre Bimba harmonizando esses novos padrões aos interesses das classes médias urbanas, despreza o homem que antes se integrava com elementos da natureza, para assumir uma postura ofensiva na modernidade, fora dos fins pretendidos, situação ainda comum no Brasil.

Nesta linha de interpretação histórica, podemos afirmar que é no bojo dessas transformações, nos moldes em que têm ocorrido na sociedade brasileira, que ocorrem as mudanças no universo simbólico da capoeira. O surgimento da proposta da capoeira Regional, com seu conteúdo ascético e disciplinador, integra-se ao amplo processo pelo qual tem passado a sociedade brasileira, no sentido de instituir novos e duráveis padrões de comportamento ao longo de sua modernização cultural (VIEIRA, 1998, p. 36).

Entretanto, Silva (1995) relata que depois que o presidente Getúlio Vargas derrubou o decreto que proibia a prática da capoeira, em 1937, sua existência ficou restrita a espaços fechados, mas intelectuais, universitários e até militares começaram a praticá-la. Então, mestre Bimba passou a ser reconhecido pela

Secretaria de Educação e Assistência Pública do Estado da Bahia como professor de Educação Física e sua academia foi a primeira do Brasil reconhecida por lei, dando início a uma ascensão sociocultural da capoeira. Revela que houve muitos esforços para reconhecer a capoeira como um esporte ou luta brasileira e, enfim, em 1942 a capoeira é reconhecida como arte marcial pelas Forças Armadas, depois em 1972 é oficializada como um esporte nacional brasileiro.

Puke (2018) nota que, pelas cidades que se manteve a escravidão, o negro marcou sua identidade e sua cultura caracterizou parte da população brasileira.

1.3 ATUALIDADE

A partir da segunda metade do século XX, Puke (2018) relata que a indústria infiltrada nas atividades humanas faz triunfar o capitalismo e as tecnologias digitais, configurando uma sociedade consumista e competitiva.

Nesse contexto de uma sociedade baseada em resultados, conforme Mourão (2008), depois de fundada a Federação Paulista de Capoeira, um ano após ela ter sido oficializada como esporte, outras federações surgiram. De um lado opiniões contrárias à esportivização³, que para muitos descaracteriza o aspecto sociocultural da capoeira, por atender interesses da classe dominante e, de outro, quem entende que a esportivização contribui para organizar, uniformizar, divulgar a capoeira e gerar oportunidades para quem dela usufrui. Permanece, entretanto, a capoeira Angola e a Regional, restritas a grupos que propõem preservá-las de forma original, a fim de transmitir às gerações futuras a importância de seu passado e suas raízes históricas e sociais, para que não se torne apenas um esporte competitivo.

Sinceramente desconheço outro esporte em que o histórico da modalidade assume tanta importância como na capoeira. A começar pelo fato da sua história se confundir com a própria história do nosso país. A princípio na colônia, depois no império e na república, passando por guerras e perseguições, a capoeira se fez presente no cotidiano de parte do povo brasileiro (MOURÃO, 2008, p. 109).

Mestre Bimba, segundo Vieira (1998), atribuiu alguns rituais à capoeira, como as passagens de níveis, marcadas com cerimônias de formatura, em que os capoeiristas recebiam um lenço de seda para o pescoço, de cor conforme o nível alcançado. Ele quis organizar a capoeira, criando regras para isso.

Puke (2018) compreende que os mestres buscaram organizar os fundamentos da capoeira para diferencia-la da representação desordeira. Conforme

³ Termo utilizado para representar o processo de transformação de algumas práticas corporais em esporte institucionalizado.

a autora, o “capoeira” passou a ser chamado de “capoeirista”, usando vestes modernas denominadas abadá e um lenço no pescoço. Também inseriu as graduações identificadas por meio de carteirinhas e cordões. Entretanto, mestres Pastinha e Bimba legaram para o mundo os fundamentos desta tradição.

Porém, Puke (2018) acredita que Bimba, ao legitimar a capoeira como um desporto, a desvinculou de alguns elementos referentes à religiosidade.

Esse distanciamento, que ocorre em grande medida nas expressões da capoeira contemporânea, provavelmente procede do receio em relação aos preconceitos e intolerâncias que recaem sobre as manifestações afro-brasileiras. Por isso, observa-se que a capoeira que se expandiu para o mundo, tem acentuado as características esportivas e marciais da prática [...]. Na medida em que a capoeira contemporânea focaliza apenas os aspectos esportivos e marciais da prática, omite ou até exclui os elementos de matriz africana, contribuindo para um processo de “desafricanização” da cultura da capoeira (PUKE, 2018, p. 130).

Mourão (2008) não legitima essa denominada capoeira contemporânea, por não haver um mestre que a tenha criado, permanecendo como referências Angola e Regional, dos mestres Pastinha e Bimba. Repara que se pratica muito a capoeira contemporânea nas academias, portanto descaracterizada, transformada em manifestações violentas de ataques. Mesmo assim, aponta que ainda existe um universo espetacular na capoeira a ser preservado.

Puke (2018) menciona que, atualmente, mestres convertidos ao cristianismo atuam como pastores, utilizando da capoeira como meio de evangelismo e celebração de louvor, alternando com pregação e oração, numa conotação religiosa. Essa capoeira “gospel”, como é chamada, para ela distancia a capoeira da sua originalidade cultural.

Segundo Sobrinho, Castro Jr. e Abib (2012), atualmente, projetos destinados a jovens e crianças carentes utilizam a capoeira como atividade lúdica e educativa, reconhecendo seu valor pedagógico e suas características como uma manifestação cultural, valorizando a autoestima e estabelecendo uma relação mais próxima com a história de seu povo.

Silva (1995) destaca que nos moldes esportivos, a capoeira segue as graduações conforme as cores da bandeira brasileira e que o primeiro campeonato ocorreu em 1975, em São Paulo. Lembra que como manifestação folclórica já era conhecida em outros países, mas como competição, participou em 1982 nos Estados Unidos da América. Depois disso, a prática da capoeira expandiu para vários lugares do mundo.

Conforme Radicchi (2013) cada grupo cria suas regras direcionadas por líderes e a estes, quando se tornam mestres, o aprendiz demonstra sempre muita gratidão, pois entendem que a capoeira dá sentido à vida dos praticantes.

Radicchi (2013) também salienta que a capoeira carrega valores da cultura popular bem-vindos na concepção de educação.

Muitas transformações, considerada como um esporte, vivenciada em projetos, bem-vinda na educação, mas percebe-se que atualmente a capoeira ainda segue buscando seu espaço, seu reconhecimento e respeito diante de tudo o que ela representa para a sociedade brasileira.

CRIANÇAS JOGANDO CAPOEIRA NA ESCOLA



FONTE: arquivo pessoal (2019)

CAPÍTULO 2

CAPOEIRA NA ESCOLA

2.1 OLHAR PEDAGÓGICO SOBRE A CAPOEIRA

Ao refletir sobre a capoeira como conteúdo escolar, deve-se pensar em adaptações dos currículos, mudanças necessárias em vista do que esta manifestação representa e pode contribuir para a educação.

Rangel (2010) considera que inserir a capoeira na escola é evoluir, pois nela não cabe exclusão ou preconceito.

Nesse sentido, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004), os princípios norteadores são: consciência política e histórica da diversidade, fortalecimento da identidade e de direitos, ações educativas de combate ao racismo e à discriminação (BRASIL, 2004, p. 18).

Essas diretrizes tratam de políticas públicas, valorizando a diversidade étnico-racial e cultural, analisando as desigualdades entre negros e brancos na educação.

Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos (BRASIL, 2004, p. 15).

Todavia, segundo Fourez (2008), o sistema de educação não tem por objetivo mudar a sociedade, mas sim reproduzi-la, o que não impede a escola de promover mudanças. Pode-se transmitir o passado a gerações futuras, modelando ideias para um futuro melhor.

Freire (1996, p. 112) ao considerar as questões socioemocionais e a importância do educador, diz que a escola tem a obrigação de se posicionar pela mudança: “se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode”.

Vasconcellos (2003) ressalta que o professor tem o poder de gerar mudanças, afirmando que é fundamental acreditar que as coisas mudam e que, diante do enfrentamento dos problemas educacionais, espera-se que além das práticas, haja mudanças de convicções (crenças, valores, visão de mundo) para saber que tipo de pessoa e sociedade se quer formar.

Conforme Radicchi (2013), o aluno constrói sua identidade participando da capoeira, remetendo-lhe valores culturais e, as manifestações dessa cultura popular

devem ser bem trabalhadas pelos educadores que se propuserem a ensiná-la. Porém, isso somente é possível se houver mudanças de consciência e também no sistema de ensino.

Entretanto, Silva (1995) constata que a capoeira está sendo incluída no currículo de várias escolas e devemos não mais encará-la como marginalização. Ressalta que podemos incriminar pessoas dos vários segmentos da sociedade que dela se utilizam para estragar, enegrecer e encobrir seus verdadeiros objetivos de socialização, saúde, educação e integração da mente e do corpo.

Logo, analisando pedagogicamente, Santos (2002) ilustra a capoeira como instrumento educativo de valores morais e socioculturais no ensino e na aprendizagem, ligada ao desenvolvimento intelectual, corporal, social e cultural, que promove saúde, consciência de cidadania, respeito às diferenças e liberdade.

Integrando toda a sociedade, Breda (2010) salienta a necessidade de conscientizar os educadores que, na capoeira, o negro vivencia sua história positivamente, o que pode ajudar a criança negra a ser inserida num contexto amplo, que alcança todos os níveis sociais, da Educação Infantil ao ensino superior e instiga o educador a promover ações em ambientes educacionais, contra a discriminação e o preconceito racial, reformulando o currículo racista.

Conforme Sobrinho, Castro Jr. e Abib (2012), uma grande maioria dos jovens é oriunda da raça negra e o projeto político-pedagógico tem que levar em conta o universo cultural afro-brasileiro.

Ainda nesse contexto de combate ao racismo, consta no Art. 1 do Estatuto da Igualdade Racial - Lei 12.288/10, de 20 de julho de 2010 - “garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica” (BRASIL, 2015, p. 13).

A criança é um ser da sociedade e trabalhar com a capoeira auxilia o educador a preparar cidadãos para o mundo. Abrão e Figueiredo (2011) entendem o jogo da capoeira como elemento pedagógico antigo para a educação e o desenvolvimento da criança, antes visto apenas como distração, relaxamento e recreação, sendo hoje um artifício pedagógico para o ensino, despertando profissionais como pedagogos e psicólogos pela atividade e cultura lúdica. Como um ser da sociedade, o aprender brincando antecipa o que a criança virá a tornar-se.

Inserindo a capoeira na escola, Darido e Rangel (2011) declaram que todos podem e devem jogar, porém o nível de cada jogo e brincadeira deve ser adaptado aos executantes, em exigência e complexidade, compreensão e habilidade.

Para jogar, as pessoas são convidadas a “vadiar”. Puke (2018, p. 115) define a vadiação como “o tempo do não trabalho que dá lugar à brincadeira, à espontaneidade e ao desfrute do prazer”.

Ao começar o jogo, relata Campos (2001) que a ginga é responsável pelas esquivas e molejos do capoeirista, preparando-o para os golpes desequilibrantes e traumatizantes de ataque e movimentos básicos de defesa, entre várias sequências de movimentos, com nomes específicos na capoeira. Enfatiza que a ideia é que o aluno participe de maneira integrada, jogando, tocando e cantando.

Para aprender os movimentos da capoeira, segundo Darido e Rangel (2011), deve-se entender que ela se aproxima ora do jogo, ora da luta, ora do esporte e ora da dança, conforme o período histórico considerado. Dois jogadores se cumprimentam e começam a jogar, colocando em prática os movimentos que aprenderam, enquanto o cantador faz um canto corrido e os demais em roda vão respondendo ao coro. Termina o jogo quando a dupla sai, se um jogador se cansa e agacha no pé do berimbau⁴, chamando o companheiro para cumprimentá-lo ou, se o tocador, por motivo de tempo, violência ou dar lugar a outros, chama os jogadores.

Conforme Cardoso et al. (2006), o jogo, a luta e a dança se interpenetram. Interpreta que como jogo, representa uma constante negociação corporal; como luta, não é contra um feitor ou alguém, mas contra todo tipo de opressão, por uma sociedade melhor; enquanto dança, como gingado centrado nos quadris, no embalo do berimbau, no espaço da roda, na improvisação, encenando entre o lúdico e o combativo.

Na roda da capoeira, Santos (2002) explica que o ritmo africano presente está relacionado com a formação da identidade e as músicas expressam o desenvolvimento sociocultural brasileiro. Considera necessário ter conhecimento histórico da capoeira, pois é uma manifestação afro-brasileira e as músicas interpretam o setor que a construiu, acompanhadas por palmas e instrumentos como

⁴ (MICHAELIS on-line, 2020) Instrumento de percussão introduzido no Brasil pelos escravos, constituído por um arco de madeira, cujas extremidades se ligam por um fio de metal acoplado por uma meia cabaça presa na extremidade inferior. É percutido com uma vareta ou uma moeda para marcar o ritmo.

o berimbau, pandeiro, atabaque, reco-reco e agogô, onde o corpo “fala” gerando emoções e sentimentos.

Entendendo a dança na capoeira, Puke (2018, p. 27) descreve que por meio do ritmo, seres dotados de força e energia renovadoras, nas experiências comunitárias e festivas, dançam “gingando e esquivando entre os golpes de um cotidiano despótico”. Interpreta que o corpo africano por meio da música e dos ritos litúrgicos recupera suas memórias, integrando presente, passado e futuro.

Revela Puke (2018), que a dança é cadenciada pelo toque do berimbau, utilizado também no passado para avisar quando chegava alguma autoridade, para dispersar os capoeiristas ou disfarçar a luta em samba. Os corpos balançam no ritmo e os movimentos com os pés disfarçam o combate.

Conforme Puke (2018, p. 113), a roda evoca a ideia de continuidade e unidade, onde “os corpos compõe um só corpo, que não tem começo e não tem fim”, não apenas para exhibir desempenho, mas um lugar de ritual, de reafirmação da cultura afro-brasileira. No meio da roda, a ginga, movimento ícone da capoeira e base de todos os movimentos, de movimentação oscilatória e de balanço do corpo, assume aparência de passo de dança. Privilegiando o baixo corporal, os quadris e os pés, a ginga é marcada por um movimento contínuo de vaivém, expressando gestos de um cotidiano rural.

Em toda essa beleza histórica que também descreve a capoeira, Santos (2002) profere sua importância para todos os níveis de escolaridade, por ser um produto africano de subsistência à escravidão e símbolo da cultura brasileira.

Se considerarmos cultura num sentido amplo, conforme Salvador (1994, p. 121), como “conjunto de respostas coletivas que os membros de um determinado grupo social geraram para poder superar as inúmeras dificuldades encontradas ao longo de sua história”, vendo educação como práticas sociais que asseguram a um grupo adquirir experiências históricas e culturais organizadas, pode-se claramente vincular o ensino da capoeira à escola, pela contribuição cultural e sua historicidade.

Nesse sentido, Neira (2006) declara que os jogos, as brincadeiras e as atividades rítmicas revelam a cultura corporal de cada grupo social em atividades que o movimento aprendido ganha significado.

No contexto da cultura corporal, Abrão e Figueiredo (2011) mostram que a capoeira, por se tratar de um jogo de movimentos corporais, auxilia na ampliação das diferentes habilidades motoras como caminhar, correr, saltar e pular.

Entre todas essas habilidades, Campos (2001) menciona que a capoeira pode ser contemplada na escola como luta, dança e arte, folclore, esporte, educação, lazer e filosofia de vida, deixando que o educando busque a sua identificação em qualquer destas formas, cabendo ao professor orientar e estimular.

Campos (2001) ainda menciona que é fácil implantar a capoeira na escola, da sala de aula a áreas livres, de instrumentos e vestimenta simples. Interpretada como riquíssima em movimentos e ritmo, onde a roda se reveza em banda e coro, proporcionando satisfação pessoal, consciência corporal, mecânica de movimento e expressão autêntica.

Pode-se então compreender a riqueza do conteúdo desta manifestação popular, a capoeira, mas percebe-se que outros esportes mais competitivos são mais explorados no ambiente escolar. Nota-se também, neste contexto, que muitos alunos já chegam às escolas cientes de que não há igualdade de oportunidades na sociedade. Fourez (2008) destaca:

A competitividade na escola mascara o fato de que há diferenças entre as pessoas e os grupos sociais. Ela hierarquiza as relações humanas. Postula uma igualdade de oportunidades impossíveis na sociedade de classes. Ela mantém a ilusão da democracia e desencoraja assim os desfavorecidos (FOUREZ, 2008, p. 69).

A competição está atrelada às relações sociais e emocionais. Para Darido e Rangel (2011), os alunos precisam compreender que o jogo pode ser aproveitado para competição, desde que se respeitem as regras e não usem de violência para resolver conflitos.

Entretanto, o professor pode escolher as atividades que permeiam as relações socioemocionais. Silva (1995) afirma que o professor decide a estrutura a seguir, dando forma à aula a partir da diretriz educacional, sem focar no objetivo do jogo, mas na necessidade de ser dado, preocupando-se com o lúdico. O autor acredita que as aulas podem ser recreativas, pois a diversão é tão importante quanto o trabalho, com regras flexíveis em que o prazer de participar, de cooperar, é tão importante quanto competir e vencer.

Sendo assim, o professor deve estar atento para o currículo. Salvador (1994) assegura que o currículo deve guiar e justificar a educação escolar, concretizar e precisar os aspectos do desenvolvimento pessoal do aluno, considerados importantes no domínio da cultura do grupo, promovendo aprendizagens específicas, com plano de ação adequado de atividades especialmente preparadas, sem desconsiderar junto à educação escolar, outras práticas também importantes

para o desenvolvimento da criança como a educação familiar, a dos meios de comunicação e das atividades de lazer.

O currículo deve ir além dos conteúdos:

Quando se entende o currículo como algo mais do que um resumo de conteúdos intelectuais e de matérias, as atividades necessárias para desenvolvê-lo nas escolas partirão de um conceito mais amplo de cultura, [...] exigirão a presença de outros educadores e o aparecimento de diversos recursos comunitários (SACRISTÁN; GÓMES, 1998, p. 269).

Sacristán e Gómez (1998, p. 122) ressaltam que “o tema fundamental para a análise da prática do ensino está em ver como se cumpre a função cultural das escolas”. E a capoeira pode enriquecer o currículo e as funções educativas.

Dessa maneira Breda (2010), professor pesquisador de capoeira, publicou um artigo considerando-a como prática educativa transformadora em tempos de globalização, de consumismo e individualismo, onde ela representa uma emergência social de valores culturais. Ressente do fato que os próprios educadores não dominam os conteúdos históricos, faltando-lhes conhecimento. Legitima a capoeira como uma manifestação cultural libertária por excelência, hoje reconhecida como ferramenta educativa para a escola brasileira.

Enfim, no olhar pedagógico para a capoeira, se torna evidente a possibilidade de se trabalhar todo contexto de resgate histórico e cultural brasileiro, como também as questões sociais e emocionais para intervir nos conflitos existentes. Não é necessário muito recurso para que, de maneira prazerosa, se aprenda a cooperar, respeitar, ter disciplina e responsabilidade, educando com a capoeira.

2.2 O ENSINO DA CAPOEIRA NA INFÂNCIA

Para as ações educativas, dos objetivos e condições para a organização curricular, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica orienta:

O reconhecimento da constituição plural das crianças brasileiras, no que se refere à identidade cultural e regional e à filiação socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa, é central à garantia de uma Educação Infantil comprometida com os direitos das crianças (BRASIL, 2013, p. 90).

A finalidade da Educação Infantil, considerada a primeira etapa da educação básica, segundo o Art. 29 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de nº 9.394/1996, é “o desenvolvimento integral da criança de até cinco anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.” (BRASIL, 2005, p. 17).

Conforme a BNCC “a interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças” e a instituição escolar deve promover oportunidades ricas de interação, em que as crianças possam explorar e vivenciar movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas, descobrindo como utilizar bem o espaço e o corpo (BRASIL, 2017, p. 33).

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, danças, teatro e música, utilizar sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais durante brincadeiras de faz de conta, encenações, criações musicais, festas (BRASIL, 2017, p. 26).

Isso posto, Gallardo, Oliveira e Aravena (1998) definem a idade dos quatro aos cinco anos como estágio elementar de execução dos movimentos, descobrindo novas formas de utilizar as habilidades motoras onde já atendem as regras das brincadeiras e seguem amadurecendo para a combinação dos movimentos.

Neira (2006) fala sobre a importância do movimento para o desenvolvimento e cultura humana em que a criança, interagindo com o mundo, vai adquirindo controle sobre seu próprio corpo:

[...], ao brincar, jogar, imitar e criar ritmos e movimentos, as crianças também se apropriam do repertório da cultura corporal na qual estão inseridas. Nesse sentido, as instituições educacionais devem favorecer um ambiente físico e social onde a criança se sinta estimulada e segura para ariscar-se e vencer desafios (NEIRA, 2006, p. 114).

Portanto, Cardoso et al. (2006) mostra que, a capoeira como cultura de movimento, está vinculada ao “se-movimentar” de quem tem história, contexto, vida, em busca da liberdade. O autor propõe aulas ministradas estrategicamente com finalidades pedagógicas e acredita que a encenação pode possibilitar vivências socioemocionais. Interpreta a capoeira como dança, luta e jogo, brincadeira de caráter festivo, que amplia os movimentos com as gingas. Um lutar dançando, um jogo onde corpos se negociam e a ginga impede conflitos, vivenciada a partir de suas próprias mudanças históricas como força transformadora de tensões.

Nota-se que é da natureza da capoeira o domínio das emoções. Entretanto, Silva (1995, p. 72) alega que “a violência está presente tanto nas atividades esportivas como num simples jogo de crianças”, pois até entre amigos e parentes há discussões e agressões e, infelizmente, pessoas sem conhecimento deturpam o valor educacional do jogo, valorizando movimentos agressivos.

Devido a isso, Mourão (2008) que ensina capoeira para crianças, lamenta por não se ver mais rodas de capoeira autêntica e divertida nas praças e percebe alguns capoeiristas muito sérios, violentos e que se odeiam. Porém, ele ensina seus alunos a brincar com a capoeira e a descobrir novas possibilidades do corpo. Estimula o prazer de praticar afim de que se socializem, sejam livres de preconceitos e adquiram autocontrole e confiança.

Esse “brincar” pode ter início na Educação Infantil. Abrão e Figueiredo (2011) discutem a capoeira na infância, lembrando que no processo de ensino aprendizagem o educador deve priorizar o universo cognitivo, motor e afetivo-social e, a capoeira, possibilita intervenções pedagógicas até os seis anos de idade por meio do movimento e da musicalidade.

Afirma Rangel (2010) que as músicas da capoeira são simples e orienta que o professor inicie a aula cantando musiquinhas da Educação Infantil conhecidas pelas crianças, no ritmo da capoeira, pois a criatividade desperta o interesse de aprender. A autora aponta que inserir a capoeira no ambiente escolar é respeitar a cultura afro-brasileira, colaborando para a formação crítica da sociedade.

Das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica:

Desde muito pequenas, as crianças devem ser mediadas na construção de uma visão de mundo e de conhecimento como elementos plurais, formar atitudes de solidariedade e aprender a identificar e combater preconceitos que incidem sobre as diferentes formas dos seres humanos se constituírem enquanto pessoas. Poderão assim questionar e romper com formas de dominação étnica, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa, existentes em nossa sociedade e recriadas na relação dos adultos com as crianças e entre elas (BRASIL, 2013, p. 87).

Nessa construção de uma sociedade melhor, Goleman (2012, p. 178) preconiza a ideia de “elevar o nível de competência social e emocional nas crianças como parte de sua educação regular”. O autor percebe que muitas vezes o professor passa tempo tentando manter a disciplina, descartando a possibilidade de uma ajuda oportuna e a missão de desenvolver competência emocional em momentos de crise pessoal. Acredita que a escola deve ensinar para a vida, muitas vezes entrando no lugar de famílias que falham na socialização das crianças e, o professor, deve estar qualificado para isso, pois quando intervém em um aluno todos observam e aprendem a lição.

Essa formação do professor, compreendida por Neira (2006), vai da Educação Infantil ao ensino superior e espera-se uma qualificação profissional mínima com habilitação legal e técnica para o exercício profissional.

Segundo Triviños e Molina Neto et al. (2004), a formação do professor é essencial para a qualidade da educação e suas atitudes não estão apenas relacionadas à sua trajetória profissional. Alegam que mesmo que a consideração por seu trabalho ou como ele é avaliado interfiram, é interessante que o professor tenha sempre o desejo de aprender para se dedicar a outros. Que procure compreender a prática em grupo, para bem utilizar os saberes e responder questões educacionais.

Sendo assim, ainda que o professor não se sinta apto para levar a capoeira à sala de aula, Mourão (2008) considera que chamar um grupo para se apresentar na escola pode contribuir pedagogicamente para com o ensino e a aprendizagem.

O professor precisa entender a capoeira como uma das formas da criança explorar o mundo. Nos campos de experiência para Educação Infantil, a BNCC considera que:

Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade (BRASIL, 2017, p. 36).

Ainda que comece apenas por transmitir conhecimentos históricos, pode-se relacionar a capoeira com datas importantes como as que se comemoram a Independência, o Folclore, a Consciência Negra, permitindo que as crianças representem os personagens e aprendam brincando.

Diante desse contexto histórico, observa-se nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, Proposta Pedagógica e Diversidade: “O reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação” (BRASIL, 2010, p. 21).

Rangel (2010) afirma que as crianças se interessam por histórias e ensinar a história da capoeira é muito importante. A criança se coloca por meio da capoeira numa relação direta com a história do Brasil, que é a sua história.

2.3 O ENSINO DA CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Segundo Campos (2001), na Educação Física a capoeira encontrou seu espaço na escola, inserindo nos programas seus valores educativos, esportivos e culturais.

O trabalho com a capoeira na formação de cidadãos, desenvolvendo competências, se relaciona aos objetivos educacionais na Educação Física. Para esses objetivos Neira (2006) coloca:

A prática pedagógica da Educação Física deverá articular-se com o Projeto Político-pedagógico da instituição e com os objetivos educacionais pretendidos para a Educação Básica e, considerando ainda, a situação concreta dos alunos, a especificidade da comunidade local e a formação do professor, serão elaboradas as atividades pedagógicas a fim de desenvolver as competências necessárias à formação integral do cidadão (NEIRA, 2006, p. 121).

Medeiros e Peres (2007) dispõem da possibilidade de difundir a capoeira na escola como prática regular da Educação Física para todas as idades, classes sociais, crenças e etnias, reduzindo distâncias socioculturais. Consideram também necessária uma conduta interdisciplinar com outras áreas do conhecimento como História e Geografia, por exemplo, pelo contexto social, político, econômico e espacial que a justifica.

Essa aproximação sociocultural está prevista no Art. 26, § 4, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de nº 9.394/1996 - “O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia” (BRASIL, 2017, p. 20).

Nesse processo de formação, Silva (1995) esclarece que os professores de Educação Física, como verdadeiros educadores que são, devem educar as crianças para um amanhã melhor onde pessoas vencedoras e vencidas deem as mãos e façam do esporte um meio de unir povos, que desenvolve corpo e espírito. Entende que para isto, deve-se valorizar o jogo leal, sem agressões, não enfatizar a vitória e a formação de atletas. Esclarece que professores, técnicos e mestres são educadores e, antes de formar campeões, estão formando seres humanos.

Entretanto, se deve atentar aos aspectos físicos também trabalhados na capoeira. Campos (2001) relata que mestre Bimba via a capoeira como excelente forma de ginástica para desenvolver as qualidades físicas de base, os sistemas aeróbico, anaeróbico e muscular. Também que no próprio jogo o capoeirista mostra seu potencial e é necessário condicionamento físico, técnico e tático. Destaca que muitas qualidades físicas (coordenação, equilíbrio, velocidade, destreza, agilidade, flexibilidade e resistência) são trabalhadas na movimentação e envolvem todos os músculos, articulações e funções do corpo. Alega também que para precisão é necessário percepção, noção de distância, lateralidade, ritmo, reflexo e coragem.

A Educação Física na BNCC propõe o desenvolvimento de habilidades e competências, ampliando a consciência dos movimentos corporais e desenvolvendo autonomia. É um componente curricular previsto pela LDB de 1996, compreendida na BNCC como práticas corporais na área de linguagens (como textos culturais passíveis de leitura e produção), em continuidade às experiências vividas na Educação Infantil. A capoeira se encontra no componente Educação Física, na unidade temática de lutas, focalizando disputas corporais (BRASIL, 2017).

Conforme Cardoso et al. (2006), a capoeira também se encontra entre as danças brasileiras, como danças folclóricas e culturas nativas da cultura de movimento no ensino escolar. Assim como outras artes, o autor acredita que a dança possibilita comunicação e expressão próprias onde imaginação e criatividade são fundamentais. Entende a capoeira como conteúdo da Educação Física, que desenvolve seres criativos e autônomos, trabalha com as diferenças na improvisação e elaboração dos movimentos “desestereotipados”.

Na Educação Física escolar, Abrão e Figueiredo (2011) compreende que a capoeira deve abranger movimentos, trabalhar conceitos históricos, brincadeiras musicadas e jogos, estimular o gosto e proporcionar a vivência de elementos até então desconhecidos. Também afirma que se deve priorizar a tomada de consciência do corpo por meio de brincadeiras lúdicas, contribuindo para o aperfeiçoamento do indivíduo como ser social.

Gallardo, Oliveira e Aravena (1998) orientam que a Educação Física escolar contribua para o lazer e qualidade de vida. Identificam que a criança deve aprender a viver em sociedade, vivenciando elementos da cultura corporal relevantes para seu grupo social. Apontam que o aluno é um todo integrado, com capacidade crítica para situar-se no mundo e também transformá-lo.

Conforme Radicchi (2013), a presença da capoeira nas aulas de Educação Física não é novidade, mas resultado de esforço profissional.

O professor deve compreender, segundo Puke (2018), a capoeira como uma atividade pedagógica, um esporte que possibilita a disciplina do corpo e do caráter.

Precisamente na Educação Física, a capoeira não é apenas mais um esporte. Entre os movimentos, a ludicidade e todo contexto histórico e cultural, as crianças encontram prazer em vivenciar, hoje tão necessário em meio aos avanços tecnológicos agregados ao sedentarismo e tantos conflitos socioemocionais.

2.4 A CAPOEIRA NAS RELAÇÕES SOCIAIS E EMOCIONAIS

Entende-se que a capoeira pode estimular atitudes socioemocionais.

Mediante os apontamentos descritos anteriormente, Campos (2001) contribui ao mencionar que o praticante vivencia experiências múltiplas e magníficas que lhe proporcionam uma satisfação pessoal sem precedentes. Esse autor destaca que a capoeira é muito importante na formação global do ser humano, que os movimentos desenvolvem criatividade e interesse pelas artes e cultura, proporcionando mudanças de comportamentos por meio das diversas experiências vivenciadas.

Haja vista que problemas comportamentais emergem das interações entre as crianças no ambiente escolar. Entretanto, além das classificações dos sistemas educacionais que se voltam para leitura, ciências e matemática, atualmente se têm falado em competências socioemocionais, referentes ao desenvolvimento nas relações sociais e emocionais, levando educadores da educação básica a buscar métodos que beneficiem a aprendizagem dos educandos.

Um levantamento para apresentação de um artigo denominado “O Ensino da Capoeira na Educação Infantil na Perspectiva do (a) Professor (a)”, para o Congresso Brasileiro de Educação (CBE) de 2019 – UNESP/Bauru, por meio do relato de nove professores (as) entrevistados (as), demonstra os comportamentos das crianças que mais os incomodam na Educação Infantil e a ação tomada por estes (as) para a resolução dos conflitos:

Quadro 1 – RELATOS DOS(AS) PEDAGOGOS(AS) DE COMPORTAMENTOS E AÇÕES

COMPORTAMENTOS		AÇÃO DO(A) PROFESSOR(A)	
Apatia	6 – 66,7%	Contos	5 – 55,6%
Agressividade	5 – 55,6%	Conversa	5 – 55,6%
Agitação	4 – 44,4%	Brincadeiras	5 – 55,6%
Outros	4 – 44,4%	Apoio da gestão	4 – 44,4%

Fonte: arquivo pessoal (2019)

É possível observar no quadro que está nas mãos do professor encontrar meios adequados para a resolução de conflitos. A capoeira não é única nesse sentido, mas pode ser uma opção relevante entre as demais ações que, muitas vezes, acontecem apenas na sala de aula.

Para afirmar valores e estimular ações, contribuindo para uma sociedade mais humana e justa, a BNCC define entre as competências gerais:

Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas; Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2017, p. 8).

Nesse sentido, por informações fornecidas pela secretaria da educação municipal de São Paulo, o jornal “O Estado de São Paulo” destacou recentemente as competências socioemocionais que devem estar presentes em todas as disciplinas do currículo da rede municipal de São Paulo: resolução de problemas, comunicação, autoconhecimento e autocuidado, autonomia e determinação, abertura à diversidade, responsabilidade e participação, empatia e colaboração, repertório cultural, pensamento científico, crítico e criatividade.

Diante desse propósito de intervir para resolver conflitos, em sua obra “Inteligência Emocional – A Teoria Revolucionária Que Redefine o Que é Ser Inteligente”, Daniel Goleman (2012) instiga os educadores a considerar as dificuldades nas relações sociais e emocionais de seus educandos e buscar meios de contribuir para um desenvolvimento que lhes proporcione um futuro melhor.

Goleman (2012, p. 255) acredita que “as forças psicológicas que atuam em crianças agressivas aumentam muito a probabilidade de virem a ser criminosos violentos”. Considera a Inteligência Emocional como uma capacidade que interfere profundamente nas outras.

Na medida em que nossas emoções atrapalham ou aumentam nossa capacidade de pensar e fazer planos, de seguir treinando para alcançar uma meta distante, solucionar problemas e coisas assim, elas definem os limites de nosso poder de usar nossas capacidades mentais inatas, e assim determinam como nos saímos na vida (GOLEMAN, 2012, p. 103).

Esse autor ainda aponta que ajudar a criança a controlar suas emoções não só melhora o comportamento, mas o ambiente escolar e o desempenho acadêmico, pois criança triste evita contato social e tende a sofrer depressão, além da dificuldade de aprender. Orienta os professores a alfabetizar emocionalmente nossas crianças, pois a primeira oportunidade para moldar a inteligência emocional está nos primeiros anos entre família e escola.

A educação emocional para Steiner e Perry (2001) cria possibilidades de afeto entre as pessoas, torna possível o trabalho cooperativo e viabiliza contato.

Afirmam que relações estimulantes encorajam a viver e que um ser emocionalmente educado lida bem com emoções desenvolvendo poder pessoal e qualidade de vida.

Nesse ínterim, cada indivíduo, de acordo com Elias (1994), pode ser muito diferente ao nascer, mas é na sociedade que a criança pequena se transforma num ser mais complexo. O autor entende que a criança precisa da sociedade para tornar-se adulta, pois ideias e comportamentos vêm da relação com o outro e o autocontrole é adquirido nas relações sociais. Acredita que as estruturas da psique humana, sociedade e história, só podem ser estudadas em conjunto e que o controle comportamental depende da estrutura de relações entre indivíduos.

Nesta visão de coletivo, entre as Competências Gerais da Educação Básica da BNCC também se destaca o “agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários” (BRASIL, 2017, p. 8).

Elias (1994) também ressalta que as relações familiares muitas vezes sufocam a capacidade de sentir alegria e realização, porém, o ser humano tem necessidade de amar e ser amado:

A necessidade de amar e ser amado é, em certa medida, a mais vigorosa condensação desse anseio humano natural. Ela também pode assumir a forma da oferta e recebimento de amizade. Seja qual for a forma que assuma, porém, essa necessidade emocional de companhia humana, o dar e receber das relações afetivas com outras pessoas, é uma das condições fundamentais da existência humana (ELIAS, 1994, p. 165).

Nessa conjuntura de lidar com o outro, Campos (2001) coloca que a capoeira tem influência direta no aspecto cognitivo, estimulando coragem, respeito, autoconfiança, cooperação, formação do caráter e da personalidade. O autor entende que a aprendizagem não está somente no aspecto técnico de luta e esporte, mas na transmissão dos elementos que envolvem sua cultura, história, origem e evolução, para que o educando participe efetivamente do contexto da capoeira.

Diante desses aspectos relacionados ao conceito anteriormente descrito de competências, os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC para a Educação Infantil atribui à criança perceber que suas ações têm efeitos no outro, demonstrando atitudes de cuidado e solidariedade na interação com crianças e adultos e, demonstrando empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir. Orienta que:

Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, resolução de conflitos e regulação das emoções (BRASIL, 2017, p. 33).

A BNCC valoriza que na Educação Infantil a criança entre em contato com outros grupos sociais e culturais para perceber a si mesma e ao outro, respeitar e reconhecer as diferenças como seres humanos (BRASIL, 2017).

A fim de que os educadores se mobilizem para mediar essas interações socioemocionais, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil orientam que as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil devem assegurar o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação e a dignidade da criança como pessoa humana, sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010).

Enfim, a capoeira pode e deve ser ensinada nas escolas desde a infância, pois além de contribuir no desempenho escolar, desenvolve competências socioemocionais, formando cidadãos equilibrados para o futuro.

No contexto do jogo, da luta, da dança ou do esporte, a capoeira é parte da história do Brasil. Que a capoeira seja, portanto, reinterpretada e disseminada como patrimônio histórico cultural brasileiro.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Capítulo destinado aos procedimentos metodológicos utilizados, cujo método qualitativo foi considerado como a abordagem adequada para a finalidade da pesquisa. Triviños e Molina Neto et al. (2004), explicam que este tipo de investigação se concentra na descrição, análise e interpretação de informações recolhidas durante o processo, procurando entendê-las de forma contextualizada, sem generalizar.

Conforme Denzin e Lincoln (2006):

A pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a ele conferem (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

Para esses autores, cientes de seus deveres cívicos, os pesquisadores qualitativos preocupam-se com o ponto de vista do indivíduo, “imaginam que tenham condições de se aproximar mais da perspectiva do ator através da entrevista e da observação detalhadas” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 24).

3.2 UNIVERSO DA PESQUISA

A presente pesquisa devidamente aprovada pelo Comitê de Ética nº 2997997 (Apêndice G) foi realizada em uma cidade do interior de São Paulo, que possui em sua rede municipal um total de dezenove escolas, sendo dez de Educação Infantil. Três destas dez escolas de Educação Infantil contribuíram para a coleta de dados da pesquisa, cada uma de uma região da cidade: central, intermediária e da periferia.

Segundo informações da Secretaria de Educação desta cidade, aproximadamente um mil e novecentas (1900) crianças compõe a Educação Infantil municipal, entre berçário, maternal e pré-escola, contando com algumas salas de período integral. Procura-se trabalhar em conjunto com as famílias por meio de reuniões bimestrais, dando sempre abertura ao diálogo. A prefeitura oferece merenda escolar com acompanhamento nutricional e também, embora as matrículas seguem de acordo com a proximidade do local de habitação de cada aluno, toda a população se beneficia de transporte municipal gratuito.

Para todas as escolas municipais desta cidade foi adotado o sistema SESI de ensino e as crianças recebem gratuitamente o material escolar. O sistema oferece à equipe pedagógica de três a quatro cursos de formação/capacitação por ano, para melhor qualidade do ensino.

O Referencial Curricular (2016) do sistema SESI-SP de ensino para Educação Infantil tem como proposta abranger crianças de zero a cinco anos, considerando as características e identidade desta faixa etária no que diz respeito ao desenvolvimento integral em seus aspectos físico, afetivo, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade, em conformidade com as Leis de Diretrizes e Bases da Educação. Fundamenta-se em:

Uma concepção de educação que engloba o ensino, a aprendizagem e a pesquisa a partir de uma abordagem sociointeracionista, que considera o conhecimento como processo de construção fundado no diálogo permanente entre professores e estudantes (SESI-SP, 2016, p. 30).

Concepção esta, consolidada nos trabalhos de três autores: Lev Semyonovich Vygotsky (1896-1934), Jean Piaget (1896-1980) e Henri Wallon (1879-1962), que se preocupam em “entender a relação dinâmica e dialética existentes entre a ação humana e os contextos históricos, sociais e culturais em que essas ações ocorrem” (SESI-SP, 2016, p. 31).

A Educação Infantil desta cidade não conta com professor especialista de Educação Física e a capoeira não está diretamente inserida nos conteúdos curriculares, deixando assim a critério do professor ensinar ou não a respeito, conforme os conteúdos dos eixos para inseri-la.

De acordo com o Referencial Curricular SESI-SP (2016), o currículo trabalha cinco eixos na Educação Infantil: linguagem oral e escrita, arte, cultura corporal, matemática e, natureza e sociedade. O eixo de Arte reivindica o direito às manifestações artístico-culturais em diversas formas, inclusive dança e música, voltando-se para o respeito à diversidade cultural, religiosa, étnica, econômica e social do país e a necessidade de se criar espaços para expressões e materializações de ideias, considerando as dimensões lúdicas e estéticas como fundamentais para formação humana. O eixo Natureza e Sociedade amplia a compreensão sobre o meio, a própria história, forma de viver e se relacionar, trabalhando a diversidade cultural e conhecimentos históricos e sociais. O eixo Cultura Corporal relaciona diversas manifestações de movimento como dança, jogo, lutas, brincadeiras e esportes, reconhecendo o corpo como primeira linguagem com

o mundo e atenta para o reconhecimento e desenvolvimento de habilidades, considerando sempre a intencionalidade do professor.

Os coordenadores das escolas se dedicam junto à equipe pedagógica, para corresponder às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), destacando as competências para a Educação Básica. A não ser por essas orientações, não existe um plano específico para lidar com questões de natureza socioemocional, a não ser contar com três psicólogos disponíveis na rede municipal para dar assistência quando necessário.

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Foram convidados e concordaram em participar da pesquisa nove professoras, três coordenadoras e três diretoras. Totalizando quinze pedagogas de Educação Infantil desta rede municipal de ensino, do quadro de funcionários públicos, com experiência em docência para Educação Básica.

Três profissionais da capoeira que atuam no município e região também participaram da pesquisa, sendo um professor, um contramestre e um mestre.

Quadro 2 – PARTICIPANTES DA PESQUISA

PEDAGOGAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL MUNICIPAL	QUANT.
DIRETORAS	3
COORDENADORAS	3
PROFESSORAS	9
PROFISSIONAIS DA CAPOEIRA	QUANT.
PROFESSOR	1
CONTRAMESTRE	1
MESTRE	1
TOTAL DE PARTICIPANTES	18

Fonte: arquivo pessoal (2019)

Vale ressaltar que o quadro de funcionários (as) pedagogos (as) das escolas municipais participantes da pesquisa não dispôs de pessoas do sexo masculino e entre os profissionais da capoeira não havia pessoa do sexo feminino.

3.4 TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada por ser, de acordo com Severino (2007), uma técnica que envolve ciências humanas,

um instrumento que possibilita ao pesquisador absorver o que os sujeitos sabem e fazem sobre o tema, para então categorizar as respostas das questões.

Triviños e Molina Neto et al. (2004) definem que a entrevista semiestruturada obtém informações de questões concretas, permitindo explorações não previstas, dando liberdade ao entrevistado para abordar o que pensa sobre o tema.

Os roteiros das entrevistas constam nos apêndices E e F, elaborados para análise do contexto de ensino da capoeira e da questão socioemocional, na Educação Infantil, na perspectiva das pedagogas municipais e profissionais da capoeira. As entrevistas foram gravadas em áudio para evitar perdas de informações e as respostas das questões foram utilizadas para análise.

As etapas foram definidas para identificar como a capoeira é ensinada na Educação Infantil das escolas municipais e o conhecimento das pedagogas e profissionais da capoeira sobre a história da capoeira e sobre o tema socioemocional nas relações das crianças.

As respostas obtidas e analisadas no contexto proposto foram fundamentais para a produção de um vídeo sobre o ensino da capoeira, direcionado aos pedagogos, alunos e familiares destes.

Cuidados devidos foram tomados para que houvesse uma relação de confiança entre entrevistador e entrevistado, deixando os entrevistados bem confortáveis, conforme indicam Ferreira e Amado (2001).

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Conforme Bardin (2009), em leitura flutuante na pré-análise, estabelecendo contato com os documentos de análise e explorando o material para sistematizar ideias, foram seguidas as etapas. Os dados foram organizados, agrupados e interpretados com a literatura específica, unindo as opiniões, proporcionando uma visão ampla sobre o ensino da capoeira e relações socioemocionais.

A transcrição das entrevistas consta no ANEXO 1 e os entrevistados foram identificados como E1, E2, E3, até E18.

Os resultados apresentados correspondentes à interpretação das falas foram agrupados em duas categorias de análise: identificar o ensino da capoeira na Educação Infantil do município e verificar o conhecimento e o trabalho com a questão socioemocional, interpretadas primeiramente as falas das pedagogas e na sequência as dos profissionais da capoeira.

CAPÍTULO 4

ENSINO DA CAPOEIRA E QUESTÃO SOCIOEMOCIONAL NA PERSPECTIVA DE PEDAGOGAS E PROFISSIONAIS DA CAPOEIRA

Para identificar o ensino da capoeira na Educação Infantil do município, foram analisados os seguintes tópicos:

- Se ensina a capoeira, como é ensinada.
- Se tem conhecimento sobre a história da capoeira.
- Se reconhece o significado do ensino da capoeira na Educação Infantil.

Para verificar o conhecimento e o trabalho com a questão socioemocional, foram analisados os seguintes tópicos:

- Se tem conhecimento sobre o tema socioemocional.
- Como interage para possíveis mudanças de comportamentos nas relações sociais e emocionais das crianças.

4.1 O ENSINO DA CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL MUNICIPAL

Das quinze pedagogas entrevistadas, todas responderam que não ensinam a capoeira na Educação Infantil. Quatro conhecem parcialmente a história da capoeira e onze não tem conhecimento histórico. Onze reconhecem a capoeira como prática educativa significativa para a formação integral do aluno e acreditam que não há impedimentos que não possam ser facilmente resolvidos para inserção da capoeira na Educação Infantil. Todas afirmaram que necessitam de mais conhecimento.

Dos profissionais da capoeira entrevistados, os três relataram que conhecem bem a história da capoeira, comparada à revisão de literatura da pesquisa. Um deles, graduado em Educação Física, apresentou em detalhes os aspectos históricos. Aconselham que a capoeira possa estar entre os contos, pois ela traz um peso de liberdade, cooperação e respeito, dentre as estratégias para a Educação Infantil, com brincadeiras lúdicas. Todos defendem a capoeira como uma manifestação muito significativa para se trabalhar com criança, pois relataram experiências onde a capoeira atua diretamente em vários aspectos da educação. Porém, sentem igualmente a falta de reconhecimento da capoeira por parte do

sistema educacional e da sociedade em geral, que ainda tem preconceito e discriminação.

Quadro 3 - ENSINO DA CAPOEIRA

QT.	PEDAGOGAS
15	NÃO ENSINAM A CAPOEIRA NAS AULAS
4	TEM CONHECIMENTO HISTÓRICO PARCIAL
11	NÃO TEM CONHECIMENTO HISTÓRICO
11	RECONHECEM O SIGNIFICADO CAPOEIRA

Fonte: arquivo pessoal (2019)

Quadro 4 - ENSINO DA CAPOEIRA

QT.	PROFISSIONAIS DA CAPOEIRA
3	TEM CONHECIMENTO HISTÓRICO
3	RELATARAM O SIGNIFICADO DA CAPOEIRA

Fonte: arquivo pessoal (2019)

As falas das pedagogas entrevistadas revelam que elas não se sentem aptas para ensinar a capoeira, porém afirmam que necessitam de mais conhecimento e de formação para isso.

“Nunca li assim a fundo, eu só vi apresentações. Além de ser uma cultura, um costume, é interessante estar buscando” (E1); “Não teria problema, seria mesmo a minha falta de conhecimento no assunto. Vem na minha cabeça a imagem das pessoas dançando capoeira, mas é só o que eu sei” (E2); “Eu gostaria de aprender, isso sim” (E6); “Primeiro eu precisava de uma formação, saber como seria, eu não sei o que precisa” (E4).

Não, eu nunca ensinei, tem citações no material didático sobre atividades culturais diferentes e essa é uma delas, mas não tem mais nada além. Talvez eles abram espaço para que o professor pesquise sobre isso, mas eu nunca pesquisei, nunca trabalhei esse assunto (E3).

Entende-se, portanto, a necessidade de uma formação que reconheça e ensine a capoeira. Alguns autores como Goleman (2012), Neira (2006), Triviños e Molina Neto et al. (2004), demonstram que a formação do professor é essencial para a qualidade da educação. Salvador (1994), Sacristán e Gómes (1998) e Silva (1995), há tempo destacam que é fundamental que o currículo vá além das funções educativas.

A fala “Eu acredito que se for lançado algum desafio a gente pode tentar” (E9), faz-se entender que o professor quer ir além e pode gerar mudanças. Fourez (2008), Freire (1996) e Vasconcellos (2003) apontam que mudar é necessário.

Entretanto, seria útil pensar nas mudanças necessárias para adaptar os currículos dos cursos de formação para que transmita, no mínimo, o conhecimento histórico da capoeira. Campos (2001) identifica a importância da capoeira para a

formação integral do aluno e Santos (2002) descreve o significado educativo da capoeira, atento à necessidade do conhecimento histórico para o ensino.

A maioria dos entrevistados reconhece a capoeira como uma manifestação pedagogicamente significativa, mesmo sem muito conhecimento histórico:

“[...] eles tem que aprender, eu acho interessante ter para os pequenos” (E5); “Capoeira trabalha inclusive as condutas, as regras, todo este sistema que a gente está precisando trabalhar” (E11); “[...] é um esporte que valoriza a cultura do Brasil” (E14); “[...] veio com os negros, eu acho que é um conhecimento importante porque faz parte da nossa cultura” (E12).

Os profissionais da capoeira atribuem um valioso significado pedagógico à capoeira, mas ressentem pela falta de reconhecimento e preconceito, perceptíveis nas falas de algumas pedagogas:

“[...] talvez falte um pouco em mim uma mudança de concepção e aceitação, acho que a maior barreira seria essa” (E3); “Se você for pesquisar os batuques, essas coisas, você vai ver um foco espiritual” (E10); “A gente tem um entendimento como não sendo do lado bom” (E13).

Porém, outros compreendem de outra forma:

“[...] mas os pais precisariam entender a função da capoeira cultura e não ficar preocupado com a parte da religião” (E14); “A capoeira é muito desvalorizada e discriminada em pleno século XXI e não é fácil” (E18); “[...] nós vivemos num país de etnias com todo tipo de cor e raça, de credo [...] capoeira não é religião, capoeira é um esporte [...] se tivéssemos mais apoio, ia mudar bastante coisa” (E17).

Nessa conjuntura de interpretar o valor histórico e cultural da capoeira, as diretrizes brasileiras para a educação, com Breda (2010), Mourão (2008) e Rangel (2010), combatem esse cenário de discriminação e preconceito, entendendo a capoeira como fonte de contato com o negro.

“[...] a capoeira assim no Brasil mesmo, veio nessa luta disfarçada em dança, como um grito de liberdade para os negros” (E18).

Nota-se que os profissionais da capoeira, conforme Santos (2002) e Radicchi (2013), interpretam a capoeira como instrumento educativo de valores, onde o aluno constrói sua identidade. Abrão e Figueiredo (2011), Rangel (2010), Neira (2006) e Mourão (2008), estão entre os autores que, igualmente a estes profissionais, entendem a importância da capoeira na Educação Infantil.

“[...] a capoeira é transformadora, com certeza” (E18).

O infantil vai até cinco anos, então eu acho que dá para ensinar histórias e brincadeiras [...]. A gente pode criar estratégias para ensinar quanto vale a liberdade, ou quanto vale você ser percebido independentemente da cor da pele enquanto pessoa, esses sentimentos eu acho que dá para trabalhar na Educação Infantil (E16).

Na escola, conforme Campos (2001), a capoeira encontrou espaço na Educação Física. Porém, muitos municípios não contam com o profissional da Educação Física na Educação Infantil.

Medeiros e Peres (2007), Silva (1995), Darido e Rangel (2011), Abrão e Figueiredo (2011), todos defendem a prática da capoeira na Educação Física e evidenciam seu valor. É apreciada sim, porém a fala deste profissional da capoeira graduado em Educação Física, considera também a falta de formação:

[...] a Capoeira é discutida na escola de uma maneira muito superficial e sua prática é muito pouca. Primeiro porque o professor de Educação Física, que seria o caminho principal para isso, ele não tem uma formação em capoeira. É uma batalha colocar a capoeira em curso de formação de professor e quando é colocada numa disciplina, o tempo é muito pouco (E16).

Mostrou-se evidente o significativo valor da capoeira. Uma pedagoga até expressa seu entusiasmo:

“[...] a capoeira já deveria estar nas olimpíadas, porque o mundo inteiro aprecia e quer aprender o gingado” (E15).

Mesmo diante dessa carência de formação relatada, caberia ao professor buscar mais conhecimento. Na literatura, Radicchi (2013) considera a presença da capoeira nas aulas de Educação Física como fruto do esforço do professor.

A partir dos dados, entende-se que a capoeira muito tem a acrescentar pedagogicamente na educação escolar. Porém, espera-se que seja mais reconhecida e assim inserida na Educação Infantil.

Entretanto, que se considere a atuação do profissional de Educação Física e este esteja apto para ensinar a capoeira.

4.2 CONHECIMENTO E TRABALHO COM A QUESTÃO SOCIOEMOCIONAL

Em relação ao tema socioemocional, seis pedagogas demonstraram ter conhecimento. Quatro conhecem superficialmente e cinco não conhecem. Todas percebem a necessidade de se trabalhar as relações sociais e emocionais, pois relatam comportamentos que requerem mais atenção, como apatia, agressividade, agitação e choro, para os quais tem se utilizado apenas o diálogo, os contos, algumas brincadeiras ou contado com apoio da gestão e da família na interação por

melhoras. A música foi bastante valorizada, porém apenas para ouvir ou cantar. Quatro delas preferem interagir com outros meios pedagógicos em vez da capoeira.

Um dos profissionais da capoeira conhece sobre o tema socioemocional, um conhece superficialmente e o outro não conhece. Porém é notório o prazer que sentem e o valor que dão à prática e a tudo o que diz respeito à capoeira. Relataram testemunhos de crianças em que a capoeira fez toda a diferença no cotidiano e deixaram claro que esta manifestação pode contribuir para o desenvolvimento de infinitas competências e habilidades socioemocionais.

Quadro 5 - QUESTÃO SOCIOEMOCIONAL

QT.	PEDAGOGAS
6	CONHECEM O TEMA SOCIOEMOCIONAL
4	TEM CONHECIMENTO PARCIAL DO TEMA
5	NÃO CONHECEM O TEMA
15	UTILIZAM OUTROS MEIOS DE INTERAÇÃO

Fonte: arquivo pessoal (2019)

Quadro 6 - QUESTÃO SOCIOEMOCIONAL

QT.	PROFISSIONAIS DA CAPOEIRA
1	CONHECEM O TEMA SOCIOEMOCIONAL
1	TEM CONHECIMENTO PARCIAL DO TEMA
1	NÃO CONHECEM O TEMA
3	ASSEGURAM ESTE TRABALHO NA CAPOEIRA

Fonte: arquivo pessoal (2019)

A maioria das pedagogas tem algum conhecimento sobre o tema socioemocional. Os relatos estão diretamente relacionados ao desenvolvimento de competências, conforme a literatura, nas orientações da Base Nacional Comum Curricular, na publicação do jornal “O Estado de São Paulo”, nos conceitos de Goleman (2012) e para uma vida em sociedade segundo Elias (1994).

“Na faculdade, na disciplina de psicologia falava-se muito sobre isso” (E9); “[...] o que eles têm que desenvolver é autonomia, é a aquisição de valores” (E7); “[...] eles dividem por eixos e trabalham esta parte também, fala assim muito de considerar a criança, o interior da criança” (E9); “[...] saber que o emocional da criança tem que estar bem, esteja equilibrado, para que ocorra aprendizagem” (E10); “[...] esta questão emocional é muito importante no processo de ensino e aprendizagem, porque a gente sabe que uma criança feliz aprende muito mais” (E12); “Então nós temos que trabalhar a socialização, mais o emocional” (E13).

Na realidade que temos hoje, uma sociedade diferente, muito modificada, que tem a necessidade de se trabalhar a questão das relações, da empatia, de se colocar no lugar do outro, do trabalho em grupo, isso passa pela questão do socioemocional (E11).

Haja vista a importância de se trabalhar questões socioemocionais. Foram citados comportamentos que interferem nas relações sociais e emocionais, também referidos por Goleman (2012) na literatura:

“[...] problemas que a gente enfrenta dentro da escola hoje está muito mais ligado à questão comportamental e emocional” (E11); “Não é por serem só bagunceiros, eles se dispersam” (E5); “[...] alguns ficam rebeldes, agressivos, outras ficam apáticas, eles não têm equilíbrio emocional” (E8); “as crianças não se decepcionam, os pais superprotegem” (E14).

Pode-se lidar com as questões socioemocionais de várias formas e, a capoeira, representa uma delas, com toda sua relevância histórica, cultural, social e emocional. Santos (2001), Rangel (2010) e Puke (2018) destacam a musicalidade na capoeira. O ritmo, a ginga, a iniciação na Educação Infantil através da música.

As pedagogas utilizam outros meios educativos de interação, onde a música muitas vezes está presente:

“Com histórias, rodas de conversa, com brincadeiras, com jogos” (E2); “Conto histórias todos os dias, para eles irem se acostumando com a rotina” (E5); “[...] eu valorizo muito a música no meu dia a dia. Ritmo, movimento, expressão corporal, isso é muito importante e isso permeia tudo” (E1); “Coloco a música para eles ouvirem e ficarem mais tranquilos” (E6).

Para a capoeira o profissional orienta: “No infantil a gente começa a trabalhar com musicalidade e você consegue segurar a criança” (E18).

Os profissionais da capoeira, mesmo um pouco distantes das propostas educacionais das escolas, asseguram que a capoeira trabalha diretamente as relações sociais e emocionais na Educação Infantil:

“[...] é sincronizado e, a cooperação está presente” (E16); “[...] teve crianças que a gente tirou do mundo das drogas” (E17); “E nessa parte do socioemocional, acontece uma transformação, você vê isso acontecendo nitidamente” (E18).

Concluindo com um pedagogo: “[...] além de trabalhar a questão física, ela trabalha outros valores também como a disciplina, a concentração, é superimportante para o desenvolvimento” (E12).

A partir dos dados, fica claro que é próprio da capoeira trabalhar questões socioemocionais. Espera-se que seja mais vivenciada no ambiente escolar e assim contribua para um excelente trabalho na resolução de conflitos e formação de pessoas emocionalmente equilibradas para o futuro.

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segue-se às considerações do estudo realizado, na perspectiva das pedagogas e profissionais da capoeira, discutindo as falas das pessoas entrevistadas para a pesquisa e os relatos dos autores apontados na literatura.

Retomando o objetivo geral de investigar o contexto de ensino da capoeira na Educação Infantil e nas relações sociais e emocionais das crianças no município da pesquisa, ao analisar as experiências vividas pelas crianças sobre a capoeira no ambiente escolar, identificou-se que as pedagogas não ensinam a capoeira, o que é um entrave para inserção da capoeira na educação escolar.

Ainda que a literatura considere a presença da capoeira em muitas escolas e nas aulas de Educação Física, não é o que se encontra na Educação Infantil do município, muito menos nos planejamentos pedagógicos, a não ser nos trabalhos externos realizados por profissionais da capoeira.

Primeiramente deve-se entender que o município não conta com profissionais graduados em Educação Física na Educação Infantil, deixando a critério do (a) pedagogo (a) incluir a capoeira em alguns eixos que tratam de diversidade cultural e conhecimentos históricos. Entretanto, as pedagogas admitem não estarem aptas para ensinar a capoeira.

Dar mais oportunidades aos profissionais da capoeira para trabalharem nas escolas seria muito educativo. Porém, uma medida sugerida é que o profissional de Educação Física possa ensinar, pois sua graduação deve oferecer o conhecimento necessário para que, pelo menos trabalhe o significado histórico da capoeira e um pouco de sua ludicidade em movimentos simples e básicos.

Para os problemas de formação, ainda que a literatura evidencie tal importância, as próprias pedagogas acusam a falta de conhecimento, mesmo reconhecendo a capoeira como cultura brasileira e seu significado pedagógico. Esses problemas devem existir devido aos cursos de graduação, inclusive de Educação Física, que talvez não capacitem para o ensino da capoeira. Também pode ser pela falta de tempo em meio a tantas atividades diárias dos educadores, ou pela falta de estímulos para irem além do saber que já conquistaram.

Sabe-se no meio escolar, que a elaboração dos planos pedagógicos não depende somente do professor. Porém este, impelido por qualquer situação que

queira mantê-lo inerte, pode encontrar meios que o faça avançar e assim fazer a diferença na escola, principalmente pelo futuro de seus educandos. Cursos, pesquisas, reuniões, roda de conversa, projetos, deve haver um meio adequado para buscar conhecimento, talvez dependa mesmo do esforço do educador.

A literatura demonstrou que mudanças são necessárias. O desafio para gerar mudanças é estar na escola, é ser um educador. Entretanto, que haja mudanças nos currículos, incentivando o ensino da capoeira.

Expressou-se nas falas das pedagogas o desejo de conhecer mais e em resposta a um dos objetivos específicos da pesquisa, demonstraram interesse pelo trabalho com a capoeira na Educação Infantil.

Os profissionais da capoeira explicaram como ela pode ser inserida na escola desde a Educação Infantil, de maneira simples, lúdica, retratando a história e o valor para toda sociedade, formada por negros em sua maioria.

As diretrizes brasileiras para a educação escolar têm cumprido seu papel de orientar contra a discriminação e o preconceito, valorizando a cultura e o desenvolvimento de competências.

O tema socioemocional não se encontra muito em evidência, mas constantemente é trabalhado pelos educadores, de uma forma ou de outra, nas relações sociais e emocionais das crianças, valorizando-as como seres humanos, em suas interações. Outros meios educativos são utilizados para trabalhar comportamentos permeando os conflitos.

Ficou claro que a capoeira trabalha uma totalidade de aspectos: histórico, cultural, social, emocional e físico, mas sugere-se que seja mais reconhecida e assim inserida na escola, pois uma observação relevante foi sobre o que a capoeira pode proporcionar a quem vivencia. Foram citadas algumas competências como disciplina, autonomia, autoestima, independência, coordenação, concentração, expressão, ritmo, e falado sobre o resgate cultural, o trabalho com as regras de conduta e controle emocional para tomadas de decisões. Foi mencionado que diante dos problemas trazidos de casa e que emergem dos relacionamentos, na capoeira as crianças encontram amparo para viver bem em sociedade.

Educadores podem e devem ensinar a capoeira desde a Educação Infantil, contribuindo para o desenvolvimento de competências, já que se pode entender o quanto a capoeira intervém nas relações sociais e emocionais, além de ser um patrimônio histórico e cultural brasileiro a ser preservado.

CAPÍTULO 6

PRODUTO EDUCACIONAL

6.1 TÍTULO DO PRODUTO

Um vídeo documentário educacional sobre o ensino da capoeira na Educação Infantil cujo título é: CRIANÇAS! VAMOS BRINCAR DE CAPOEIRA?

6.2 RESUMO DO PRODUTO

Este vídeo documentário educacional é um recurso pedagógico disponível para crianças e adultos envolvidos com a capoeira e/ou com a Educação Infantil.

Desenvolvido em escolas municipais de uma cidade do interior de São Paulo, produto de uma pesquisa qualitativa de dois anos de mestrado em Docência para Educação Básica, da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Campus Bauru, que contém depoimentos e exemplos de vivência, relacionados ao ensino da capoeira na Educação Infantil.

Inicia-se o vídeo logo que as crianças de uma sala de pré II entram e se deparam com dois personagens de fantoche que se apresentam, interagindo e ensinando rapidamente conceitos da capoeira, de forma bem simples e atrativa.

Durante o teatro, os personagens convidam a turma para vivenciar a capoeira no pátio, onde o contramestre está aguardando com alguns amigos.

Encerra o teatro após a vivência da capoeira, quando os personagens se despedem e o vídeo prossegue com as entrevistas, documentando sobre o contexto histórico, cultural e socioemocional da capoeira na Educação Infantil.

Seis crianças que praticam capoeira participaram respondendo as questões.

Algumas pedagogas e os profissionais da capoeira também foram entrevistados na elaboração do vídeo documentário educacional.

Almeja-se reinterpretar a história, o ensino e a aprendizagem da capoeira na formação socioemocional do estudante como cidadão brasileiro, contribuindo para resolução de problemas comportamentais encontrados atualmente entre as crianças no ambiente escolar.

6.3 DIAGNÓSTICO LOCAL

Problemas de relacionamentos entre as crianças da rede municipal têm desafiado educadores e familiares a intervirem para resolver conflitos. A capoeira

pode resgatar valores e promover mudanças de comportamentos, porém, é uma manifestação pouco reconhecida e utilizada na Educação Infantil.

6.4 CONTEXTO DE ENSINO

Embora o conteúdo da capoeira esteja diretamente presente apenas no terceiro ano do ensino fundamental do município em questão, é rico em componentes histórico e cultural, nos movimentos e expressões, apropriados para desenvolver nas crianças do ensino infantil inúmeras habilidades.

A capoeira pode ser trabalhada em sala ou no pátio da escola, as crianças de uniforme escolar e pés descalços, com instrumentos simples que podem ser providenciados pelo professor ou até mesmo produzidos em sala.

Pode ser que os educadores não estejam totalmente seguros quanto ao ensino da capoeira, por não terem sido suficientemente orientados. Entretanto, o vídeo pode atender às dificuldades e esclarecer conceitos importantes para que a capoeira seja inserida na escola desde a infância, de conteúdo valoroso, articulado para o ensino, contribuindo nas relações sociais e emocionais.

6.5 PÚBLICO ALVO

Este produto educacional é direcionado para alunos (as) e pedagogos (as). Porém, sua contribuição pode alcançar os familiares, pessoas envolvidas com a capoeira e com a Educação Infantil, inclusive em cursos de formação.

6.6 PROPOSTA DE ALTERAÇÃO DO CONTEXTO

Almeja-se que o vídeo documentário amplie conhecimentos históricos, culturais e educacionais da capoeira, que estimule a inserção desta manifestação na Educação Infantil de maneira atrativa e que o ensino da capoeira contribua com as relações sociais e emocionais, formando cidadãos emocionalmente equilibrados: autônomos, determinados, respeitosos, responsáveis, participativos, cooperadores, criativos, educados e capazes de resolver conflitos.

6.7 OBJETIVOS DO PRODUTO

6.7.1 GERAL

O objetivo geral deste produto é de preservar a capoeira como patrimônio histórico cultural brasileiro, retratando seu conteúdo na Educação Infantil escolar.

6.7.2 ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos são de ampliar o conhecimento dos educadores e fundamentar a prática pedagógica do ensino da capoeira nas relações sociais e emocionais como oportunidade para melhoras comportamentais.

6.8 METODOLOGIA DO PRODUTO

A produção do vídeo documentário educacional ocorreu em etapas:

Primeiramente, as gravações de áudio que seguiram o roteiro de entrevista (Apêndice E) para coleta dos depoimentos constatou como a capoeira é ensinada nas aulas de Educação Infantil das escolas do município em questão e o conhecimento das pedagogas, sobre a história da capoeira e sobre o tema socioemocional. Etapa concluída após interpretação dos dados das entrevistas.

Segundo, seguiu-se a análise do conteúdo histórico, sobre interações socioemocionais e como a capoeira pode ser inserida nas aulas do ensino infantil na visão dos profissionais da capoeira. Esta etapa visa acrescentar o conhecimento necessário para trabalhar o conteúdo da capoeira nas aulas escolares, concluída após a interpretação dos dados colhidos e gravados, orientados pelo roteiro (Apêndice F) de entrevista.

Terceiro, a gravação do vídeo feita para uma sala da Educação Infantil com crianças vivenciando a capoeira, depois pedagogas e profissionais da capoeira dando depoimentos para o documentário. O termo de assentimento (Apêndice A) e a autorização de uso de imagem e vídeo (Apêndice B) para os alunos e responsáveis foram elaborados e enviados para assegurar o uso de imagem dos participantes. O termo de consentimento e autorização para uso de imagem e vídeo (Apêndice C) e o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice D) para as pedagogas e profissionais da capoeira, foram assinados para permitir a utilização no produto.

Entretanto, concretizou-se este vídeo documentário educacional, produto acessível aos alunos, familiares, educadores e pessoas envolvidas com a capoeira e com a Educação Infantil, com propósito de incentivar desde a infância o ensino desta valorosa manifestação popular brasileira.

6.9 VÍDEO EDUCACIONAL

<https://youtu.be/RmFuDKGrgoo>

REFERÊNCIAS

ABRÃO, K.R.; FIGUEIREDO, M.X.B. *A capoeira na Educação Infantil. Jogando dentro do ambiente escolar*. EFDportes.com, Revista Digital. Buenos Aires: año 16, nº159, Agosto de 2011. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd159/a-capoeira-na-educacao-infantil.htm>>. Acesso em: 6 out. 2019.

BARDIN, Laurence. *Análise do conteúdo*. 4ª ed. Portugal: Edições 70, 2009.

BRASIL, *Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a base*. MEC/ CONSED/ UNDIME, Brasília: 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 5 set. 2019.

BRASIL, *Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. MEC, SEB, DICEI. Brasília: 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em: 5 out. 2019.

BRASIL, *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. MEC. Brasília-DF: 2004. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2020.

BRASIL, *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: <<https://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2018.

BRASIL, Lei 12.288, de 20 de julho de 2010. *Estatuto da Igualdade Racial*. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/496308/000898128.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 28 ago. 2019.

BRASIL, *Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)*. Senado Federal. Secretaria Especial de Editoração e Publicações. Subsecretaria de Edições Técnicas. Brasília: 2005. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>>. Acesso em: 6 out. 2019.

BREDA, Omri. *Educação Pública - A Capoeira como Prática Educativa Transformadora*. Publicado em 24 de agosto de 2010. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao_fisica/0009.html>. Acesso em: 9 jul. 2018.

CAMARGO, A. P. T.; HUNGER, D. A. C. F. *O Ensino da Capoeira na Educação Infantil na Perspectiva do(a) Professor(a)*. Congresso Brasileiro de Educação. Faculdade de Ciências. UNESP - Bauru/SP, 2019. Disponível em: <<http://cbe.fc.unesp.br/cbe2019/anais/index.php?t=RE2019215250247#>>. Acesso em: 30 maio 2020.

CAMPOS, Helio. *Capoeira na Escola*. Salvador: Un. Federal da Bahia, 2001.

CARDOSO, L.C. et. al. *Didática da Educação Física 1*. 4 ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. *Educação Física no Ensino Superior/ Educação Física na Escola/ Implicações para a Prática Pedagógica*. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa Teorias e Abordagens*. 2ªed. Porto Alegre/RS: Artmed, 2006.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Org). *Usos e abusos da história oral*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

FÓRUM INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS “Educar para as competências do século 21”, São Paulo, 24 e 25 de março de 2014. Disponível em: <<http://www.educacaosec21.org.br/foruminternacional2014/wp-content/uploads/2014/01/comunicado-de-imprensa-f%C3%B3rum.pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2018.

FOUREZ, Gérard. *Educar docentes, alunos, escolas, éticas, sociedades*. Aparecida/SP: Idéias & Letras, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLARDO, J.S.P.; OLIVEIRA, A.A.B. de; ARAVENA, C.J.O. *Didática da Educação Física - A Criança em Movimento: jogo, prazer e transformação*. São Paulo: FTD, 1998.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

MEDEIROS, J. E. S. de; PERES, L. S. *A capoeira na escola: perspectivas para a educação física escolar – uma abordagem teórica e prática*. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_jose_eduardo_segala_medeiros.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2019.

MICHAELIS, *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa On-line*. Editora Melhoramentos, 2020. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=OWQE>>. Acesso em: 1 maio 2020.

MOURÃO, Marcos S. *Capoeira*. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.

NEIRA, M.G.; NUNES, M.L.F. *Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas*. São Paulo: Phorte, 2014.

PUKE, Natalia. *O corpo como escrita: (re)existências africanas na capoeira*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação, Instituto de Biociências - UNESP/ Rio Claro, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/157411>>. Acesso em: 19 dez. 2019.

RADICCHI, Marcelo Rocha. *Capoeira e Escola*. Várzea Paulista/SP: Fontoura, 2013.

RANGEL, Irene C. A. *Educação Física na Infância*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

SACRISTÁN, J.G.; GÓMES, A.I.P. *Compreender e Transformar o Ensino*. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SALVADOR, César C. *Aprendizagem Escolar e Construção do Conhecimento*. Porto Alegre/RS: Artmed, 1994.

SANTOS, Luiz S. *Capoeira: uma expressão antropológica da cultura brasileira*. Maringá: UEM, 2002.

SESI-SP, *Referencial Curricular do Sistema de Ensino: Educação Infantil / Serviço Social da Indústria (SESI-SP)*. 1 ed. São Paulo: SESI-SP Editora, 2016.

SEVERINO, Antonio J. *Metodologia do trabalho científico*. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Gladson de O. *Capoeira do Engenho à Universidade*. 2 ed. São Paulo: CEPEUSP, 1995.

SOBRINHO, J. S.; CASTRO Jr. L. V. de; ABIB P. R. J. *Capoeira: intervenção e conhecimento no espaço escolar*. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/2926/2093>>. Acesso em: 27 dez. 2019.

STEINER, C.; PERRY, P. *Educação Emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

TRIVIÑOS, A.N.; MOLINA NETO, V; GIL, J.M.S. et al. *A Pesquisa Qualitativa na Educação Física-Alternativas Metodológicas*. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

VASCONCELLOS, Celso dos S. *Para onde vai o professor? Resgate do Professor como Sujeito de Transformação* 10 ed. São Paulo: Libertad-Centro de Pesquisa, Formação e Assessoria Pedagógica, 2003.

VIEIRA, Luiz R. *O Jogo de Capoeira Cultura Popular no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

APÊNDICE A
TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(PARA CRIANÇAS DE 4 E 5 ANOS)

Olá!

As professoras Paula e Dagmar estudam em uma escola para
professores e querem fazer algumas atividades diferentes e
divertidas aqui na escola, com a capoeira.

Também será feito um vídeo bem bacana em que você e seus
colegas vão aparecer. Você topa participar?

☐☐

Nome: _____

Agudos, ___ de _____ de 20__.

APÊNDICE B
TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E VÍDEO
(PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS)

Seu filho (a) esta sendo convidado a participar do trabalho intitulado O ENSINO DA CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELAÇÕES SOCIAIS E EMOCIONAIS. O objetivo da pesquisa é preservar a CAPOEIRA como patrimônio cultural brasileiro, retratar seu conteúdo e garantir o ensino e aprendizagem socioemocional na Educação Infantil. Como resultado da pesquisa será feito um vídeo contendo exemplos de vivência da capoeira na escola e depoimentos de educadores e mestres sobre o ensino da capoeira e aprendizagem socioemocional. As filmagens durante as aulas na escola farão parte deste vídeo documentário, portanto a imagem do seu/sua filho (a) estará no vídeo. Se ele (a) sentir qualquer desconforto ou tiver alguma dúvida sobre a pesquisa, vocês poderão procurar a professora/pesquisadora Ana Paula Trigo Camargo, sob a orientação da Profa. Dra. Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger pessoalmente ou pelo telefone (14) 988141333. Qualquer problema entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa, Faculdade de Ciências, UNESP-Bauru; Coordenador: Prof. Dr. Mário Lázaro Camargo; Fone: (14) 3103-9400; [E-mail:cepesquisa@fc.unesp.br](mailto:cepesquisa@fc.unesp.br), Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01; Bairro: Vargem Limpa; 17033-360-Bauru/SP; Telefone: (14) 3103-6000; Fax: (14) 3103-6000.

Deste modo, eu _____,
CPF: _____, RG: _____, residente e domiciliado (a)
à Av/Rua _____ Cidade:

_____ **AUTORIZO**, através do presente termo, a utilização da
imagem do meu/minha filho (a) _____ nesta
pesquisa e tenho ciência de que a imagem pode ser utilizada para fins científicos e
de estudos (tese, livros, artigos, reuniões científicas, slides e vídeos), em favor dos
pesquisadores da pesquisa acima especificados, sem quaisquer ônus financeiro a
nenhuma das partes.

Assinatura dos pais ou responsáveis do(a) participante

Assinatura da professora/pesquisadora

Agudos, ____ de _____ de 20__.

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PEDAGOGAS (Professoras, Coordenadoras, Diretoras) e PROFISSIONAIS DA CAPOEIRA
Resolução nº 466/2012 e 510/2016 – Conselho Nacional de Saúde

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa O ENSINO DA CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELAÇÕES SOCIAIS E EMOCIONAIS. Sua participação consiste em se deixar entrevistar e gravar o áudio da entrevista sobre sua prática profissional. Em nenhum momento você será identificado(a). Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto ou ganho financeiro por participar da pesquisa e sua participação apresenta riscos mínimos, mesmo envolvendo atividade física incomum aos participantes. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. O motivo que nos leva a realizar tal pesquisa parte do seguinte problema: trata-se de analisar o ensino da capoeira articulado às possíveis implicações de aprendizagem socioemocional na Educação Infantil. Questiono: Quais os conhecimentos sobre o ensino da capoeira e aprendizagem socioemocional? A pesquisa tem por objetivos: a) Identificar o conhecimento dos educadores de Educação Infantil referente à abordagem da capoeira no ensino e aprendizagem socioemocional; b) Constatar se e como os educadores abordam a capoeira na escola; c) Analisar os recursos disponíveis na escola para o trabalho com a capoeira; d) Perceber se o ensino da capoeira proporciona mudanças de comportamentos nas crianças; e) Produzir um vídeo documentário voltado ao ensino da capoeira e aprendizagem socioemocional, a fim de preservar este patrimônio cultural. Traz como benefício à ampliação dos conhecimentos históricos, culturais e educacionais da capoeira, estimulando a inserção desta manifestação no ensino e evidenciando os conteúdos da aprendizagem socioemocional na Educação Infantil. Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. A participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou perda de benefícios. O pesquisador tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Deste modo, tendo total conhecimento do exposto neste termo, eu (Nome completo), _____ me comprometo a participar como voluntário (a) da referida investigação de autoria e execução da Profa. Mestranda Ana Paula Trigo Camargo, sob orientação da Profa. Dra. Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger, junto ao Programa de Pós-graduação em Docência para Educação Básica, curso de Mestrado Profissional – UNESP/Bauru. Concordo que os resultados da referida pesquisa sejam divulgados, uma vez que a identidade dos envolvidos será preservada. Os dados da investigação ficarão guardados em local seguro como forma de garantir o que é firmado no termo em questão.

Qualquer problema entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa, Faculdade de Ciências, UNESP/Bauru; Coordenador: Prof. Dr. Mário Lázaro Camargo; Fone: (14) 3103-9400; E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br, Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01; Bairro: Vargem Limpa; 17033-360-Bauru-SP; Telefone: (14) 3103-6000; Fax: (14) 3103-6000.

Assinatura do(a) participante da pesquisa

Agudos, ____ de _____ de 20 ____.

Profa. Mestranda Ana Paula Trigo Camargo
e-mail: paulinhacmargo@gmail.com
Tel: (14) 988141333

APÊNDICE D

TERMO DE CONSENTIMENTO E AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E VÍDEO PEDAGOGAS (Professoras, Coordenadoras, Diretoras) e PROFISSIONAIS DA CAPOEIRA

Você esta sendo convidado a participar do trabalho intitulado O ENSINO DA CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELAÇÕES SOCIAIS E EMOCIONAIS. O objetivo da pesquisa é preservar a capoeira como patrimônio cultural brasileiro, retratar seu conteúdo e garantir o ensino e aprendizagem socioemocional na Educação Infantil. Como resultado da pesquisa será feito um vídeo contendo exemplos de vivência da capoeira na escola e depoimentos de educadores e mestres sobre o ensino da capoeira e aprendizagem socioemocional. As filmagens serão feitas em local e horário agendado para a sua entrevista, portanto sua imagem estará no vídeo documentário e o vídeo produzido será disponibilizado para fins científicos para que educadores, alunos e familiares possam assistir. Os riscos da pesquisa são mínimos, você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu assentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Qualquer problema entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa, Faculdade de Ciências, UNESP/Bauru; Coordenador: Prof. Dr. Mário Lázaro Camargo; Fone: (14) 3103-9400; [E-mail:cepesquisa@fc.unesp.br](mailto:cepesquisa@fc.unesp.br), Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01; Bairro: Vargem Limpa; 17033-360-Bauru/SP; Telefone: (14) 3103-6000; Fax: (14) 3103-6000. Deste modo, tendo total conhecimento do exposto neste termo, eu (Nome completo), _____ me comprometo a participar

como voluntário (a) da referida investigação de autoria e execução da Profa. Ana Paula Trigo Camargo, sob orientação da Profa. Dra. Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger, junto ao Programa de Pós-graduação em Docência para Educação Básica, curso de Mestrado Profissional – UNESP/Bauru.

AUTORIZO, através do presente termo, a utilização da minha imagem nesta pesquisa e tenho ciência de que a imagem pode ser utilizada para fins científicos e de estudos (tese, livros, artigos, reuniões científicas, slides e vídeos), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Assinatura do(a) participante

Assinatura da professora/pesquisadora

Agudos, ____ de _____ de 20__.

APÊNDICE E

ROTEIRO DA ENTREVISTA DIRECIONADA ÀS PEDAGOGAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO

Nome:

Idade:

Formação Profissional

Curso:

Local de formação:

Ano em que se formou:

Pós-graduação:

Tempo de atuação nesta rede municipal:

Tempo de atuação nesta escola:

Você tem conhecimento sobre o tema socioemocional?

Durante as aulas você percebe crianças com comportamentos que requerem o ensino voltado a trabalhar questões socioemocionais? Se sim, que tipos de comportamentos?

Como você interage para possíveis mudanças de comportamentos nas relações sociais e emocionais das crianças?

Qual o significado do ensino da capoeira na Educação Infantil?

Você tem conhecimento sobre a história da capoeira?

Se ensinar, como ensina a capoeira?

APÊNDICE F

ROTEIRO DA ENTREVISTA DIRECIONADA AOS PROFISSIONAIS DA CAPOEIRA

Data:

Nome:

Idade:

Profissão:

Local de atuação:

Tempo de atuação:

Como ensinar capoeira para crianças?

O que sabe sobre a história da capoeira?

Qual o significado do ensino da capoeira na Educação Infantil?

O que sabe sobre o tema socioemocional?

Como interage para possíveis mudanças de comportamentos nas relações sociais e emocionais das crianças?

APÊNDICE G

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O ENSINO DA CAPOEIRA E APRENDIZAGEM SOCIOEMOCIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Pesquisador: ANA PAULA TRIGO CAMARGO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 96880918.0.0000.5398

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.997,997

Apresentação do Projeto:

Analisar o ensino da Capoeira articulado às possíveis implicações de aprendizagem socioemocional na educação infantil.

Objetivo da Pesquisa:

a) Identificar o conhecimento dos educadores de educação infantil referente à abordagem da Capoeira no ensino e aprendizagem socioemocional; b) Constatar se e como os educadores abordam a Capoeira na escola; c) Analisar os recursos disponíveis na escola para o trabalho com a Capoeira, d) Perceber se o ensino da Capoeira proporciona mudanças de comportamentos nas crianças; e) Produzir um vídeo documentário voltado ao ensino da Capoeira e aprendizagem socioemocional, a fim de preservar este patrimônio cultural.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: apresenta riscos mínimos já que envolve atividade física incomum aos participantes.

Benefícios: ampliar conhecimentos históricos, culturais e educacionais da capoeira, estimulando a inserção desta manifestação no ensino e evidenciando os conteúdos da aprendizagem socioemocional na educação infantil.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Possibilidade do reconhecimento da Capoeira como valor pedagógico na aprendizagem sócioemocional da criança.

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01

Bairro: CENTRO

CEP: 17.033-360

UF: SP

Município: BAURU

Telefone: (14)3103-9400

Fax: (14)3103-9400

E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br

**UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO**



Continuação do Parecer: 2.997.997

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TALE e o TCLE estão bem feitos e adequados ao público alvo, tendo sido corrigidos.

Recomendações:

Nada a recomendar

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O TALE e o TCLE foram corrigidos e adequados às suas necessidades.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto considerado "aprovado" por estar em conformidade com os parâmetros legais, metodológicos e éticos analisados pelo colegiado deste CEP - Comitê de Ética em Pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1206498.pdf	28/09/2018 20:08:45		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.doc	28/09/2018 20:07:57	ANA PAULA TRIGO CAMARGO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	28/09/2018 20:01:50	ANA PAULA TRIGO CAMARGO	Aceito
Folha de Rosto	Scan.pdf	26/08/2018 22:14:35	ANA PAULA TRIGO CAMARGO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BAURU, 03 de Novembro de 2018

Assinado por:
Mário Lázaro Camargo
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01

Bairro: CENTRO

CEP: 17.033-360

UF: SP

Município: BAURU

Telefone: (14)3103-9400

Fax: (14)3103-9400

E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br

ANEXO 1 TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1

Qual o seu nome?

E1.

Sua idade?

38 anos.

Sua formação profissional?

Sou formada e pós-graduada em Educação Infantil, fiz Pedagogia e a pós-graduação.

Que ano você se formou?

2003 e a pós é recente.

Quanto tempo nesta rede municipal?

18 anos.

Você tem algum conhecimento sobre o tema socioemocional?

Sim, a gente sempre está lendo, tendo capacitações que abordam este tema. Eu sempre tenho comigo que a reflexão é o seguinte, a gente tem que pôr na balança assim, o dia a dia em sala de aula, tomar ciência com relevância como é o estado da criança, como ela vem de casa, porque às vezes a gente começa uma atividade e percebe que a criança não está bem emocionalmente naquele momento, então deve parar por ali e retomar, fazendo outro dia da melhor forma, para poder ter alguma evolução. Tem professores que não, querem partir para bater na mesma tecla, ficar impulsionando, forçando e isso não é viável. Como já faz alguns anos que estou na rede, vejo que tem dia que até a gente não está bem emocionalmente, que dirá as crianças.

Como a gente vê que tem tantos diferenciais, históricos familiares que apresentam na escola, a gente recebe muita clientela de diversas culturas, diversas famílias.

E aqui na escola, você trabalha com o socioemocional?

Eu gosto de trabalhar e, a música também, eu valorizo muito a música no meu dia a dia.

Eu ia perguntar agora como você trabalha o socioemocional?

Eu já antecipei. Eu ensino a música em vários momentos em sala de aula, seja uma leitura, eu dou de uma forma cantada, para eles reproduzirem algum registro, de acordo com aquela atividade, fazer uma ilustração.

O seu é o maternal III?

Não, eu estou com o maternal dois esse ano, mas eu sempre trabalhei com o pré I, os maiores, mas esse ano é uma experiência que eu estou retomando quando iniciei com o maternal, estou relembrando o meu início de carreira.

Você percebe crianças com dificuldades de comportamento?

Sim, são aquelas janelas: o ver, o ouvir, o falar, o mostrar, então a gente tem que observar como o aluno absorve mais, nós mesmos somos assim, temos aquelas janelas, que é ao falar, tem gente que aprende falando, ouvindo, escrevendo, o visual, então o professor tem que estar atento a isso, se não aprendeu daquela maneira.

O que você percebe nas crianças, na idade que você trabalha?

Uma criança muito quieta já um atentar para o professor, porque às vezes se fala: é quieto, é bonzinho, mas até que ponto? Aí você tem que observar se não está se socializando, porque não está respondendo as perguntas do professor, no dia a dia. Então eu vejo dessa maneira.

Agressividade você percebe?

Então, é isso que eu ia falar. Esses dias eu estava refletindo em casa, o professor já chega ao ano letivo pensando dessa forma, aquele aluno que dá mais trabalho, a gente foca naquele, mas esse ano eu tive uma experiência nova, que é aquele aluno muito quieto e eu já vou encaminhá-lo para uma equipe multidisciplinar para estar fazendo uma avaliação com ele, porque esse muito quieto que fica lá no cantinho dele, nem sempre está atendendo o objetivo do professor.

O que você sabe sobre a capoeira?

Ritmo, movimento, expressão corporal, isso é muito importante e isso permeia tudo, se você desenvolver o motor, daí é uma janela.

Você acha que a capoeira pode contribuir com o socioemocional da criança?

Sim, ela vai se expressar, tem criança que não consegue falando, mas ao expressar ela consegue.

Você acha que a escola tem espaço e apoio para trabalhar a capoeira?

Espaço na nossa escola está meio restrito, a gente precisa de uma área coberta, um pátio, mas assim creio que se tiver esse ambiente pronto, creio que sim, tem como disponibilizar sim.

Você nunca ensinou a capoeira?

Eu não.

Faz parte do currículo?

Não com o nome capoeira, mas que a gente vê os objetivos que está de acordo, da para ligar.

Sobre a história da capoeira você tem algum conhecimento?

Nunca li assim a fundo, eu só vi apresentações. Além de ser uma cultura, um costume, é interessante estar buscando.

É isso, muito bem, muito obrigada!

De nada, espero ter correspondido!

ENTREVISTA 2**Qual o seu nome?**

E2.

Sua idade?

42 anos.

Sua formação profissional?

Eu tenho Pedagogia, Letras e pós-graduação em alfabetização.

Você está dando aula para?

Pré I

Que ano você se formou?

Me formei em 2001 e fiz a pós em 2006.

Quanto tempo nesta rede municipal?

23 anos.

Você tem conhecimento sobre o tema socioemocional?

Tenho sim.

Como você obteve informações?

Em capacitações e em cursos de aperfeiçoamento.

E você trabalha questão socioemocional nas suas aulas?

Sim, nossa, não tem como né.

Você percebe crianças com diferença de comportamento?

Muito, tem várias crianças que chegam bem agitadas de casa, com comportamentos bem diferenciados umas das outras.

Você acha que trabalhando o socioemocional ajuda nesses comportamentos?

Sim, ajuda sim.

E você trabalha isso na escola?

Sim, trabalho.

E como você trabalha?

Com histórias, rodas de conversa, com brincadeiras, com jogos.

E você percebe mudanças?

Sim, principalmente naquelas crianças que são filhos únicos, que não tem muita interação com outras crianças, então é na escola que tem essa socialização e é a partir daí que começa essa aprendizagem.

Que conhecimento você tem sobre a capoeira?

Vem na minha cabeça a imagem das pessoas dançando capoeira, mas é só o que eu sei.

Então na escola não ensina a capoeira?

Não.

Dessa imagem que você tem, se você fosse aplicar a capoeira na escola, quais as dificuldades você encontraria?

A minha falta de conhecimento mesmo sobre o assunto, acho que seria o maior entrave mesmo.

Da escola, da equipe pedagógica, você acha que teria apoio?

Sim, acho que teria apoio, espaço físico na nossa escola tem, está tudo novinho, não teria problema, seria mesmo a minha falta de conhecimento no assunto.

E você acha que a capoeira poderia auxiliar as crianças nessa melhora de comportamentos?

Acho que sim, principalmente na atenção, na concentração, esperar a vez, eu acho que sim.

Você acha que tem relação da capoeira com questões socioemocionais?

Sim, com certeza.

Seria bom então introduzir na escola?

Sim, seria.

E no currículo da prefeitura você já viu alguma coisa?

Não tem. Sobre isso o sistema SESI não tem.

Muito bem, é somente isso, muito obrigada!

De nada!

ENTREVISTA 3

Qual o seu nome?

E3.

Sua idade?

49 anos.

Sua formação profissional?

Pedagogia e pós-graduação em alfabetização e letramento.

Local de formação?

Grupo UNINTER.

Que ano você se formou?

Quatro anos a pós-graduação e a pedagogia já é mais antiga.

Quanto tempo nesta rede municipal?

Vinte e três anos.

Você tem algum conhecimento sobre o tema socioemocional?

Não. Nenhum.

Bom, o socioemocional está ligado à resolução de problemas, interação, autoconhecimento, autonomia, determinação, educação a adversidade, responsabilidade, participação, empatia, cooperação, repertório cultural, pensamento crítico, criatividade, tudo que está ligado ao social e emocional.

Você da aula para que turma?

Pré II, de quatro para cinco anos.

Você percebe nas crianças comportamentos diferentes, relacionadas a isso tudo?

Sim, é lógico. As crianças são diferentes como pensam, como agem, com se comportam, como reagem à convivência ao outro, isso de acordo com o que aprenderam em casa, de acordo com o que eles têm de vivência né, então eles são diferentes, tanto que a gente trabalha as diferenças, então apresentam maneiras de se comportar dentro da sala, no convívio escolar, de maneira diferente.

Você percebe algum tipo de comportamento de agressividade?

Depende do ano, depende da turma, mas em termos desse ano, felizmente esse ano só tem um caso um pouquinho mais inadequado, não digo agressivo, mas de um comportamento inadequado, além do padrão que a gente gostaria que tivesse a sala. Então felizmente esse ano somente um caso, mas normalmente costuma ter sim.

E você atribui isso a que? É uma bagagem de casa, do meio que vive? Ou é próprio da criança? Como você vê isso?

Neste caso que é único, graças a Deus, é familiar, estritamente familiar, tanto que o histórico da família é bastante complicado, a gente já tem conhecimento, porque já era um aluno nosso do ano anterior, já tinha os mesmos problemas e a gente conhece. Então é um caso bem claro para nós, eu sei como trabalhar porque eu sei da situação dele.

Em relação à capoeira, você tem algum conhecimento histórico, quando eu falo capoeira o que vem na sua mente?

Que eles ficam fazendo uma luta em ritmo de dança, que tem certo ritmo para acompanhar e que normalmente as pessoas batem palma quando acompanham, isso é tudo que eu sei.

No seu plano de aula tem alguma coisa relacionada à capoeira?

Não, eu nunca ensinei, tem citações no material didático sobre atividades culturais diferentes e essa é uma delas, mas não tem mais nada além. Talvez eles abram espaço para que o professor pesquise sobre isso, mas eu nunca pesquisei, nunca trabalhei esse assunto.

E você acha que se for trabalhar a capoeira, quais seriam as dificuldades na escola?

Primeiro o meu próprio conhecimento, que teria que ser bem amplo. Um espaço adequado, uma pessoa também ali que pudesse acompanhar com mais conhecimento, eu acho que espaço a escola abriria, talvez falte um pouco em mim uma mudança de concepção e aceitação, acho que a maior barreira seria essa.

Você percebe diferença de comportamento, com o seu trabalho você acha que vai melhorando? Você tem ajuda da família?

Sim. Tenho ajuda da família, de coordenação, e os apoios psicológicos da equipe pedagógica, eu acredito que eu posso mudar, eu acredito firmemente nisso, pois nós

tivemos um caso anteriormente mais complicado que este que citei e teve melhoras significativas.

Com o pouco que você conhece da capoeira, você imagina que se as crianças vivenciassem esse tipo de dança, descontraída, essa expressão corporal, você acha que poderia ter algum tipo de influência no socioemocional, nesses comportamentos?

Movimento é sempre importante, sempre vai agregar alguma coisa, mais sinceramente não acredito.

Por que você acha que não?

Porque nós temos outras maneiras de lidar com este tipo de problema e como esse eu nunca trabalhei para esse fim, talvez haja um descrédito da minha parte, então eu não adotaria.

Muito bem! Muito obrigada!

ENTREVISTA 4

Qual o seu nome?

E4.

Sua idade?

28 anos.

Sua formação profissional?

Superior completo de Pedagogia na FAAG, em 2013 e fiz pós-graduação à distância, totalmente à distância, em Educação Infantil.

Quanto tempo nesta rede municipal?

Comecei em 2013, faz seis anos. Aqui nessa escola eu fui e voltei, fiz dois anos diretos, pulei um ano e no ano passado fiz um ano, então nesta escola eu fiz três anos.

Você tem algum conhecimento sobre o tema socioemocional?

Não.

Na sua pós-graduação você se lembra de ter ouvido falar sobre o assunto?

Não.

O que você imagina que envolve este assunto?

Eu acho que socioemocional está relacionado com a forma com que o professor lida com o aluno, com aprendizagem, se ele consegue entender o aluno procurando saber qual o problema quando alguma coisa não está fluindo, então eu acho que é mais por esse lado.

Diante de tudo que temos visto hoje em dia nas crianças, como elas tem vindo e, ainda mais você que está trabalhando com o infantil, já trabalhou com o primeiro e segundo ano.

Muitas coisas que acontecem que a criança apresenta na escola, você vai ver que tem um fundo emocional da própria família, do contexto familiar.

E como você trabalha o socioemocional em sua aula? Você percebe criança que requer um ensino voltado às questões socioemocionais?

Eu não sei se vai entrar no assunto, mas eu tenho um aluno que é muito retraído, até nos gestos e, ele mesmo já fala “o meu desenho está feio, eu sou feio”, ele vem assim. Eu já conversei com a mãe, ela diz que não é de casa, é dele mesmo. Mas ela vem superprotegendo ele, ele tem problemas de saúde, de asma, a alimentação dele é separada, até o lanche dele é separado. Então eu acho que ele é muito inseguro, nós tentamos deixar o ambiente mais seguro possível, envolvendo ele. Eu chamo e digo:

O desenho de todos é diferente, não tem um bonito, não tem um feio, cada um é diferente, nós vamos trabalhando, conversando, contando histórias, trabalhando em grupo, chamando atenção para que ele se sinta acolhido pelo grupo.

E você percebe mudanças comportamentais quando você faz isso, conta histórias, por exemplo, você lida com música? Tem professoras que falam que lidam com música e outras com histórias.

Eu uso mais histórias, tem livros que já traz na coleção os assuntos de bullying e tem um livro que me ajudou bastante com a minha turma este ano, que se chama “Maria vai com as outras”, por que era uma coisa que eles não entendiam e, nesse livrinho, trazia a questão de que eu não tenho que fazer só aquilo que os outros fazem. Eu percebi que chamou a atenção deles, porque teve uma situação que aconteceu com eles e comentaram: Olha, está sendo “Maria vai com as outras”. Então eles entenderam.

E você percebe mudanças no comportamento deles conforme você vai trabalhando isso?

Sim. Às vezes a gente esquece que já foi trabalhado e eles voltam e falam. Aí você vê, que legal, teve resultado.

Neste aluno que citou você já percebeu mudança?

Sim, já percebi mudanças, só que é assim, eu percebo que é alguma coisa no emocional de fora da escola, estava com problema de ir ao banheiro toda hora, de bullying, a mãe veio reclamar que estava sofrendo bullying no banheiro, realmente teve alguns meninos, aí eu fui chamar os meninos junto com ele, conversamos, a coordenadora foi na sala. Agora eu estou percebendo que ele está com medo, então eu estou mandando um amigo junto e estou tentando trabalhar, porque às vezes ele falta, eu não sei o que acontece em casa e aí temos que começar tudo de novo, ele melhora, mas a gente tem sempre que estar observando e ajudando.

A gente tem ouvido falar de um psicólogo por escola, seria muito bom e também um trabalho mais atuante com os pais, com a família, isso poderia ajudar muito, mas é tudo tão corrido, tanta cobrança.

Na minha família mesmo, o meu sobrinho tem déficit de atenção, aí encaminharam para psicóloga e minha irmã disse que não ia mais levar na psicóloga porque ia dizer que o problema é com a mãe.

E você consegue ver onde está o problema.

Você tem algum conhecimento sobre a história da capoeira?

Não.

Você ensina a capoeira na escola?

Não.

Faz parte do currículo escolar do Pré II?

Ouvi dizer que em algum lugar do material do infantil poderia falar da capoeira, eu ainda não cheguei nesta parte, é o primeiro ano que eu estou com este material, eu não vi tudo ainda, eu não dei conta.

Eu ouvi dizer, que vai ter alguma coisa de cultura africana e eles acabam trabalhando um pouquinho da capoeira.

No próprio material eu não vi, mas eu não sei, no manual do professor pode ser que tenha alguma coisa.

Acha que o currículo precisava trazer? Porque não ensina?

Por falta de conhecimento também.

Se você fosse trabalhar a capoeira na escola, você acha que teria recursos para isso?

Primeiro eu precisava de uma formação, saber como seria, eu não sei o que precisa. Eu sei que tem instrumentos, que tem uma roupa, eu não sei se é obrigatório, não sei nada.

É isso que eu precisava saber. Muito obrigada!

Desculpa aí qualquer coisa.

Foi ótimo. Obrigada!

ENTREVISTA 5

Qual o seu nome?

E5.

Sua idade?

45 anos.

Sua formação profissional?

Eu sou formada em Pedagogia na UNIP, em 2018 e não fiz pós-graduação.

Quanto tempo nesta rede municipal?

Desde outubro de 2018, faz pouco tempo. Nesta escola desde o início do ano, fevereiro de 2019.

Você é formada recentemente, pode ser que já ouviu. Você tem algum conhecimento sobre o tema socioemocional?

Eu não me lembro, mas já devo ter ouvido na faculdade.

O socioemocional está ligado a respeito, empatia, toda interação da criança uma com a outra, as relações sociais e emocionais que envolvem o meio familiar, escolar, relacionamentos, tudo que envolve isso, o lidar com emoções. Você percebe crianças que requerem um ensino voltado ao socioemocional nas suas aulas?

Sim, alguns têm mais necessidade de ser meio individual. Para eles, quando você senta diretamente com eles, eles trabalham melhor, mas quando está em grupo eles se dispersam, porque tem necessidade de uma atenção maior para eles.

E que tipo de comportamento você percebe?

Eles são muito agitados, se dispersam com muita facilidade, eles conversam, fazem de tudo, menos a atividade, eles não dão atenção para atividade.

Mas tem algum caso de faltar de respeito com o colega ou uma criança muito apática, que não se mistura e fica num cantinho, pois a gente fala do bagunceiro, mas esquece daquele que fica num cantinho não é?

Não é por serem só bagunceiros, eles se dispersam, mas quando você está sentada diretamente com eles, aí não, eles conseguem focar e fazer as atividades.

Percebe algum comportamento de violência?

Não, eles não são violentos.

Qual é a sua turma?

Eu estou com o Pré I, as crianças tem quatro anos.

Conforme você trabalha o socioemocional da criança?

O que eu estou tentando fazer e está bem recente com essa turma, é trazer eles mais para dentro da turma, com atividades em grupo, na roda de conversa, na hora da leitura, chamar mais a atenção deles, eu trouxe até um microfone para eles se soltarem mais, para que eles queiram falar, porque têm alguns que são muito presos, se afastam. Com o microfone as crianças estão se soltando, eles estão vindo falar porque viu o outro falar no microfone, então ele quer vir falar também, ele quer cantar também. Quando nós vamos cantar músicas eu ponho o microfone para eles falarem, aí eu também quero tia, então ele está conseguindo se soltar. Nas

atividades nós fazemos bastante pintura, desenho, se envolver, dividir o giz com o amigo, assim consegue fazer um amigo, a cooperação, respeito, com isso eles estão tendo sim, eu tenho só um ou dois que não conseguem dividir ainda, mas consegue cuspir na cara do amigo, porque o outro pegou algo que ele queria pegar e achou ruim, então eu conversei com eles e conseguiram entender e não fizeram mais.

Você já teve que chamar a equipe, coordenadora, diretora, para resolver algum problema de comportamento?

Nunca precisei.

Você conta histórias, faz atividades de jogos e brincadeiras, o que você faz?

Conto histórias todos os dias, para eles irem se acostumando com a rotina e no dia que eu pulo eles cobram a história, depois eu ponho a mesma história em vídeo para eles assistirem porque eles são muito visuais, eles assistem. Depois nós vamos fazer um desenho dessa história.

E você conversa bastante sobre a história?

Antes de contar a história eu falo o nome da história, eu conto como vai ser, para eles contarem para mim o que eles sabem daquela história, o que já ouviram.

Para eles interagirem mesmo. Você tem conhecimento sobre a história da capoeira?

Não, eu não tenho, a única coisa que eu conheço da capoeira é que meu filho começou a fazer capoeira a um ano atrás, eu ia levar, eu via como era, até tentei e não dei conta de fazer, mas conhecimento da capoeira é só o que ouço do meu filho.

Mas você já ouviu ele falar sobre a história, de onde veio, como veio?

Não, este tipo de coisa não, ele falava dos exercícios que eles faziam, das danças, daqueles instrumentos que eles tocam, do berimbau, das coisas que ele gostava de fazer na capoeira e não da história.

E você já ensinou capoeira na escola?

Não, porque eu também não sei capoeira. Mas eu acho que é uma atividade legal, que as crianças gostariam de fazer.

E você acha que daria para trabalhar com a capoeira aqui na escola?

Você não precisa de muita coisa, você precisa de um espaço grande e nós temos um espaço grande aqui na escola, para formar uma roda e eles aprenderem a fazer aquela ginga, que a capoeira é uma dança, eu acho bacana por causa disso, eles vão se interagir sem machucar o outro. Porque hoje, eu vejo pelas crianças de quatro anos, eles estão muito em vídeo game e tudo para eles é luta, um dá um murro no outro, o outro quer dar um chute e não é para fazer isso. Então eu já vi a capoeira, já vi o Karatê também, que eu levava o meu filho e não era luta, era uma dança, um ritmo, eu até comentei isso com as crianças, eles não batem uns nos outros, isso não é luta de rua, eles tem que aprender, eu acho interessante ter para os pequenos.

Você acha que enfrentaria alguma dificuldade para ensinar capoeira na escola?

Não, não vejo dificuldade nenhuma, acho que seria até uma forma de dar uma disciplina para eles.

Muito bem! É só isso, muito obrigada!

De nada!

ENTREVISTA 6

Qual o seu nome?

E6.

Sua idade?

59 anos.

Sua formação profissional?

Eu fiz Pedagogia na cidade de Aparecidinha e me formei em 1999.

Eu não fiz pós-graduação.

Quanto tempo nesta rede municipal?

É na rede do mundo, é a primeira vez, faz três meses.

Você tem algum conhecimento sobre o tema socioemocional?

Não.

Envolve empatia, respeito, interação entre as crianças, relacionamento com os professores, com os familiares, tudo que envolve o dia a dia das crianças em relação às emoções, porque o corpo não é só o físico, mas corpo e mente. Aqui na escola, você percebe criança com comportamento que requer um ensino voltado para questões socioemocionais?

Sim, eu tenho alguns.

Que tipo de comportamento?

Carência.

E como eles demonstram?

Apatia, eles vão chegando querendo um carinho. Querem sentar no colo, que penteie o cabelo sabe, coisas que eu acho que não tem em casa.

Os professores tem mais tendência a olhar para aquele aluno que é mais inquieto, mas também tem aquele apático que fica no canto isolado, que se mantém fora às vezes da atividade, ou aquele que bate ou chora, tem algum tipo de comportamento assim na sua turma?

Sim eu tenho um, todo dia a mãe traz e ele chega assim aos prantos, fica assim uns dez minutos e depois ele já esquece.

A sua turma é?

Maternal. Então, no primeiro mês eu queria chorar junto, porque chorava todo dia o tempo todo, mas agora é só este mesmo.

E o que você faz para trabalhar este tipo de comportamento, nas relações, para as crianças se respeitarem mais, cooperação entre elas, aceitação, respeito de uma com a outra, o que você faz para trabalhar isso nas suas aulas?

Eu falo com eles que nós temos que ter mais amizade, que tem que ter paciência, tem que ajudar o amigo, que não pode brigar.

Que tipo de atividade você faz para lidar com isso em sala de aula?

Eu sempre pego a massinha que é uma coisa que acalma, eles se interagem melhor, conto história e dou música, eles adoram.

Como você trabalha a música?

Eu pergunto quem gosta de cantar, quem quer cantar uma música, daí sempre tem um que gosta mais.

Você trabalha com vídeo?

Não, mas eu coloco a música para eles ouvirem e ficarem mais tranquilos.

Você tem algum conhecimento sobre a história da capoeira?

Não, não tenho. Já assisti algumas danças, mas não tenho conhecimento.

Você ensina a capoeira?

Não.

Você acha que teria recursos na escola, para você ensinar a capoeira? Você gostaria de ensinar capoeira?

Eu gostaria de aprender, isso sim.

Seria importante?

Acho que sim.

Será que você enfrentaria dificuldades? Em relação à família, escola, crianças?

Eu acho que não, pelo que eu conheço deles acho que não.

Concluimos então, muito obrigada!

De nada!

ENTREVISTA 7

Qual o seu nome?

E7.

Sua idade?

54.

Sua formação profissional?

Eu tenho o magistério, habilitação plena em magistério, licenciatura plena em pedagogia e especialização em Educação Infantil.

Quanto tempo nesta rede municipal?

Agora em julho de 2019, faz vinte e três anos.

A sua turminha é do Pré I?

Sim, do Pré I.

Você tem algum conhecimento sobre o tema socioemocional?

Socioemocional assim num contexto a gente trabalha, mas assim separado você está perguntando?

Não, é tudo, este tema tem sido muito falado.

Eu acho que isso é inerente ao dia a dia, eu vejo como inerente, aliás, na avaliação a gente faz uma avaliação socioemocional da criança, isso a tempos, na nossa avaliação já tem essa avaliação socioemocional, então ela é inerente a nossa prática e a qualquer pedagogia, porque durante esse período eu peguei várias desde o tempo do construtivismo, aquela coisa mal elaborada, mal entendida que foi e depois ficou aquele oco, aquele vazio, nossa rede sociointeracionista, material do SESI, inerente a tudo isso existe a avaliação socioemocional, então não dá para dissociar.

Nas informações das capacitações do sistema o tema é trabalhado?

Atualmente o que a gente está vendo são eixos, linguagem oral e escrita, bem específico, matemática, natureza e sociedade, arte e cultura corporal. Na natureza e sociedade esse tema, ele também entra como uma interdisciplinaridade ali, mas não especificamente para isso. Os temas antigamente nas HTPCs, nós trazíamos muito disso, porque era mais livre, a gente não tinha um tema gerador. Quando era mais livre então você escolhia os temas, eu fiquei quatro anos na coordenação, agora tem que seguir aquele roteiro, assim não foge muito dos eixos, das expectativas do sistema SESI. Eles vão dizer que isso está dentro, sim está dentro, mas você tinha uma liberdade muito maior, na nova escola traz muitas coisas sobre isso, aí você lança um dia um tema assim e existem “n” situação que as professoras vão trazer, isso enriquece, porque a troca aí vai falar e leva um tempo também, vai conversar e isso rende, aqui na nossa realidade, olha, é o que a gente mais leva em conta, você pode ter certeza, eu tenho que levar em conta que eu tenho criança de três e eu tenho criança de cinco, isso o professor tem que ter sempre em mente, porque é a história de vida, pais, aqui eu tenho pais drogados, então a gente leva em conta isso e eu canso de falar, estímulo, eles vem pegar lápis, claro que tem exceções em todo lugar, giz de cera, a canetinha, a massinha, aqui. Livro de história, a leitura do livro

de história, teve uma leitura de livro de bebê, é tudo aqui. Então a educação sistematizada começa na escola.

E é trabalhado questões socioemocionais?

Sim, porque aí a gente tem que, a gente trabalha com livros de história, lá na escola tem aquela biblioteca maravilhosa, lá tinha vários temas, quando você sentia um problema você pedia, quero um livro sobre isso, família eu tenho aqui, o bichinho resolveu cuidar de outro animalzinho de outra espécie, lógico que sem falar, sem eles perceberem, mas naturalmente assim eu fujo um pouco das coisas, acho que o professor tem que fazer isso, ele tem que ver a realidade dele e ver o que ele tem aqui. O papai está em outro lugar, brigou, bateu na mãe, então o papai está em outro lugar. Poxa, tem o livrinho lá que conta sobre isso, que ficou sem e essa família é diferente, o SESI traz famílias diferentes, só que daí a gente não pode trabalhar explicitamente o tão diferente, mas tem o eixo natureza e sociedade, tem famílias diferentes, as etnias, daí eu acho legal famílias diferentes, que dá para você conversar legal, tem cultura também, que é uma coisa assim, que é sempre trabalhado.

Das escolas do centro para as escolas da periferia você sente diferença?

É um abismo, não tem o que, por exemplo, a gente é professor daí os filhos saem já da pré-escola já lendo, os nossos assim com muito esforço. Eles saem num nível silábico alfabético, raramente sai um alfabético, pode acontecer sim, mais ele vai sair silábico ou silábico alfabético.

E você percebe crianças com comportamentos difíceis? Que tipo de comportamentos?

Vou te dar o exemplo do menino que eu tinha no ano passado. A mãe já levava, foi uma sorte, a mãe foi minha aluna, eu tenho vários que eu dei aula para os pais aqui, ele podia passar despercebido como menino problema, aí a mãe levou e assim a psicóloga graças a Deus, acho que ela viu, porque ele tomava remédio, porque ele é hiperativo também, ela levou numa psicóloga por conta própria porque não aguentava em casa.

Mas a escola não tinha disponibilizado né?

Não, a gente tem, a gente manda, eu mandei também com o consentimento da mãe, com a anuência.

O que são as itinerantes da rede?

Mas ele foi para APAE, eu vou explicar, a APAE faz um trabalho maravilhoso, não é só aquela ideia antiga de apelo, na APAE eles têm fonoaudiólogo, problemas de hiperatividade, este tipo de coisa, eles cuidam da mãe também, a partir do momento que passa pela triagem, a partir do momento que é aceito, o atendimento é global, sabe, desde o psiquiátrico, família, tudo. A mãe tem dia que ela tem que ir lá, então a mãe também é atendida. No caso desse menino em especial, quantos passaram pela escola, sem ter sido diagnosticado nisto, não sei se você conhece isso, se chama “transtorno desafiador opositor”, se você não cuidar nesta fase, é agora, é o “X” da questão, aliás tudo, a ética a gente tem que trabalhar agora, eu trabalho muito um livrinho que fala de ética, tipo porque olha, vamos ver o comportamento, sem impor, olha ele fez isso, é feio, o que vocês acham? O que você acha deste comportamento? O que ele poderia ter feito? Isso aí com contos de fadas da para a gente fazer.

Agora esse menininho, a mãe não aguentava ele em casa, por que a coisa não é fácil.

Então ela colaborou também?

Muito, eu tinha uma boa relação com ele, vamos colocar assim. Ele me respeitava, mas ele era capaz de deixar uma pessoa maluca, de chegar assim, quando eu via ele chegando perto. Ele se vê como vítima de qualquer situação, ele não consegue se ver como o errado, não é culpa dele, isso faz parte do transtorno.

Mas até descobrir isso teve todo um processo?

Eu tratava como hiperatividade, eu já tinha encaminhado ele para APAE para ver também, para complementar, a mesma psiquiatra que cuidava dele era da APAE, então já ia cuidar da fala que era muito ruim e cuidava de tudo e a mãe queria uma assistência também.

Que bom que ela reconhecia!

Mas ela demorou, não dava o remédio direito, a gente teve que, foi assim um longo caminho para ela se conscientizar também que tinha que dar o remédio direito.

Quando chegou o laudo, rapidinho a gente conseguiu uma acompanhante para ele, ele tinha o laudo, agora eu não sei por que ele não é mais meu, eu não sei se ele já não está mais indo na APAE ou se ainda está, porque é muita gente.

E como você falou que trabalha com a história em tudo, você percebe mudança? Não só neste que já tem laudo, mas nesta criança que às vezes é muito quietinha ou que é violenta?

Sempre percebe. Todos, até agora você não consegue ver, no meio do ano você vai ver mais ou menos, no final do ano você consegue ver. No meu TCC da faculdade eu usei os contos de fada na aquisição de valores na Educação Infantil, utilizando os contos de fadas porque eu já via isso como um caminho, mas assim, o que eles têm que desenvolver é autonomia, é a aquisição de valores e é nesta faixa etária, daqui para frente, dos quatro aos até os cinco, se não desenvolveu... cinco e meio, seis, fica difícil, fica complicado.

E com relação à cultura corporal, o que vocês trabalham?

Bom, a gente trabalhava muita coisa lá (no prédio interditado), agora a gente estava com um CD aqui que a gente estava dançando, na medida do possível, fazendo gestos, ouvindo sons, ouvindo música, é uma graça este CD. As nossas brincadeiras estão muito prejudicadas, porque de manhã hoje o tempo está nublado, a gente não tem espaço porque o sol bate, aqui as crianças da creche dormem, então na medida do possível quando o tempo está assim, mesmo não sendo o nosso dia a gente canta todo dia na entrada, porque tem sombra lá e é muito gostoso.

E tem o trabalho do mestre de capoeira também não é? Tem de manhã?

Agora que ele vai começar de manhã, mas ele já está à tarde, então isso eu falei para ele, vai agregar aqui para a gente, porque todo mundo vai ter que ter paciência, porque a escola está fechada, não tem mais barulho e um pouquinho de barulho que faça eu acho que compensa. Lá naquela escola toda semana tinha o horário de pátio, a gente saía, tinha no chão o coelhinho sai da toca, a gente brincava de roda, amarelinha, era uma delícia.

Qual o seu conhecimento em relação à história da capoeira?

Vou falar uma coisa para você, eu não tenho muito, já falei isso para você, eu não tenho assim, é uma coisa minha, se eu fosse escolher fazer uma coisa, não vou fazer capoeira, não gosto do “tim, tim, tim” aquele som eu acho enfadonho, eu prefiro “Tai Chi Chuan” (risos), entendeu? É a minha natureza, eu não gosto mas assim, eu não tenho nada contra quem pratica, não me vejo, não gosto.

Mas em relação à história da capoeira, você tem algum conhecimento? De onde surgiu, por quê?

Sim, o básico, só assim, cultura africana.

Então você nunca ensinou a capoeira?

Não, imagina, (risos).

E não faz parte do currículo também, do plano?

De trabalhar a capoeira não. De conhecer sim. A gente estuda a cultura africana, estuda a cultura indígena, a cultura européia, isso sim, uma pincelada, como todas as outras coisas do eixo, a fundo não.

E quais as dificuldades ou impedimento que você vê de entrar com a capoeira já na Educação Infantil?

Eu não posso ser a professora, porque não conheço nada, se tiver uma pessoa específica, daí ele trabalhar, aí tudo bem. Eu acho assim, tenho que levar em conta também, como eu não gosto, eu acho isso muito importante de se levar em conta. Tem criança que na hora de dançar, numa apresentação, ela não se sente muito à vontade dançando e faz outras coisas, mas dançando não gosta ou, quando a gente está cantando não gosta daquilo, é uma coisa natural, é natural dele, eu acho que isso também tem que levar em conta. Se alguma criança não se sentir à vontade fazendo, não é porque é criança que vai gostar de tudo que for apresentado para ela, não, já tem aquela coisa inata que a gente não pode, pode soar assim estranho, inato existe sim, tem algumas coisas que são inatas na criança e isso faz parte do gostar dela, isso tem que ser respeitado também, se a criança não quiser, aquele que não quiser não vai fazer.

Mas você acha assim alguma dificuldade em relação ao sistema, ao espaço, a equipe pedagógica, a capoeira tem liberdade para entrar?

Tem, porque o mestre me perguntou qual horário, eu falei que assim que você ver, qual for melhor para você, eu tenho a quinta-feira o parque, mas não está dando para usar, sexta-feira é a brinquedoteca, mas eu posso adaptar este horário para outro lugar, terça-feira eu tenho pátio, mas na terça-feira para ele não dá, eu falei sexta-feira, ele perguntou qual horário, eu falei a hora que você quiser. Ele falou assim pode ser às 8 horas, tudo bem, porque depois eu faço as minhas adaptações aqui e não vai me atrapalhar em nada, eu até tinha comentado com a professora da tarde, legal então ele está tendo um horário, mas vocês ficaram na hora do intervalo é uma coisa, eles voltavam assim agitadíssimos, você viu o tempo que a gente tem de intervalo, não dá para fazer tudo, um ia outro não ia, voltava chorando, voltava não sei o que, não bebeu água, eles tem outras coisas para fazer na hora do intervalo, eles tem que comer devagar, ir ao banheiro, beber água, não é o momento adequado. Aí eles estavam tendo à tarde, eu falei assim legal, então à tarde vocês tem e de manhã a gente não tem. Então o mestre falou assim para ver de manhã, que bom! Porque a gente queria!

Eu não gosto, mas nunca os excluí de brincar, da Educação Física, capoeira. Não gosto de bola, gosto de cantar e caminhar.

Mas é isso então! É importante eu saber sua opinião! Muito obrigada!

Por nada!

ENTREVISTA 8

Qual o seu nome?

E8.

Sua idade?

45 anos.

Sua formação profissional?

Magistério com licenciatura, concluí Letras e Pedagogia incompleta.

Você fez pós-graduação?

Não fiz.

Que turma é essa?

Pré II.

Que ano você se formou?

Formei em magistério em 1992, era o que tinha aqui.

Quanto tempo nesta rede municipal?

Vinte e dois anos e meio.

Você tem algum conhecimento sobre o tema socioemocional?

Específico não.

Como você obteve informações?

Já ouvi quando estava na faculdade, mas faz muito tempo.

E aqui na escola, você trabalha com questões socioemocionais?

Através de brincadeiras, situações que acontecem no dia a dia, a gente sempre faz uma intervenção através das atividades, dos cotidianos, acontecimentos dentro da sala de aula, recreio, sempre têm uma situação ou outra que a gente vai pegando este gancho para trabalhar com eles, diante da necessidade de cada um deles.

Você percebe crianças com comportamentos difíceis?

Sim. Aqui tem muitos casos de crianças que não tem um convívio com os pais, então cada criança reage de um jeito, alguns ficam rebeldes, agressivos, outras ficam apáticas, eles não têm equilíbrio emocional, não todos, mas em alguns casos a gente percebe que é a falta de convivência com os pais, porque a maioria das minhas crianças é de creche, eles ficam o dia todo na escola.

Você percebe diferença entre as crianças da periferia e as do centro da cidade?

Não, eu comecei aqui, mesmo aqui eu percebo uma mudança muito grande no comportamento das crianças. Antes os pais tinham mais respeito com a escola, hoje os pais não respeitam a escola, os professores e, hoje eu acho que é questão de criação, de educação, por não ficarem em casa, eles compensam a falta da presença e acabam deixando os filhos sem limites, os filhos podem tudo, eles que ditam as regras da casa, então é complicado, o pouquinho de tempo que ficam as crianças fazem o que querem.

Que tipo de mudanças comportamentais você presencia e percebe nas crianças, quando trabalha com o socioemocional?

Eu vejo assim, dependendo da conversa eles gostam de dialogar, eles participam, eles relatam assim: “eu fiz isto porque alguém falou” quando brigam e, tem pais que falam assim: “se alguém te bater você revida”. Tem uma bagagem que traz de casa e tem aquelas crianças que realmente veem joguinhos, mesmo sendo um bairro mais pobre, mas assim o nível deles mudou bastante. As crianças têm celulares, tem tablet, alguns não, mas a maioria tem e eles tem esse hábito, eles ficam horas, dormem tarde, tem caso de criança que dorme muito tarde, ficam só no joguinho, é o estímulo que tem hoje.

E como você trabalha na escola para mudar isso?

Eu costumo utilizar as histórias porque sempre tem uma moral, alguma coisa por trás, por exemplo, alguém da família morreu então sempre tem uma historinha que fala sobre isso, aí nós conversamos, eles falam, então se dá uma troca de informações.

Você tem algum conhecimento sobre a história da capoeira?

Pouco, tem uma unidade no nosso material que a gente estuda, é citada a capoeira, que é cultura africana e tem as influências no Brasil.

Você sabe se a capoeira é brasileira?

Não, é que nessa idade nós trabalhamos os instrumentos, só da uma pincelada, não estudamos a fundo.

No infantil, você vê dificuldades para entrar com a capoeira no ensino escolar?

Aqui no bairro não, porque já tem um trabalho de capoeira, a maioria dos pais e dos irmãos participa. Então é uma coisa que eles gostam e, até alguns, não tão pequenos, mais os maiores, muitos dos alunos frequentam a capoeira.

E quanto à equipe pedagógica da escola, você acha que a capoeira tem esse livre acesso?

Aqui sim. Eu não sei em outras escolas. O mestre sempre faz atividades, tem anos que ele vem com a turma e tem apresentações.

Mas não tem crianças pequenas?

Sim, tem crianças pequenas que participam.

Você acha que a capoeira pode trazer alguma diferença socioemocional para as crianças?

Eu acredito que sim, melhora a autonomia, a independência, a autoestima, por ele saber que pode fazer alguma coisa que é legal, que é útil, eu acho que sim.

Concluimos então, muito obrigada!

De nada!

ENTREVISTA 9

Qual o seu nome?

E9.

Sua idade?

35 anos.

Sua formação profissional?

Sou formada em Pedagogia e pós-graduada em educação especial.

Quanto tempo nesta rede municipal?

Aqui na rede estou desde 2006, são 13 anos.

Você tem algum conhecimento sobre o tema socioemocional?

Eu imagino que seja o que envolve o conhecimento da criança, aluno, mais próximo da criança, seria algo assim?

Está relacionado com resolução de problemas, interação, autoconhecimento, o corpo, o emocional, educação a adversidade, participação, empatia, a gente tanto ouve falar do termo empatia hoje, repertório cultural, pensamento crítico, um tema que não é novo, mas na atualidade ele está sendo mais abordado.

Vai levar mais em consideração o lado emocional da criança, enxergar a criança mais para o lado de dentro.

Isso, o envolvimento socioemocional da criança na escola, no meio.

E a informação que você tem a respeito disso, onde você obteve?

Na faculdade, na disciplina de psicologia falava-se muito sobre isso.

E aqui tem capacitação também, você acha que trabalha isso ou não?

Sim, tem as formações do Sesi, às vezes eles dividem por eixos e trabalham esta parte também, fala assim muito de considerar a criança, o interior da criança, como ela está naquele dia, ela pode fazer uma atividade hoje de um jeito e amanhã ela pode fazer diferente, vai depender do estado emocional dela. Então falam para considerar muito isso.

E você trabalha na sua aula com o socioemocional?

Sim, eu procuro sempre conversando com eles, toda atividade é explicada certinho, até mesmo durante algumas intrigas entre eles a gente acaba conversando, a gente acaba falando o que é certo ou errado, mostrando assim um caminho que é melhor, como a gente deve se sentir se colocando no lugar do outro, trabalhando sempre a empatia, eu acho que ajuda bastante.

E como você trabalha? Que meio você usa para estar trabalhando isso tudo, por exemplo, de uma criança que chega muito quietinha, uma chega chorona, outra que chega agressiva, como você faz?

Eu converso bastante, aí depende do assunto, a gente pode abordar através de uma história, através dos brinquedos, numa brincadeira, observar na brincadeira de faz de conta, eles transportam muito essa realidade deles na hora de brincar, então a gente observa, faz uma intervenção pontual, mas sempre assim na base da conversa mesmo, embasando com histórias, mais ou menos isso.

E você percebe criança com comportamento difícil?

Sim, a gente percebe sim.

Que tipo de comportamento que você percebe?

Por exemplo, tem aquela criança que tudo que você vai falar, se você chama a atenção ela chora, tudo que ela vem falar para você ela vem falar chorando, ou é aquela criança que é mais apática, não faz muito amizade, quietinha, cada um com sua particularidade e a gente vai tentando, dando um jeitinho.

Quais as mudanças de comportamento que você percebe com seu trabalho?

Uma criança que é mais apática, eu percebo assim que durante uma atividade ela começa a conversar, começa a se manifestar, ser mais participativa. Aquela criança que é mais chorona, que vem falar chorando, você acaba corrigindo ela, falando que não é assim e, ela já começa a vir falar com você e com as outras crianças, corretamente, como as outras crianças. Olha, é assim que seus amiguinhos estão falando, então vamos falar direitinho, então a gente acaba direcionando a fala deles e eles acabam adquirindo aquilo.

Qual o conhecimento você tem a respeito da história da capoeira?

Embora a gente tenha aqui o mestre que vem e trabalha bastante a coordenação motora, a gente sabe que o forte dele é a capoeira, mas um conhecimento aprofundado, a gente sabe que é uma luta, porém uma atividade física também, mas o conhecimento aprofundado eu não tenho.

E você vê como dança também?

Sim, utiliza os instrumentos, tem aquele ritmo na roda.

Você não ensina a capoeira?

Não.

Por que não ensina? Faz parte do currículo?

A dança até faz parte do currículo, em Artes, mas para nós não vem direcionado a capoeira.

Você sente alguma dificuldade para entrar com a capoeira na Educação Infantil?

Eu acredito que se for lançado algum desafio a gente pode tentar, dificuldade pode encontrar no caminho, mas não custa tentar.

Aqui na escola, você acha que tem recurso, tem abertura para a capoeira?

Eu acredito que sim, por conta do trabalho do mestre.

Muito bem! Então é isso, muito obrigada! Foi ótimo!

Que bom!

ENTREVISTA 10

Qual o seu nome?

E10.

Sua idade?

56 anos.

Sua formação profissional? (coordenação)

Eu sou graduada em Pedagogia e pós-graduada em Psicopedagogia.

Local de formação?

Na USC.

Que ano você se formou?

2006.

Quanto tempo nesta rede municipal?

10 anos.

Você tem algum conhecimento sobre o tema socioemocional?

A gente busca o conhecimento na psicopedagogia, que trabalha a questão que a criança aprende, mas também tem que estar com esse equilíbrio, afetividade e, para criança isso é bom para que ela desenvolva a aprendizagem. Porque a criança que fica hostil na escola ou na casa, não há aprendizagem. Então a gente acaba tendo este estudo focado, porque os nossos professores da USC são doutores no centrinho, onde atendem pessoas que vem de fora e, trabalha o emocional das pessoas com realidades diferenciadas, então eles também passam isso para a gente. No hospital Amaral, onde tem as crianças com câncer, então traz esta realidade e algumas situações vividas, onde a criança é afetada, o pai acaba abandonando a mãe quando sabe do diagnóstico, a mãe acaba passando isso para criança dizendo que o pai a abandonou, a culpando, sai arrastando pelo corredor. Então essas experiências que os professores viviam eles passavam pra gente, mostrando que o emocional da criança é abalado, até da criança que está enferma, precisando de ajuda.

E as informações sobre o socioemocional você adquiriu na pós?

Sim, não foi nada com foco específico, mas no estudo nós tínhamos esta busca, de saber que o emocional da criança tem que estar bem, esteja equilibrado, para que ocorra aprendizagem, porque o nosso foco é a aprendizagem. Se o emocional da criança estiver abalado não ocorre. Então a educação ela é pautada nas teorias, onde traz isto, o ambiente influencia no emocional, o ambiente com tumulto, o ambiente hostil, influencia no emocional da criança.

Você vê isto aqui na escola, crianças com problemas socioemocionais?

Sempre tem uma criança que tem uma realidade em casa e a gente procura auxiliar, porque a escola tem uma visão e uma missão de trabalhar com a criança, com aprendizagem, com a formação da criança integral, tanto emocional como intelectual.

Que tipos de comportamentos você vê nas crianças?

Às vezes quando eles têm um comportamento hiperativo ou quando chora bastante, não desvincula da mãe e é difícil de adaptar, então eu acho que talvez o emocional esteja abalado.

E você percebe mudança conforme vai trabalhando isso na escola? Como vocês trabalham? E que mudanças ocorrem?

Sim, a escola tem um projeto de adaptação, no qual a gente vai buscando como acolher esta criança para que ela se sinta segura e não só a criança, mas que a mãe e a família se sintam seguras também, quando deixa a criança na escola. Então nós temos toda esta preocupação.

E você percebe mudança de comportamento?

Muda, a gente já viu, já percebeu que estas crianças que vieram este ano, que estavam chorando, retornando ou aqueles que estão entrando agora na escola, já estão a vontade, gostam de vir pra escola, então a gente vê que a escola trabalha e vê o resultado, o bom resultado.

Você tem algum conhecimento sobre a história da capoeira?

Eu conheço de buscas, até de campo espiritual de capoeira. La de trás, o que se busca e o que afeta, eu tenho no campo espiritual isso daí.

E qual conhecimento?

Que ela vem das culturas africanas, eu preciso pesquisar um pouco mais para relembrar o que sei, mas sempre tem um foco espiritual.

E aqui nesta escola, ensina-se a capoeira?

Não, aqui não.

E quais as dificuldades ou impedimentos que você vê de entrar com a capoeira na escola já na Educação Infantil?

Aqui na escola a maioria é evangélico, que eu não sei se vão se opor, porque até coisas do carnaval os pais se opõem, então não sei como vão reagir. Eu acho que bairro e periferia as escolas aderiram mais, levavam para participar, porque o próprio ritmo puxa, porque tem aquela busca, espíritos, eu não me identifico.

Você acha que a capoeira poderia colaborar com as questões socioemocionais da criança?

Eu não acho, na minha concepção não.

E por quê?

Porque eu vejo um foco espiritual, pelos estudos e pesquisa, pelo som, puxada do batuque, então tem um foco espiritual nisso aí. Eu não acho, no momento tudo parece, mas depois a gente vê resultados no campo espiritual, você entendeu, no campo espiritual, eu não vejo como positivo, eu não quero aderir a capoeira, mas é uma coisa que você está pesquisando e eu estou sendo real. Eu fui de berço evangélico e você já vem com essas convicções. Se você for pesquisar os batuques, essas coisas, você vai ver um foco espiritual.

Tudo bem, muito obrigada!

Por nada!

ENTREVISTA 11**Qual o seu nome?**

E11.

Sua idade?

Cinquenta e três anos.

Sua formação profissional? (coordenação)

Sou pedagoga, psicopedagoga e mestre em comunicação.

Você fez pós-graduação?

Eu fiz cinco pós-graduações: alfabetização, docência do ensino superior, educação especial, psicopedagogia e psicologia forense.

Que ano você se formou?

Eu fiz magistério e me formei com dezessete anos, em 1984. Em 1987 eu me formei em Pedagogia, os próximos são várias datas que eu não me lembro.

Você tem algum conhecimento sobre o tema socioemocional?

Sim, já estudei um pouco sobre isso.

Como você obteve estas informações?

Na realidade eu tenho por hábito ler muito e estudar muito, buscar, eu gosto de saber de tudo que está acontecendo, eu tenho inclusive no celular diretamente acesso a revista nova escola, algumas reportagens que já vem direto com as novidades nesse sentido. E o estudo socioemocional eu já iniciei muito antes, quando eu estudei e comecei a dar aula na faculdade sobre inteligências múltiplas, porque aí entrou a questão da inteligência emocional, da intrapessoal mais a interpessoal que conectadas, juntas formam a questão da inteligência emocional. E parti para a leitura dos autores que lidam com isso, daí fomos nos aprofundando, uma coisa puxa a outra, uma reportagem puxa outra, uma literatura puxa outra, dessa forma que eu entrei em contato com o socioemocional.

E aqui na escola, você trabalha com o ensino voltado ao socioemocional?

Hoje em dia não tem como não trabalhar, na realidade que temos hoje, uma sociedade diferente, muito modificada, que tem a necessidade de se trabalhar a questão das relações, da empatia, de se colocar no lugar do outro, do trabalho em grupo, isso passa pela questão do socioemocional, senão a gente não dá conta de ter uma equipe que tenha um progresso.

Aí não é só com as crianças, a gente está falando até de professor, de tudo, e você como coordenadora?

A minha visão agora é muito mais a parte profissional, de professores e, até mesmo na faculdade onde eu dou aula são adultos também, do que até as crianças, porque você formando isso nos professores, automaticamente isso vai atingir a formação das crianças.

E como você trabalha isso aqui na escola?

De diversas maneiras, primeiro até no dia a dia, no tratar, no conversar pessoalmente quando surge alguma necessidade, até mesmo em treinamentos, no qual foi o caso de dar treinamento para os coordenadores e professores da rede, exatamente sobre esse tema, porque é um tema que está sendo muito falado, mas por outro lado ele ainda está cru ainda, no seu entendimento e na prática. Então, no dia a dia tem que ser trabalhado, porém, também deve ser dadas formações, ao meu entender, se não o professor não consegue lidar com isso e levar para dentro da sala de aula.

Aqui na escola, você percebe crianças que requerem um ensino voltado para aprendizagem socioemocional?

Aqui na escola e em todos os lugares. Na realidade é aquilo que eu estava falando, a sociedade hoje mudou, então nós temos crianças vindo para escola extremamente sem autonomia, uma educação voltada ao ter, não ao ser, inclusive em termos de barganha dos pais pela falta de tempo que os pais tem ou alegam ter para ficar com a criança. Então é tudo via troca, ou seja, é uma criança que não está acostumada a ter frustrações, ela não está acostumada a lidar com situações de convívio com os outros, é tudo “eu”, é tudo “para mim”, falta de limites, então o tempo todo a maioria dos problemas que a gente enfrenta dentro da escola hoje está muito mais ligado a questão comportamental e emocional, psicológica, do que propriamente no cognitivo. Então este trabalho modificou, a escola tem que mudar junto, tem que primeiro estar lidando o tempo todo com este desenvolvimento na criança, de saber respeitar o outro, respeito é assim uma coisa que está fora de moda, digamos assim, saber qual é o limite do outro, saber lidar com uma situação que não é agradável para ele, para poder ter uma aprendizagem mesmo.

E trabalhando isto você já pode ver mudança, melhoras nos comportamentos?

Sempre há mudança, ela é gradativa, é um processo longo, porque na criança tem tudo a ver com a formação do lar, da casa, da família, não tenho dúvida. E hoje nós

temos este problema com os pais, na própria formação dos pais e aí é uma coisa que é mais difícil alcançar, da escola estar alcançando, porque muda o foco, como nosso foco é a criança. A gente vai fazendo aquele trabalho de formiguinha aqui, com as crianças, com os professores, para que através delas nós possamos também alcançar os pais. Existe mudança, mas você tem que ter a paciência de ver isto gradativamente acontecendo, não é de uma hora para outra.

Por isso que é bom, nós professores, não estarmos mudando muito de escola. Senão você tem que começar o seu trabalho, a sua forma de trabalho do zero, em cada lugar que você vai não é?

É complicado, é muito discutida esta questão, até mesmo do professor ter que trabalhar em dois empregos, acaba tirando de um, digamos assim, para colocar no outro, a termos de tempo, de dedicação. Mas é um problema social, mais difícil de resolver, a questão da rotatividade dos professores é uma briga constante. Não que assim estando todos aqui vai garantir cem por cento, não é isso, mais garante pelo menos uma continuidade e um aprofundamento no trabalho, porque aí gera um ano de trabalho, quando você começa a conseguir aprofundar, para e, inicia-se tudo de novo por tem professores que não tiveram acesso aqui, o que é bem desgastante, para quem está na coordenação é bem desgastante, faz parte do nosso trabalho, mas é difícil.

Em relação à capoeira, você tem algum conhecimento histórico?

Eu tenho, na realidade é assim, nunca fiz, nunca estudei, mas desde três anos atrás, quando entrei na rede, já tive contato com o professor de capoeira que faz um trabalho social na outra escola onde eu estava. É um trabalho muito bacana de resgate da criança que fica o tempo todo após a escola, na rua. Ele traz e trabalha a capoeira, a partir da capoeira trabalha inclusive as condutas, as regras, todo este sistema que a gente está precisando trabalhar e, também, até no material que a gente utiliza fala um pouco. É esse o contato que eu tenho, o trouxe aqui para escola para fazer um demonstrativo, no fundamental, no infantil não. Aí depende muito do trabalho do professor, se você vai falar da cultura, como tem isso no material, você pode estar incluindo. Como a gente inclui várias culturas, na visão geral vai depender do professor conhecer, do professor buscar, mais é uma coisa que está muito mais acessível agora, do que a pouco tempo atrás, onde até havia o preconceito de alguns, a respeito de ser algo ligado a religiosidade, e hoje já está sendo aceito como um esporte, dentro desta cultura mesmo, eu acho que está melhor o acesso, mais fácil o acesso.

E aqui nesta escola, ensina-se a capoeira?

Não, nós temos aqui o treinamento inclusive à noite, desse professor, mas nós não temos um professor específico para o ensino de capoeira.

No infantil, quais as dificuldades que você vê para entrar com a capoeira?

Eu acho que é uma questão de oportunidade, se houver uma abertura em termo de horário, eu não vejo problema nenhum, pode haver alguma dificuldade com relação aos pais, pode, a gente está sujeito, porque é aquilo, são diferentes realidades, mas também é mínimo, acho que um ou outro é que não iria permitir porque tem a ver com religião e tal, mas eu não vejo assim tamanha dificuldade, é algo que pode ser conversado e pode ser trabalhado.

É isso aí, concluimos então, muito obrigada!

De nada! Que legal!

ENTREVISTA 12

Qual o seu nome?

E12.

Sua idade?

44 anos.

Sua formação profissional? (coordenação)

Eu sou pedagoga, eu tenho formação em Letras e também pós-graduação em psicopedagogia.

Quanto tempo nesta rede municipal?

Nove anos. Ingressei no ensino fundamental de uma escola e fui para outra. Depois fiquei na coordenação do infantil, no infantil fui para três escolas até estar aqui.

Você tem algum conhecimento sobre o tema socioemocional?

Eu acho que é muito importante, o emocional da criança tem que ser desenvolvido tanto quanto o pedagógico, porque a criança é um ser integral. Nós, seres humanos, temos nosso lado que é corpo e o nosso lado emocional, e o espiritual também, que não podemos esquecer. É muito importante o emocional da criança estar bem, para ela poder aprender e, a gente tem essa função de fazer essa aprendizagem pedagógica e também da autoestima da criança, que precisa de motivação, ser motivada a aprender, então esta questão emocional é muito importante no processo de ensino e aprendizagem.

Como você obteve essas informações?

Através de estudo, lendo bastante, a gente sabe que no teórico que estuda esta questão emocional, a gente tem o Henri Wallon que fala muito desta questão emocional, nós temos o Augusto Cury que coloca também esta questão do emocional, da inteligência emocional, o próprio Daniel Goleman fala dessa questão da inteligência emocional da criança. Então dos doze tipos de inteligência, a inteligência emocional é uma delas, então isso precisa ser desenvolvido na criança, por que a criança é um ser integral.

E aqui na escola, você trabalha questões socioemocionais?

Sim, a todo o momento quando a professora propõe uma atividade, ela tem que motivar a criança, despertar o interesse da criança naquela atividade, é lógico que dentro do plano de trabalho docente feito com uma expectativa de aprendizagem e dentro desse desenvolvimento para atingir a expectativa, o objetivo, ela precisa motivar a criança, despertar o interesse da criança, então nisso é trabalhado a questão emocional da criança, porque a gente sabe que uma criança feliz aprende muito mais.

E como você vê que é trabalhado isso?

A todo o momento. Em uma roda de leitura, a forma como elas leem, nós percebemos nos olhos das crianças o interesse pela leitura, o desenvolvimento delas em querer ler. Quando estão fazendo uma brincadeira no pátio, então a forma como a professora coloca e como explica essa atividade para a criança, a professora já vai de uma maneira chamando a atenção da criança, motivando a criança, então você vê a felicidade da criança em desenvolver aquela atividade. Então, a todo o momento é despertado, na alimentação também né, pois primeiro a gente come com os olhos, então a gente vê a alegria das crianças quando veem a comida bem feita, que graças a Deus as nossas merendeiras são maravilhosas, então tem aquela motivação de eles verem a comida bem feita, cheirosa, querendo comer, então isso também é importante para a criança. Então, a todo o momento esta questão emocional é trabalhada.

Você percebe criança com comportamento que requer atenção para o sociemocional aqui na escola?

Assim, se perceber que tem crianças que precisam a gente observa, se precisa a gente já conversa com a itinerante, ela observa a criança, aí se precisar de um encaminhamento para uma psicóloga, porque a nossa psicologia aqui é mais para aprendizagem, mas se a criança precisa de um acompanhamento psicológico nós chamamos a mãe, conversamos e, a mãe leva a criança no pediatra e pede o encaminhamento para o setor de psicologia, que é o CAPS.

E na prefeitura tem psicóloga disponível?

Para os problemas de aprendizagem sim, que são as psicólogas itinerantes. Para comportamento, de coisas assim, eu acho que é no setor da saúde, com o CAPS, por encaminhamento médico.

Que tipo de comportamento? Você já teve alguma situação assim?

Já, nós chamamos a mãe e conversamos.

Você poderia citar alguma coisa?

Muito choro, crianças que choram muito. A professora propõe uma atividade e a criança fica muito tímida para fazer a atividade, é muito quieta ou às vezes é o contrário, é muito agitada também, quer chamar a atenção.

E de agressividade, você já percebeu alguma coisa?

Sim, de agressividade a gente já percebeu também. Nós temos uma criança, que já foi encaminhada e a APAE está esperando a mãe levar os documentos, para poder fazer a triagem e começar os atendimentos.

Como você disse que uma chora muito e outra é mais quietinha, vocês agindo nas vidas dessas crianças, você já percebeu mudanças?

Ah sim, por exemplo, com essas crianças a gente desperta ainda mais a questão da motivação, de trabalhar com elas de uma forma bem lúdica, com todas as crianças gente trabalha de forma lúdica, mas com essas crianças a gente desperta outras atividades, que despertam ainda mais a felicidade, o interesse pelas atividades, de entreter essa criança mais com o grupo, de fazer essa parceria com os coleguinhas, de colocar esta criança para brincar mesmo com os colegas e ser mais feliz assim, desenvolver mais essa questão.

Você tem algum conhecimento sobre a história da capoeira?

Sinceramente não, o nosso contato com a capoeira aqui é o com o mestre que tem o projeto da capoeira que ele faz com as crianças aqui na escola aos sábados, no Centro Comunitário, à noite durante a semana. Ele trabalha quinta-feira, sexta-feira e finais de semana também. O que ele faz com as crianças é muito legal, as crianças amam quando ele vem aqui, brinca com as crianças, ele traz as coisas dele, eles adoram.

Você tem algum conhecimento seu a respeito da capoeira?

A gente sabe que é da cultura brasileira, a capoeira está na história do Brasil, veio com os negros, eu acho que é um conhecimento importante porque faz parte da nossa cultura e as crianças tem esse conhecimento porque as professoras passam, conversam com eles.

A capoeira também é importante porque ela trabalha a diversidade de movimentos, ela faz a criança se concentrar naquilo que está fazendo, trabalha a concentração e também, além disso, é um exercício físico maravilhoso porque vai trabalhar o corpo inteiro da criança de uma forma global e também trabalha a questão da disciplina, porque a criança tem que saber o tempo que ela tem que fazer os exercícios, então além de trabalhar a questão física ela trabalha outros valores também como a disciplina, a concentração, que é super importante para o desenvolvimento dela.

Mas não faz parte do currículo escolar?

Não, da Educação Infantil sim, quando eles estudam, por exemplo, tem uma unidade do SESI que é sobre as regiões do Brasil e as culturas do Brasil, então a capoeira faz parte da cultura do Brasil e, a capoeira pode entrar como currículo cultural.

E é trabalhado na escola, as professoras ensinam sobre a capoeira?

Sim, ensinam, trabalham. Elas ensinam, mas quem trabalha com a capoeira aqui na escola é o mestre mesmo, é ele quem trabalha, mas a gente fala da capoeira, mostra vídeos, vê fotos, este tipo de coisa.

Você acha que tem algum impedimento ou alguma dificuldade de trabalhar a capoeira aqui na Educação Infantil?

Não. Nenhuma barreira. Tanto é que pela comunidade eles amam.

Será que essa abertura é devido ao trabalho do mestre?

Com certeza, com certeza, eles adoram esse mestre.

Os pais já tem uma visão aberta em relação à capoeira?

Já, porque eles são ex-alunos do mestre.

Esse trabalho já é antigo?

É antigo, então muitas crianças que nós temos aqui, os pais foram alunos dele, então já é uma cultura da própria comunidade.

Ele é muito conhecido, muito amado, todo mundo adora e a gente também, nós aqui da escola adoramos ele.

Então é isso, muito obrigada!

Obrigada você!

ENTREVISTA 13

Qual o seu nome?

E13.

Sua idade?

42 anos.

Sua formação profissional? (direção)

Pedagogia.

Você fez pós-graduação?

Não tenho nenhuma pós-graduação.

Quanto tempo nesta rede municipal?

Dezesseis anos, de 2003 para 2019.

Você tem algum conhecimento sobre o tema socioemocional?

O aprendizado socioemocional é você desenvolver na criança a inteligência dela no meio social, naquilo que ela vai interagir com o próximo e suas emoções, como que ela reage de acordo com uma atitude de um colega. Então nós temos que trabalhar a socialização, mais o emocional, então você vai ter que agregar esses dois conhecimentos que são importantes na vida da criança, que é a base, então nós trabalhamos muito o socioemocional.

Como você obteve essas informações? Aqui na escola você trabalha com questões socioemocionais?

É um conceito meu, é claro que a Pedagogia fala muito, os autores falam muito da questão de desenvolver esse atributo, mas assim, a minha concepção é o que a gente trabalha aqui, que a gente tem falado muito da socialização e da emoção, hoje nós precisamos desenvolver muito a questão emocional e tem que começar agora, nessa faixa etária. Como eu estou trabalhando com a minha equipe, eu tenho falado para elas que de zero a seis anos é a idade fundamental, nós estamos com a base

da sociedade na nossa mão, nós temos que saber desenvolver, como desenvolver todas essas questões que abordam o indivíduo no todo, depois vai sair daqui e o que ele desenvolver aqui é como vai ser o adulto. Qual o cidadão e qual o adulto que eu quero?

E como você trabalha isso, aqui na escola?

Então, a gente trabalha assim, desde 2018 eu trouxe para escola vídeos falando da questão de sair da média, deixarmos de sermos medíocres. O que é ser medíocre? Trabalhei isso com a minha equipe, funcionários e professores, medíocre é você estar na média e, nós temos que buscar estar acima da média, não para mostrar, para querer ser melhor que o outro, mas com a visão de que eu preciso realizar a minha profissão de uma forma de missão a ser desenvolvida, para que eu alcance o meu objetivo. Então eu trabalhei com os meus funcionários, no ano de 2018, junto com os pais, abordando para os pais da escola que não é depois dos sete anos, é agora. Então muitos pais mudaram de atitudes, nós tivemos uma porcentagem de 30% a mais de comparecimento em reuniões este ano, porque eu tenho desenvolvido a missão da equipe nessa visão. Qual é a visão daqui? Que a idade fundamental é agora, de zero a seis anos, está em nossas mãos e a nossa missão é desenvolver integralmente o emocional, o social da criança, o cognitivo, o psicológico, de uma forma integrada, sem traumas, mas educando sim, então nós estamos trabalhando muito essa questão, como educar sem traumatizar. Eu estou também trabalhando em conjunto com as famílias, então eu chamo as mães e pergunto: Como você está trabalhando com o seu filho em casa, como você está abordando a educação do seu filho? Olha, vamos fazer dessa forma, então nós vamos orientando os pais para com o objetivo, que é formar cidadãos responsáveis, conscientes dos seus direitos e cumpridores dos seus deveres, porque direito todo mundo quer e seus deveres? Tem que ser cumpridos. Então eu tenho trabalhado formando essa equipe para essa visão e os pais também. Nós temos tido esse fruto, de uma escola que os pais têm confiança, tem prazer de deixar aqui, porque eles estão sentindo apoiados também pela educação dos filhos, nós estamos fazendo uma parceria, escola e família.

Aqui na escola, você percebe criança que requer o ensino voltado à questão socioemocional?

Com certeza, todos não é? Todos precisam.

Que tipos de comportamentos nas crianças você vê mais em evidência?

Das crianças? Então, por exemplo, um brinquedo, a disputa de um brinquedo. O que acontece na disputa de um brinquedo? Há mordidas, há empurrões, há beliscões. Então como que eu vou trabalhar com uma criança tão pequena e abordar para ela que não é assim? Então nós procuramos e, até está acontecendo o planejamento, situações que nós aprendemos como lidar, que é através da conscientização. Então tenho que parar tudo, eu falo para as meninas gente, para tudo! Naquele momento que houve uma atitude negativa daquela criança com outra ou com a professora, para e aborda aquilo com a turma conscientizando. A gente precisa fazer uma reflexão desde pequeno, eles precisam entender muitas vezes o que você fala. Nossa, mas criança de dois anos? Mas a partir de nove meses, nós conseguimos já fazer uma educação, entendeu, através da expressão naquilo que não foi legal.

E você percebe mudança quando você trabalha isso?

Com certeza. É diferente, um exemplo básico tá quando eu cheguei aqui, não existia papel higiênico nos banheiros. Por quê? Porque as crianças pequenas fazem o que com o papel higiênico? Joga no vaso sanitário, joga no lixo, faz aquela bagunça. Então as serventes falavam para mim: "Não é bom colocar papel higiênico nos

banheiros, porque eles destroem o papel higiênico e a gente já não tem”, imagina. Eu falei: Não, espera aí, nós temos o compromisso de educar. Você pode até falar: Poxa tinha que vir de casa! Mas hoje, infelizmente, as famílias não estão com tempo, não estão tão disponíveis, que é obrigação da família, mas nós como uma missão, porque nós temos uma missão, nós enxergamos além, nós saímos da mediocridade e estamos acima da média, esse acima da média é enxergar diferente, fazer a diferença. Então é uma escola que enxerga até aquilo que a família não está fazendo, mas chama a família para compartilhar também, para não ficar só a escola não, a família tem que se posicionar também. Então, por exemplo, não tinha papel higiênico e eu disse: “Nós vamos colocar papel higiênico”. Ai chegava: “Olha, foi o rolo inteiro para o vaso”. Falei: Não, calma aí, estamos com a base, nós vamos educar estas crianças a usar o papel higiênico, então eu como diretora peguei o papel toalha e um rolo de papel higiênico e, fui em todas as salas: “Crianças o que eu tenho na minha mão? Papel higiênico. E esse? Esse é papel também. Para que é esse papel? Esse é para enxugar a mão”. Então eu abordei qual a quantidade de folha que dá para enxugar a mão. “Precisa gastar muito? Não, porque custa dinheiro. E se não tiver mais dinheiro para comprar? Então vai ficar sem o papel. E esse? É para fazer o que? É para limpar o bumbum. Tá, e onde a gente joga depois que limpou o bumbum? No sexto. E se eu jogar no vaso? Vocês sabem o que vai acontecer? O vaso vai entupir e vocês não vão ter mais lugar para fazer coco e xixi. Como que vai fazer? Vai estragar o vaso, vai entupir”. Então eu fiz um trabalho de conscientização. Esse ano eu comprei os suportes e fixei na parede o suporte para eles pegarem, porque ficava segurando na mãozinha. Então o que aconteceu, eu tive que fazer a conscientização três vezes, insistir, porque mesmo assim as crianças estavam com o hábito de fazer. Então chegava a servente e dizia que aconteceu de novo. Então nós vamos educar. Vamos mais uma vez: “Pessoal, estou passando aqui mais uma vez, o que nós combinamos, nós precisamos cuidar da nossa escola, temos que preservar nossa escola, isso aqui é dinheiro”. Então a gente vai abordando em todas as áreas. E ouve mudança, tem pessoas que chegam à escola e falam: “Como que você coloca papel higiênico para crianças desse tamanho?” Não tem mais problema, esse ano eu comprei os suportes, um ensina o outro e tem a conscientização, é aí o cidadão que eu estou formando! Quando chegar lá no fundamental, no ensino médio, que eles tem a mania de jogar papel higiênico no teto, nós focamos tanto isso aqui na educação principal que ele vai ter na consciência dele que não pode fazer isso. Então esse é o foco da nossa educação. Por isso que eu falo, nós temos que pegar o simples, banheiro, refeitório, como se alimentar sem jogar alimento no chão, não pode haver desperdício. Então nós temos trabalhado, conscientizado, de como eu quero esse cidadão lá na frente.

Você tem algum conhecimento sobre a história da capoeira?

Bom, a capoeira, o que eu entendo que é algo cultural como: festa junina, como natal, como as datas comemorativas, a capoeira entrou como uma dança cultural, que a origem dela eu não sei muito bem, a história, essa questão eu não me aprofundi muito, traz uma história de onde veio a capoeira e aí está sendo muito desenvolvida em vários locais, tem os professores que ensinam, tem escolas que já estão agregando esta questão da capoeira. É algo cultural, é o que é passado para nós, que estamos nesta área da educação.

Faz parte do currículo?

Não, não faz parte do currículo.

E aqui nesta escola, ensina-se a capoeira?

Não. Aqui eu estou incentivando bastante a questão da música, porque criança gosta de música, tudo que você chama a atenção cantando você consegue um resultado mais positivo, então você vai almoçar cantando um musiquinha que educa, vai ficar gravado e a criança vai desenvolver seu aprendizado de uma forma melhor, mais rápido.

Quais as dificuldades ou impedimentos que você vê para entrar com a capoeira na escola, já no infantil?

A capoeira pode ser cultural, mas eu enxergo nela também a questão do ritmo, é um ritmo que historicamente a gente escuta em lugares religiosos que a gente tem um entendimento como não sendo do lado bom. Vamos dizer assim, como é um ritmo muito usado em uma religião que a gente quer estar longe dela, que a gente se preocupa, então é o ritmo dela que traz uma influência dessa religião, então eu creio que não é adequado, vai trazer a influência musical daquilo. Então essa é a minha preocupação: de onde é tirado o ritmo? Onde é usado esse ritmo de capoeira? Então trazendo para escola eu creio que é algo que vai despertar algo que ao invés de uma aprendizagem, vai trazer uma agitação. Eu tenho essa visão, essa preocupação do ritmo dessa música.

Você acha que a capoeira pode ter uma influência positiva, como você vê?

Porque a gente está falando da resolução de problemas, do socioemocional.

A música traz um benefício e um movimento, é claro, que o corpo é todo movimento, então tudo que você movimenta e ainda mais com a música, há benefícios sim. Mas a minha preocupação é a questão do ritmo, a influência que atrás desse ritmo pode estar trazendo para as crianças, eu não tenho essa mente aberta que um ritmo que é usado para chamar outras coisas negativas, se vai fazer bem para as crianças. Então eu tenho essa abertura de mente para entender que a capoeira, como outras músicas, não tragam influência negativa. A minha preocupação é que as crianças são sensíveis, criança absorve tudo, são esponjas, você nem imagina porque a criança está agitada, você nem percebeu, mas ela está agitada e você fala: “mas por que esta criança está assim?” Então é algo que ela captou que às vezes ela nem fala, mas ela sente, neném de dois meses quando a mãe não está bem ele não fica bem, é impressionante. Então como eu me preocupo muito com aquilo que ela absorve, eu me preocupo com o ritmo da capoeira. O que ela vai trazer de benefício para a minha criança, o ritmo dela, o que vai ser falado, o que vai ser cantado com esse ritmo, o que é cantado no ritmo da capoeira? Eu nunca parei para ouvir o que é falado. Quais palavras são usadas nas músicas? O que está lá embutido? Porque a música, assim como as palavras nossas ditas, tem poder e, é a mesma coisa na música. Se você coloca uma música que fala de morte, você vai ficar para baixo e se você colocar uma música que fala de coisas boas, você vai animar o teu espírito. Então eu acredito muito nesta influência, positiva e negativa. E a capoeira eu não tenho assim muito acesso, o que eu ouço é um jogo de palavras que não entendo o que está se falando ali e eu preciso saber o que está se falando ali, o que é que aquilo quer dizer. O que o “AUE” quer dizer? Tá chamando alguma coisa boa, o que está abordando esse “AUE” esse “EA”, eu preciso saber, porque as músicas que a gente canta nós sabemos, tem os personagens dos bichinhos, nós escolhemos as músicas, eu não vou por uma música de funk que vai trazer sexualidade para as crianças. Então eu tenho que me preocupar com aquilo que eu quero passar para elas, o que elas vão absorver como esponja. Então a capoeira eu me preocupo por este lado, de eu não saber o que está sendo transmitido.

É isso, muito obrigada!

De nada

ENTREVISTA 14

Qual o seu nome?

E14.

Sua idade?

(risos)

Sua formação profissional? (direção)

Professora, pedagoga, formada na Universidade de Marília, UNIMAR, curso de pedagogia, com administração escolar e supervisão escolar.

Você fez pós-graduação?

Pós em metodologia do ensino de primeiro e segundo graus e gestão de instituições de ensino.

Quanto tempo nesta rede municipal?

Municipal três anos, dezoito anos de SESI e seis anos de escola particular.

Você tem algum conhecimento sobre o tema socioemocional?

Já ouvi falar, mas eu preciso me inteirar mais, pois é algo que vai estar muito em alta.

Eu vou dar uma pincelada. Esse termo socioemocional diz respeito à resolução de problemas, interação, autoconhecimento, educação à diversidade, empatia, repertório cultural, pensamento crítico. Disso tudo, você percebe que trabalha aqui na escola?

Gestão é um aprendizado constante no trato com as pessoas, professores, pais, alunos e, eu tenho que estar bem emocionalmente para tratar bem as pessoas, dentro da minha função tenho que impor os limites, é minha função, mas também eu tenho que respeitar as ideias alheias e entender as pessoas e, de uma certa forma, entender o lado do professor também, pois eu fui professora muito tempo e consigo entender os dois lados.

E aqui na escola, você percebe crianças com comportamento que requer um ensino voltado para questões socioemocionais?

Sim, com certeza, iniciando pela família, a família em primeiro lugar precisaria passar por este aprendizado.

Que tipo de comportamento você percebe nas crianças?

Falta de respeito, das crianças para com os adultos, para com os colegas. O tudo pode, as crianças não se decepcionam, os pais superprotegem, não dão limites para que eles não se decepcionem e a decepção faz parte da vida.

A escola tem uma função de lidar com isso. Você percebe esse trabalho na escola e alguma mudança nas crianças quando é trabalhado o socioemocional?

Com certeza, porque o professor tem que gostar do aluno, a criança precisa perceber que o professor gosta dela, que tem uma atenção, que cobra do aluno, mas ao mesmo tempo dar atenção e carinho para ela e ser firme não é ser ruim.

Já teve algum caso específico de criança com problema comportamental que você percebeu que a escola interagiu e teve mudança nestes anos que você trabalhou aqui?

Sim, aqui e fora também. Trazer os pais, a escola tem que transpor os muros, conversar, pedir a colaboração deles, orientar os pais, eles fazendo o papel deles na família e nós dentro da escola. Hoje em dia os pais esperam muito da escola, tem que haver esta parceria, cada um dentro do seu limite e da sua função.

Em relação à capoeira você tem algum conhecimento histórico?

A Bahia, a história afro do Brasil, a cultura afro, eu vejo pelo lado da cultura brasileira. Não vejo pelo lado da religiosidade, faz parte também, creio que do

candomblé, dessas religiões, mas que faz parte da nossa cultura e é um esporte que valoriza a cultura do Brasil.

E aqui nesta escola, ensina-se a capoeira?

Não. Tem aquele curso, mas não faz parte da nossa grade curricular, é um trabalho a noite. Na nossa grade não tem, seria muito bacana que tivesse.

Se fosse trabalhar com a capoeira, quais as dificuldades?

Eu acredito pelo que observo, que a cidade por uma cultura religiosa, uma cidade muito voltada, a maioria das pessoas que eu observo são evangélicas e o evangélico não entende a capoeira como uma parte da cultura, ele leva pelo lado da religião. Eu acredito que tem que ter um trabalho, não são todos os pais, mas os pais precisariam entender a função da capoeira cultura e não ficar preocupado com a parte da religião, não confundir as estações. É uma interpretação que eles têm errônea.

E bastaria então mais conhecimento.

Muito bem, é isso! Muito obrigada!

De nada!

ENTREVISTA 15

Qual o seu nome?

E15.

Sua idade?

Eu tenho 62 anos de idade.

Sua formação profissional? (direção)

Formação em Artes Plásticas, Artes Visuais, licenciatura plena, Pedagogia em gestão, orientação e as matérias do magistério. E tenho pós-graduação em leitor crítico, que eu fiz pela UNESP e Secretaria da Educação.

Eu me formei em 1979 em Artes Plásticas, na Fundação Educacional de Bauru quando estava em transição para UNESP. Até fiz algumas matérias como fotografia, escultura eu já fiz no Campus da Unesp. Era FEB Fundação Educacional de Bauru. Em 1981 fiz minha Pedagogia na USC, Universidade do Sagrado Coração de Jesus, mas como eu precisava trabalhar, eu peguei aula e era durante o dia e a noite, aí eu me formei nos seis últimos meses pela UNIMAR de Marília, porque eu tive que transferir para lá, eu precisava trabalhar né e, em 2003 a minha pós foi UNESP com a Diretoria de Ensino, um convênio.

Quanto tempo nesta rede municipal?

Eu estou a dez anos. E nesta escola faz cinco anos como diretora. Eu iniciei em outra, onde fui coordenadora quase cinco anos, aí me convidaram pelo índice do SARESP que eu consegui lá, para ser diretora aqui e, também já melhorei bastante aqui.

A senhora tem algum conhecimento sobre o tema socioemocional?

Olha, eu li Wallon e o nosso sistema SESI, ele é sociointeracionista, que nós trabalhamos com Vygotsky, Piaget e Wallon, Wallon que é mais emocional e eu li sobre ele também.

E aqui na escola, as professoras trabalham com questões socioemocionais?

Sim, a gente trabalha, dentro do nosso material já tem né, porque ele é sociointeracionista. Como tem os psicólogos, estes estudiosos, eu acredito que a gente trabalhe nesta linha. Eu tenho uma tentativa até de uma aplicação da Yoga, por que eu acho que a Yoga, com eu fiz por oito anos, eu já cheguei a dar algumas aulas aqui no infantil, porque eu acho que eles precisam de um desenvolvimento

neste lado emocional, porque há um equilíbrio, como hoje a educação está mais voltada para o homem integral, para o desenvolvimento integral e global do indivíduo, eu acho que esse lado parece que os sistemas já estão pensando também em desenvolver o lado emocional do aluno, eu acho que é necessário. Então como que ajuda? Através do que? De uma Yoga, de como o professor pode trabalhar esse lado do aluno, essa parte emocional também, isso é muito importante, eu acho, para fazer o indivíduo integral.

E como isso tem sido trabalhado aqui no infantil?

Eu acho assim, você ouvir o aluno, ter o diálogo, do professor e do aluno, isso está no nosso material, dialogicidade e, dar atenção àquele aluno que precisa, porque às vezes acontece alguma coisa fora da escola, o aluno chega e conta, então nós devemos ser iguais aos médicos, você deve dar o auxílio emocional e guardar bem aquilo, ser ético, isso é importante, você precisa ouvir a criança às vezes. Como eu dei aula de artes no ginásio, uma vez eu tive um aluno atropelado pelo trem, você lembra, ele pegava carona de trem daqui e um dia ele escorregou e o trem... Teve outro também que perdeu a perna, ele tem uma prótese que ganhou da Sorri, do joelho para baixo. E nesse dia do acidente, a gente não conseguia dar aula, porque foi bem próximo da saída da manhã e da entrada da tarde. Então enquanto a gente não ouviu esses alunos, o desabafo deles, o que eles viram, a chegada da ambulância, da polícia, a gente não conseguiu dar aula, quer dizer, o emocional deles estava abalado e nós precisávamos ouvir o aluno e, é isso que o professor tem que fazer. Às vezes eles chegam aqui contando coisas que aconteceu em casa, você não é psicólogo, mas você é um adulto, é um profissional e pode auxiliar pela sua experiência de vida.

E na escola, vocês percebem crianças com comportamentos difíceis?

Sim, com certeza. Às vezes eles são mais agressivos, às vezes são apáticos, ao contrário e, às vezes acontecem coisas que eles nos relatam, então você tem que dar ouvido para aquela criança e ajudá-la.

Quais as mudanças comportamentais que vocês percebem nas crianças, quando se trabalha com o diálogo? As professoras comentaram que elas trabalham muito com história e com música.

Isso, histórias, músicas, mesmo o exercício físico, isso equilibra a pessoa também. Então é o caso da capoeira que você está estudando, eu tenho o metre que é o meu parceiro aqui e ele vem brincar no recreio com as crianças, então ele faz muito a parte musical, de exercícios, de respiração, ritmo, primeiro inicia a respiração, que é muito importante você saber respirar corretamente, o relaxamento, isso tudo contribui sim para o equilíbrio emocional melhor, com certeza.

E ele faz de uma maneira bem lúdica e as crianças gostam muito não é?

Sim, com certeza. Totalmente através da ludicidade. Os circuitos ele faz também, é bem interessante, alguns passos da capoeira ele já começa no meu recreio. Ele trabalha a minha comunidade aqui, os meus alunos, que ele tira da rua, nos sábados o dia inteiro e dá o alimento através de doações, então eu ajudo muito também, com essa parte, para ele tirar mesmo os meus alunos da rua de final de semana.

E já faz tempo que ele trabalha não é?

Muitos anos.

Ele já fez este trabalho com os pais das crianças que estudam agora?

Sim. Ele tem alunos dele que são pais de alunos hoje, que ele trabalha com essas crianças.

Ele é muito querido aqui na comunidade não é?

Demais, mesmo quando ele chega na minha escola, nossa, é aquele bando que vai abraçar e beijar, ele faz um trabalho voluntário maravilhoso e eu abro as portas para ele, porque ele é meu parceiro.

E vocês conseguem perceber mudanças com esse trabalho todo?

Sim, totalmente, a gente percebe sim.

O apático fica menos apático, o mais violento fica menos violento?

Sim, isso de você sentar com a criança, olhar no olhinho dela, deixar ela contar pra você o que aconteceu, você dar um retorno, esses exercícios físicos de respiração, a criança fica outra, isso é necessário hoje na educação.

Qual conhecimento a senhora tem em relação à história da capoeira?

Eu conheço assim, porque como eu fui professora de artes, eu até já estudei isso com os meus alunos, mas era uma luta africana, que veio com os negros, com os escravos e aqui se tornou um jogo com o passar do tempo. Mas no início do Brasil colonial eles usavam mesmo para se defender, nos quilombos, era uma luta de defesa, nos quilombos eles faziam, ensinavam, mas hoje ela é um jogo e não deixa de ser quase que um esporte.

Em 1972 ela se tornou um esporte.

Acredito que deveria entrar até nas olimpíadas também. Já estão estudando como a dama, o xadrez, que é esporte que mexe mais com a cognição, como o xadrez que já é um esporte, a capoeira já deveria estar nas olimpíadas, porque o mundo inteiro aprecia e quer aprender o gingado. E aqui no Brasil foi lindo porque o nosso povo, ele é diferente de todo o povo do mundo e assim, o gingado que eles tem para o jogo é muito bonito e importante, além do que disciplina os alunos também, como qualquer esporte disciplina muito. Então é assim, nós deveríamos ter muito mais condições de ter todos os esportes na escola, desde a natação, o vôlei, o basquete, o futebol e outros, se nós tivéssemos mais condições estruturais.

Desde espaço até formação?

Sim, por que eu estudei numa escola americana e a gente fazia l  dentro, natação ginástica olímpica, então assim, por isso que eu vejo, o brasileiro é um herói quando ele vence uma olimpíada, ele tem uma medalha de ouro, prata ou bronze, porque lá fora eles são incentivados, acompanhados por uma psicóloga, alimentação, os nossos alunos não tem nem t nis para treinar, a gente sabe disso. Então o brasileiro ainda é um herói quando ele é um esportista e alcança o objetivo maior dele que   ter a medalha ou ser um campeão. Então nós somos heróis mesmo. Eu valorizo muito isso.

Então na escola se ensina a capoeira.

Sim, no horário do recreio já dão umas gingadinhas.

E recurso para isso, tem?

Muito pouco, todo recurso que o mestre consegue geralmente   voluntário e ele tem muitas coisas, faixas, folder dos encontros, ele vai ser homenageado até no Mato Grosso, ele contou pra você? Chamaram para ser homenageado l , outro dia já foi homenageado aqui no interior de São Paulo pelo trabalho voluntário que ele faz. Eu até falei para ele: eu vou te inscrever naquele programa, que a gente da o dinheiro todo ano, no Criança Esperança, porque ele mereceria um lugar bom e dinheiro para manter o projeto dele, porque ele faz isso mesmo com amor.

Qual dificuldade a senhora v  para entrar com a capoeira na escola?

Eu não vejo impedimento nenhum, mas eu acho assim, precisa ter um traje adequado, ele não pode jogar capoeira com uma calça jeans, que impede o movimento. É como o jud , ele deveria ter a vestimenta correta, aquela calça que  

própria para isso, tipo um quimono, além do berimbau, dos instrumentos que eles tocam, a música é muito importante dentro da capoeira, a música é própria deles.

Aqui no bairro a senhora sente algum tipo de discriminação?

Não, não sinto nada, porque já faz muito tempo, eu acho que este projeto já deve ter uns vinte anos. Então é maravilhoso, não é?

E é por isso que ele tem toda essa liberdade. E espaço, também tem?

Tem, mesmo que ele tenha ficado restrito quanto ao espaço físico, ele está indo em outro lugar, de quita e sexta ele vem aqui e, de sábado quando ele da refeição o espaço ficou menor, mas eu acredito que logo logo a gente vai voltar para escola ou vai para escola nova e ele vai ter o centro comunitário de volta, todo para ele novamente, mesmo assim eu já abri a porta para ele, porque no início não quiseram, ficaram receosos, porque ele traz toda a comunidade aqui dentro da escola, mas eu faço questão de ceder o espaço, porque a gente tem que ter essas parcerias, principalmente de fim de semana e olha, eu nunca tive uma depredação aqui, um muro pichado, nada quebrado, quando eu vim para cá o meu receio era esse, eu tinha medo de roubo, de pichação.

É uma escola de periferia?

Era um dos piores bairros, tinha pontos de drogas. Como agora começou a crescer os bairros em volta da escola, está deixando de ser periferia e as residências já estão melhores, já são de alvenaria, o asfalto chegou, a infraestrutura de bairro, com saneamento básico e isso tudo ajuda né. Eu dei aula aqui faz muito tempo também, não tinha asfalto e quando chovia muito, nós deixávamos o carro antes da ponte e vinha de chinelo, aí chegava aqui, lavava o pé e punha o sapato, nós chegávamos com o pé de barro aqui na escola. Dei aula de quinta à oitava, eu ainda estava no início, porque eu me formei em 1979, o diretor passava com o opala amarelo de duas portas, eu nunca me esqueço disso e, me trazia, porque o pessoal de Bauru não vinha dar aula aqui, eles pegavam aula e não vinham. Então eu vinha substituir aqui, qualquer matéria que precisasse e eu fiz um ótimo colegial. Eu falo inglês, então eu substituí inglês, química, física, até matemática e português eu dava aula, eu vinha toda noite, não tinha um dia que eu não dava aula aqui. Quando eu terminei a faculdade de artes eu fiz o magistério, porque eu só tinha o colegial, por isso que eu tenho bastante base até de ensino médio, porque eu fiz o colegial e o magistério e fiz um ano de colegial nos Estados Unidos também, então eu estudei oito anos, três de colegial, mais um nos Estados Unidos, e quatro de magistério e ainda fiz um ano de secretário bilíngue lá em Bauru. Então eu estudei muito no ensino médio. A USC me deu muita base, porque eu fiz muita didática, porque eu fiz didática de estrutura, tanto na Pedagogia, como na Arte, então eu tiro de letra fazer planejamento, projetos, isso me deu muita base. E foi bom para minha profissão.

Aprender é sempre bom.

Minha mãe sempre falou muito isso, não tem idade e tempo, você pode aprender a qualquer tempo. E eu vou falar, se eu fosse uns vinte anos mais nova e tivesse uns quarenta anos, eu ia fazer medicina. Porque o meu avô era médico e ninguém da minha família fez medicina.

Mas está em tempo ainda!

Não, com sessenta anos não, eu já estou querendo na realidade é me aposentar. Estou com medo até da previdência, porque faz nove anos que eu atuo já aposentada do Estado, eu estou querendo me livrar de horário, eu amo o que eu faço e estudo até hoje, só que eu não quero mais ter horário. Mas é muito bom trabalhar, eu amo trabalhar. E assim como eu tenho muita habilidade, eu queria mesmo me dedicar aos meus livros de pano, nos meus fantoches que eu faço muito

bem, eu tenho muita criatividade para isso. Então eu acredito que se eu ficasse em casa eu faria mais isso, os livros de pano eu vendi todos que fiz, só que eu não tenho tempo. Estava até começando a criar uns livrinhos também, eu também quero escrever umas histórias, eu quero começar com história da minha vida, porque ela é muito difícil, mas eu quero escrever para criança também, já fiz umas tentativas, mas não tive tempo ainda, a gente tem que se dedicar.

Criança é um campo muito fértil.

Muito e, assim por experiência mesmo, fazer livros também voltado à pedagogia, educação, é legal. Livros de bullying, mas bem agradáveis voltados para criança, como o Mauricio de Souza faz, com os personagens dele, é uma gracinha.

Aproveita para trabalhar esse lado socioemocional!

Muito obrigada!

De nada!

As ordens e espero ter ajudado!

ENTREVISTA 16

Qual o seu nome?

E16.

Sua idade?

54 anos.

Sua formação profissional? (profissional da capoeira)

Eu sou professor de Educação Física, eu fiz pós, mas não concluí. Fiz uma especialização em treinamento desportivo e fisiologia do exercício, na FACOL, foi bastante interessante o processo de aula, mas eu não tive muita paciência para montar o trabalho de conclusão. Eu queria mais o conhecimento do que o título.

Em que ano você se formou?

Nossa, minha turma é de 1999, eu sou da turma histórica de primeira Educação Física da UNESP, então me formei em 2004, a primeira turma de Educação Física noturna.

Local de atuação é onde estamos?

Sim, na casa da capoeira. Eu desenvolvo outras atividades de Educação Física na escola pública e lá também faço um trabalho com Maracatu, com cultura popular.

Você pode relatar como você vê a história da capoeira no Brasil?

Bom, eu vejo da seguinte forma, primeiro que a capoeira existe por uma motivação bem específica, o negro escravizado que precisava reagir a essa escravidão e, nesse processo ele buscou todos os instrumentos possíveis de ordem cultural para isso, o candomblé, os seus batuques, as suas comidas e, entre outras coisas, as suas técnicas de luta, ou seja, assim como todos os povos tinham suas técnicas de luta, os africanos também. E a capoeira surge num primeiro momento e eu entendo que a nomeação da capoeira não se deu pelo negro, mesmo porque na língua africana não existe nenhuma palavra que se relacione com isso, mas nós temos duas palavras, um termo português que é “sexto de varas para guardar capões, galinhas”, quando levavam para comercialização e, capoeira no sentido de “mata que foi roçada”, que não existe mais. Então a capoeira, entendo que ela foi nomeada pelo senhor branco, europeu, escravagista, opressor.

As primeiras notícias oficiais que a gente tem da capoeira, se dão através do processo repressivo, especialmente depois da vinda da família real para o Brasil, no Rio de Janeiro e, ocorre uma repressão tremenda. Reportava-se à capoeira como toda e qualquer manifestação de luta do negro, não havia uma capoeira única,

sistematizada, organizada e tal. Então a gente tem notícias de que existe capoeira em Pernambuco, em São Paulo, no próprio Rio de Janeiro, mas a capoeira que a gente tem é a capoeira Baiana, tanto a sua versão de capoeira primitiva, hoje chamada de capoeira de Angola, como a capoeira Regional. A capoeira Angola se coloca de que forma? Uma capoeira que pode ter e, aí a historiografia não pode garantir isso, tanto uma origem rural, que nesse caso nós estaríamos se reportando à origem indígena da palavra, ou uma capoeira urbana, já que a gente não tinha somente os escravos no eito, na plantação etc. A gente também tinha os escravos no ganho, então a gente podia ter escravos que pegavam as aves de seus senhores e iam comercializar nas feiras. E o processo repressivo da capoeira aconteceu em nível nacional, com repressão muito maior no Rio, por conta da própria família real, na ideia dos Portugueses de transformarem o Rio de Janeiro em uma cidade europeia nos trópicos etc. Os negros foram jogados para os morros, na favela do Rio, que é retratada inclusive em uma novela, eu vou lembrar o nome dessa favela e falo no meio da minha fala. Negros foram para a guerra no Paraguai e retornam ao Brasil. Quando eles foram combater na guerra do Paraguai havia a promessa que eles teriam a garantia de terras, negros não podiam ter terras no Brasil naquela época e, quando retornam não tem a garantia dessas terras, então vão para essa região do Rio no morro e constroem essa primeira favela, o nome dela tem um sentido de “você não deram e a gente fez valer”, a favela mais antiga está no Morro da Providência.

Acontece também existência da capoeira em Pernambuco, que é também bastante reprimida e aí como um filhote dessa capoeira vem o Passo, que a gente fala frevo, frevo, frevo, mas na verdade frevo é a música, a dança é o Passo e quem escreve muito bem sobre isso é Valdemar de Oliveira, que tem um livro bastante interessante sobre a história da dança sobre a música do frevo.

É ali que a capoeira ganha essa cara de dança?

Não em Pernambuco, ela vai ganhar essa cara de dança em Salvador, não só em Salvador, também no recôncavo Baiano, a capoeira consegue ser preservada, primeiro por uma presença muito grande dos negros na Bahia. A Bahia foi a capital primeira da Colônia, tinha um volume muito grande de negros tanto para fazer o serviço pesado, como serviços domésticos e, é desse processo de “estar ao ganho” que surgem as quituteiras da Bahia, hoje as chamadas baianas de acarajé, de cocadas etc.

Então é dentro desse caldo que a capoeira é mantida viva, enquanto manifestação, primeiro aquela capoeira primitiva que também com o processo de repressão começa a diminuir, mas mesmo assim é mantida. Essa capoeira primitiva tinha um monte de mestres reconhecidos pela comunidade e o mais expressivo deles é o mestre Pastinha, que num determinado momento ensina capoeira, em outro não; em momentos muito presentes e em outros bem afastados. Em outros momentos a capoeira começa a diminuir o volume de presença que com o passar do tempo essa capoeira começa a ficar muito “folclorizada”, essa capoeira primitiva, praticada nos largos, nas festas de largo, nas festas de santos, nos feriados, mas sem uma prática muito regular de treino.

Aí lá pelos anos 30 suje o mestre Bimba, que é o primeiro mestre de capoeira a fazer uma sistematização do ensino, que cria sequências pedagógicas, ele estabelece uma nomenclatura a todos os movimentos de capoeira, que até então cada mestre chamava um movimento, porque foi uma movimentação muito ampla, cada mestre tinha um nome diferente para os movimentos. O mestre Bimba esquematiza o nome, ele cria eventos de graduação e o batizado, não é batismo e

sim batizado, que é o primeiro momento, para o mestre Bimba, que o aluno joga ao som do berimbau. Dentro da metodologia dele, o início do ensino é para verificar as capacidades e habilidades físicas dos alunos, depois trabalhar ginga, que ele ensinava pegando na mão, isso faz parte da metodologia dele.

No batizado ele joga com o mestre?

Não, para o mestre Bimba ele joga com um aluno formado, não com o mestre, o mestre comandava a roda tocando o berimbau.

E a gente não tinha naquela época os equipamentos de reprodução de som, então a aula era silenciosa, só ia ouvir o som no momento desse batizado, aí ele jogava ao som dos instrumentos.

Por que essa diferença de batismo e batizado?

É para diferenciar da questão religiosa, mas a característica principal do batizado é que o aluno jogava a primeira vez ao som do instrumento musical e também no final recebia um apelido. Por que o apelido? Porque essa foi a prática utilizada pelos capoeiras para fugir da repressão, se os capoeiras se conheciam entre si por apelido, ninguém sabia do nome civil e, não sabendo o nome civil que era por este as prisões aconteciam, era uma maneira de se esconder.

E a graduação, como era?

A graduação com o mestre Bimba ela existia, mas era assim: tinha o calouro que era o aluno que ainda não tinha jogado ao som dos instrumentos musicais e tinha o veterano, que era ou o que já tinha sido batizado ou que na época era considerado formado. Esse processo demorava de seis meses a um ano, era um processo bastante rápido, era um curso técnico de Educação Física. Aliás, a escola do mestre Bimba foi reconhecida oficialmente como um curso técnico de Educação Física, a outra graduação era de especialista, em relação à autodefesa contra armas, tanto armas de fogo como armas brancas e, por fim, o mestre Charangueiro, que era aquele capaz de comandar uma roda de capoeira.

E as faixas?

As faixas não existiam, essa graduação era através de lenços, lenço azul, lenço vermelho e o lenço branco. Não eram pelas cores da bandeira, a adoção dessa graduação via cores da bandeira, se da bem mais tarde, nos anos 70, quando é fundada a Federação Paulista de capoeira e a federação adota essa graduação.

Foi na época que reconheceu como esporte?

Isso, em 72. Bom, com a presença do mestre Bimba, ele consegue primeiro ensinar capoeira como uma profissão, um ensino em ambientes fechados, dentro de uma academia, ele chamava a academia dele de Centro de Cultura Física e Luta Regional Baiana, não tinha capoeira no nome, justamente porque o código criminal da República Velha criminalizava a capoeira.

Então não era só discriminada?

Não era só discriminada, era criminalizada, era crime, quem fosse pego praticando capoeira na época pela legislação, se fosse pego participando de uma roda pegava seis meses de prisão.

Mas mesmo na década de 70?

Não, nós estamos falando dos anos 30. E o mestre da roda tinha uma pena em dobro e, quando houvesse a reincidência dobrava a pena. Então um Capoeirista poderia pegar de um ano e o mestre até dois anos ou quatro anos, isso pela legislação.

Mas na Bahia se conta que o lugar mais seguro para se jogar capoeira era na porta da cavalaria, porque uma prática da cavalaria baiana era amarrar o capoeirista no cavalo ou em dois cavalos paralelos e espantar os cavalos. Eles iam procurar a

cocheira lá do quartel, então se ficasse muito longe ia ser arrastado até lá, por um espaço muito grande com risco de morrer. Então na porta do quartel era mais fácil né, ia se arrastar por uns cinquenta metros, ia se machucar bastante, mas não ia morrer.

A perseguição foi muito grande, a perseguição fez com que os capoeiristas da capoeira primitiva, ainda não chamada de Angola, desistissem da prática.

O mestre Bimba ensinou tanto para elite quanto para pessoas negras e pobres da periferia. Ele mantinha o ensino em Salvador, no centro da cidade, que era o Centro de Cultura Física, mas ele também mantinha o ensino no sítio dele, chamado Roça do Lobo, que fica no nordeste de Amaralina, em Salvador, onde ensinava para molecada pobre e periférica. Mas para ele ensinar o pessoal branco, filhos dos coronéis que iam fazer faculdade, na faculdade da Bahia, ele teve que criar uma metodologia de ensino.

Seria até uma estratégia não é?

Sim, o jeito de ensinar, pegando na mão, tendo uma sequência pedagógica de ensino, facilitou a possibilidade de eles aprenderem e com isso a quantidade de alunos cresceu e, ele recebeu um valor bastante razoável pelo ensino. Ele criou também apresentações artísticas, ele fazia e cobrava, então ele vivia muito bem de capoeira, isso gerou certo ciúme do pessoal da capoeira primitiva que buscaram se organizar e deram ao mestre Pastinha o papel de mestre. Foi denominado e existe até hoje o Centro Esportivo de capoeira Angola, passaram a denominar a capoeira Angola com o mestre Pastinha e a capoeira Regional com o mestre Bimba.

E a denominação de Angola tem a intenção de tentar tornar essa capoeira muito mais próxima da África, ou seja, capoeira mais autêntica, mais ligada a essa questão de ancestralidade que é tão cara da cultura africana.

Mas nesse processo o mestre Bimba faz uma apresentação a convite do governador da Bahia na época, que era Juracy Magalhães, no Palácio do Governo na presença do Getúlio Vargas.

E Getúlio, ele fala aquela célebre frase que “a verdadeira luta e ginástica brasileira é a capoeira” e, a partir de então, a capoeira deixa de ser perseguida, mesmo que a alteração legal acontecerá depois, lá por volta de 1937. Mas a capoeira Regional, aí sim se adota o nome de capoeira Regional, esquece aquela história de cultura física e luta regional baiana e passa a se chamar capoeira Regional. Mas fica aquela cisma, o pessoal da capoeira primitiva acusando o mestre Bimba de ter maculado a cultura da capoeira, por ter feito muitas inovações e, o pessoal da capoeira Regional afirmando que o mestre Bimba fez uma série de inovações, mas dentro da tradição, então existe uma discussão que persiste até hoje. Fazendo uma análise historiográfica longe desses posicionamentos mais íntimos, fazendo de uma maneira mais fria, o que a gente percebe é que o trabalho do mestre Bimba foi essencial não só para existência da capoeira Regional, mas também para a preservação dessa capoeira Primitiva.

Aí o que acontece depois, a capoeira passa por duas ondas de espalhamento dessa cultura, num primeiro momento que vai ser lá pelos anos 60, um monte de gente do Nordeste vem para São Paulo buscar melhores oportunidades de vida e traz a capoeira na bagagem, conforme a sua prática lá do Nordeste e se encontra aqui a capoeira Regional com a capoeira de Angola, que se misturam, que é o que o pessoal costuma denominar hoje de capoeira Contemporânea, Angonal, Regional Senzala. Eu particularmente prefiro a Angonal do que Contemporânea, porque tanto a capoeira Angola com a capoeira Regional, ambas são contemporâneas, então de um ponto de vista duo ético fica mais preciso. E num segundo momento, esses

filhos da classe média, tanto de São Paulo quanto do Rio de Janeiro, aprendem a capoeira e eles acabam viajando para o exterior. O primeiro a viajar para o exterior é Nestor capoeira, Sezefredo, não lembro o nome dele, mas é fácil localizar, porque ele tem uma trilogia sobre a capoeira que é muito famosa. Aí é onde ela sai do Brasil, ele fica um tempo na França, estuda lá, aproveita para ensinar capoeira e ganha a sua vida em cima da capoeira para sustentar os seus estudos. Aí outros foram para os Estados Unidos e a capoeira ganha o mundo. Então é basicamente a história da capoeira.

E hoje ela está no mundo todo?

Hoje as notícias que a gente tem é que ela está em mais de 150 países, nos 5 continentes, inclusive na África, apesar de todas as dificuldades econômicas da África.

E como você vê a inserção da capoeira na escola?

Olha, a capoeira é discutida na escola de uma maneira muito superficial e sua prática é muito pouca. Primeiro porque o professor de Educação Física, que seria o caminho principal para isso, ele não tem uma formação em capoeira. É uma batalha colocar a capoeira em curso de formação de professor, quando é colocada numa disciplina de 40 horas é muito pouco. Mas apesar disso muitos professores fazem sua batalha, um problema que eu acho complicado, porque a capoeira tem uma formação muito heterodoxa, onde as pessoas não tem uma visão, as pessoas que ensinam, não tem uma visão histórica da capoeira. Defendem uma maneira muito apaixonada à visão do seu mestre e as pessoas quando ficam mais velhas, elas contam histórias de modo que elas se deem bem nessa história, então esse é um problema para a cultura popular regional. A cultura popular, ela precisa ser enxergada e entendida, mas quando você faz entrevista com um mestre você também tem que questionar se tudo o que ele fala é verdadeiro. Não é desconsiderar a fala do mestre, mas será que tudo o que ele fala é verdadeiro? Tem como verificar em outras fontes.

Porque assim vai ter o real e o imaginário?

E isso acaba dificultando.

Um professor para levar alguém ou um grupo de capoeira para a escola, também vai enfrentar dificuldades enormes, a dificuldade estrutural da própria escola de poder acolher e recepcionar bem, a estrutura dos ambientes disponíveis na escola para fazer, que no geral é uma quadra ou um espaço aberto. Em geral o professor tem duas ou quatro turmas de uma mesma faixa etária e não pode contar com alguém que vai ensinar algo mais específico sobre a capoeira ou auxilia-lo constantemente, mas apenas em um momento com quatro salas, 120, 150 alunos, é algo muito difícil. E não é só com relação à capoeira, é com relação à outras práticas que são específicas. Porque a capoeira é e tem uma cultura própria, ou seja, para você ensinar capoeira de fato, você tem que estar inserido nesta cultura.

O que e como ensinar capoeira para crianças de quatro e cinco anos? Você deve ter essa idade aqui, porque estou vendo que esse menino, ele teve ter uns seis anos.

Sim ele tem 6 anos. Eu acho que não dá para ensinar capoeira para criança, a capoeira propriamente dita. Pode brincar de capoeira.

Pode brincar, seria um caminho, um fundamento.

Porque aí a gente entra nas teorias de desenvolvimento motor. capoeira é um movimento absolutamente artificial. A movimentação natural de quando vem alguém para cima de você é você se afastar e não se esquivar, abaixando-se por exemplo.

Então você pode fazer brincadeiras para contar histórias, com as minhas crianças eu faço a brincadeira do Escravo Fugão, ou seja, para tentar fazer que eles consigam sentir a ideia de alguém fugindo de ser escravizado, o Capitão do Mato tenta pegá-lo e o Zumbi tenta protegê-lo. Ou eu faço uma brincadeira que é o Negro no Canavial, ou seja, também um pega pega, simulando um canavial onde a criança tem que fugir de um Capitão do Mato, mas isso vai ficar no imaginário da criança, até futuramente assimilar a história. Agora a técnica de capoeira não dá para ensinar para crianças nessa idade, a criança ainda não tem maduro o seu correr, o seu saltar, manipular muitas vezes, a questão do equilíbrio, da lateralidade e as brincadeiras podem contribuir em função disso, mas a capoeira é muito complexa.

Qual é o significado do ensino da capoeira na Educação Infantil?

O infantil vai até cinco anos, então eu acho que dá para ensinar histórias e brincadeiras, no sentido de saber qual é o papel, qual é o peso da liberdade, por exemplo, que é um valor muito importante para a capoeira. A gente pode criar estratégias para ensinar quanto vale a liberdade, ou quanto vale você ser percebido independentemente da cor da pele enquanto pessoa, esses sentimentos eu acho que dá para trabalhar na Educação Infantil. Técnicas de capoeira aí não dá, mas a fantasia infantil que é o que eles estão fazendo aqui (brincando de pega pega com movimentos de defesa da capoeira) sim.

Ao ensinar capoeira você percebe influência socioemocional?

Sim, muito. Primeiro porque a capoeira não se consegue praticar sozinho, ela é uma luta que por definição ela é uma prática individual, mas você não consegue praticar sozinho, como você vai fazer sozinho se o princípio da capoeira é a colaboração? Ela é uma luta, mas é praticada como um jogo, eu preciso de alguém que faça o seu melhor movimento de ataque, para que eu faça o meu melhor movimento de defesa e vice versa, esse é um aspecto, quer dizer, a vida social na capoeira está presente, na roda tem o seu momento maior, porque para acontecer a roda alguém tem que puxar o canto, os outros têm que responder, quem tá fazendo parte da roda tem que fazer a marcação nas palmas, enquanto dois entram para jogar e, no sentido da emoção, a gente está em constante perigo na capoeira, sempre está vindo um pé em nossa direção e, se você simplesmente fugir desse pé sem a técnica, não dá. Então manter o controle emocional e resolver aquela situação daquele momento contribui bastante para construção emocional.

Socioemocional está relacionado à resolução de problemas, interação, autoconhecimento, autonomia, educação a adversidade, empatia, repertório cultural, pensamento crítico.

Isso tudo é colocado, isso me veio na cabeça quando eu te respondi, ou seja, eu tentei responder de uma maneira mais específica, a convivência permite essa interação, tenho que respeitar o outro, eu faço o meu ataque contra ele, mas eu não quero machucá-lo, porém ele tem que corresponder, ele para corresponder não pode fugir, ele tem que enfrentar e o equilíbrio está presente aí constantemente. Quando a gente pensa em aspecto cultural a capoeira é uma cultura própria, que traz em si uma série de valores, o valor de cooperação e no ensino da capoeira nós temos as sequências pedagógicas, nessa sequência trabalha dois alunos juntos desenvolvendo uma série de movimentos, que já são pré-estabelecidos, que eles têm que aprender, um tem que fazer um movimento que permita ao outro fazer a sua resposta aquele movimento dentro da sequência, é sincronizado e, a cooperação está presente. Na roda é outra história, mas até você chegar à roda você tem que ver e ao ver o movimento do outro, antes dele iniciar de fato o movimento, você já percebeu a intenção dele, então conhecer o outro é importante.

Muito bem, é isso que eu precisava, muito obrigada!
É o que eu precisava saber, a gente se vê mais vezes.
 Fica mais um pouco!
Sim, eu vou ficar um pouco para ver, muito obrigado!

ENTREVISTA 17

Qual o seu nome?

E17.

Sua idade?

Eu tenho 35 anos.

Sua formação profissional? (profissional da capoeira)

Eu estou fazendo Educação Física. Além mestre de capoeira eu quero ser um profissional de Educação Física, porque um vai ajudar o outro, tanto a Educação Física na capoeira, quanto a capoeira na Educação Física.

Seu local de atuação?

Eu trabalho na prefeitura, com a secretaria de esportes e também trabalho com a secretaria de educação, onde dou aula nas escolas, como aqui. Eu tenho uma academia onde eu dou aula pela secretaria de esportes, é um centro dos idosos e eles têm convenio com a secretaria. Quanto eles chamaram a prefeitura para uma parceria, a prefeitura me procurou, para eu dar aula para eles lá.

E quanto tempo você tem de atuação com a capoeira?

Vinte e oito anos. Agora eu vou para 29 anos de capoeira.

O que você sabe sobre a história da capoeira no Brasil?

A história da capoeira é muito extensa e na verdade ela faz parte da história do Brasil. Lá atrás os negros, pessoal que para se libertar, teve bastante coisa onde Brasil desenvolveu, a capoeira veio, tem essa parte de ajuda da libertação dos escravos, foi criada a capoeira como uma luta de libertação. Foi onde as pessoas começaram a se libertar, a se rebelar, fazer algumas coisas e eles usaram muito a capoeira. É uma história lá de trás, que pouca gente estuda, mas eu procuro levar muito isso e até na minha capoeira a gente costuma ser aquela lá de trás, a gente tenta manter pelo menos um pouco do que ela é quando os escravos criaram.

Tradição.

É, a tradição da capoeira. E é assim, lá para trás nós podemos falar só do que é história, mas a gente vive muito hoje, a capoeira ajuda muitas pessoas com deficiências, pessoas que usam drogas, a gente teve casos de pessoas que a gente tirou rua, teve um casal que hoje eles estão formados, tem família, quando meu pai conheceu eles estavam usando droga atrás do barracão onde meu pai dava aula.

Teu pai é mestre também?

Sim, o meu pai é mestre também. E a gente tem esse trabalho, ele trabalhou na APAE, esse é o trabalho que a capoeira está realizando em vários lugares do Brasil, graças a Deus, a gente está conseguindo esses espaços, de trabalhar com pessoas com algum tipo de deficiência, em casos de recuperação. O meu pai trabalhou na fundação casa. Eu ainda estou novo, mas quero chegar nisso também, tenho vontade de fazer um trabalho na APAE, que é muito gratificante. Então essa parte, eu acho que falta bastante coisa, esse desenvolvimento, a capoeira está ajudando muito nisso, claro que tem bastante esporte que desenvolve, mas se todos desenvolvessem como a capoeira está desenvolvendo, eu acho que a gente ia conseguir bastante coisa, ia mudar bastante o Brasil, de verdade, essa nossa história que estamos passando um tempo aí, com uma nuvem preta aí no Brasil. E a

capoeira vem ajudando em vários aspectos, é o que eu falei pra você, a gente graças a Deus conseguiu esse trabalho e formou famílias, teve crianças que a gente tirou do mundo das drogas, tem uma menina que chama o meu pai de pai e essa aluna, ela mantém contato, ela liga para o meu pai, ela quer saber como ele está.

É a diferença que ele fez na vida dela.

Então, essa é a diferença que a capoeira está fazendo no Brasil e no mundo. A capoeira está em mais de 150 países já, felizmente hoje lá fora está crescendo mais que no Brasil.

Verdade? Como você vê a capoeira na escola?

A capoeira hoje, na verdade, nas escolas municipais e estaduais ainda tem poucos, tem em alguns lugares, mas hoje as escolas particulares estão adaptando a capoeira como forma de trabalho, com professor mesmo na grade escolar, tenho vários amigos que dão aula em escolas particulares. E no município e estado ainda está pouco, eles trabalham, tem o livro que vem para trabalhar, mas acho que ainda tem a parte de um pouco de preconceito.

Preconceito em relação a que você acha?

É ruim a gente falar, mas eu já ouvi que é um esporte de negro, de preto. Foi muito assim utilizado esse termo. E a gente faz um trabalho para mostrar que não é isso, porque também nós vivemos num país de etnias com todo tipo de cor e raça, de credo. Por que um esporte de preto? É diferente de um esporte de branco? Não é! Hoje na capoeira tem alemão, tem suíço. Eu estava num evento domingo que tem um mestre de capoeira que veio da Suíça pra cá, ele saiu e foi dar aula na Suíça, o que eu falei pra você, está sendo mais reconhecido lá fora, o pessoal está dando mais valor e aqui no Brasil ainda não, então ele veio da Suíça para cá, ele estava em Marília no final de semana passado, a gente esteve no evento junto, agora ele vai estar em Itápolis, vamos fazer um curso de capoeira lá.

Mas aí é o que eu falo para você, nas escolas estaduais e municipais ainda está um pouco abaixo do que a gente espera. Porque a gente consegue, para eu conseguir este trabalho aqui, deu muito trabalho. Tive que conversar com o prefeito, tentei entrar num trabalho de tempo integral que tem nas escolas, eles ficaram meu, assim, mas a capoeira? Então eles enxergam a capoeira, eu não sei, porque a capoeira lá atrás ela foi marginalizada. O que acontece, a gente vai conversar e eu tenho a minha opinião, algumas coisas sobre a capoeira, que eu li e que aconteceu. Assim, a escravidão era ruim para os negros? A escravidão quando acabou foi bom para os negros? De verdade não. Se é que acabou, porque quando eles estavam escravos, eles trabalhavam, sofriam, tinham todos os seus problemas, mas quando acabou a escravidão, o que aconteceu com os negros? Foram jogados, ficaram pelas ruas, muitos não tinham trabalho, não tinham o que comer, foi onde eles usaram a capoeira para matar, roubar, aí começou a marginalizar a capoeira, mas porque eles não tinham o que fazer, eles aprenderam uma forma e começaram a marginalizar a capoeira, foi aonde a capoeira foi proibida, ficou muito tempo proibida, agora de cabeça eu não vou recordar o ano para você, foi até Getúlio Vargas liberar a capoeira. Mestre Bimba quando criou a capoeira, eles estavam cansados com a nossa arte banalizada, se a polícia pegasse você jogando capoeira você ia direto pra cadeia, então os negros tinham alguns toques de aviso, quando a polícia chegava parava tudo e cada um saía para um lado, porque não podia jogar capoeira, mas por quê? Por causa dessa marginalização.

Os escravos quando eles foram libertos eles não tinham trabalho, não tinham comida, não tinham nada. Eles foram fazer alguma coisa, eles acabaram usando a capoeira, foi onde ficou marginalizada. Aí o mestre Bimba criou uma luta regional

baiana, que é a capoeira Regional, foi onde ele implantou alguns movimentos, algumas coisas. Subiu que a capoeira dos escravos era a capoeira de Angola, mais baixa, que eles tinham que fazer escondido, então tinha que ser bem baixinha, então eles falavam capoeira Mato Ralo, aí os escravos tinham que ficar escondidos, eles iam ao capoeirão para jogar capoeira, praticar, tem a parte da dança, aí eles estavam treinando lá para se libertar, os capitães do mato chegavam, eles faziam que estavam dançando, disfarçavam, então a capoeira ficou nessa parte uma luta disfarçada em dança, por isso que as pessoas falam muito de dança.

Que não deixa de ser não é?

Que não deixa de ser. A capoeira é muito interessante, se for falar tem bastante coisa para eu falar ainda. Então o mestre Bimba criou a capoeira, a Regional Baiana, fez alguns movimentos, convidou Getúlio Vargas que era o atual presidente e fez uma apresentação para ele, onde ele liberou a capoeira novamente.

E viu que não precisava ser visto daquela forma.

É claro que no tempo eles iam marginalizar, qualquer um ia ver que eles estavam usando para brigar, para matar, para roubar, porque não tinha o que comer, não tinha nada, então eles tinham que fazer isto.

Aí veio Getúlio Vargas e liberou a capoeira e graças a Deus foi onde alavancou e, hoje um dos esportes que mais cresce no mundo é a capoeira.

Está ganhando espaço?

Está ganhando espaço, mas ainda falta essa parte da escola, porque a gente trabalha muito a cultura, se você pegar a capoeira ela faz muito parte dessa história. É um patrimônio, é realmente um patrimônio.

E em relação à criança de quatro e cinco anos, como você vê? Você mesmo falou que ela ajuda as famílias nessa parte socioemocional, você acha que a capoeira pode ser introduzida nessa idade? A capoeira faria diferença desde cedo?

A gente pedia a um tempo atrás que os alunos tivessem sete anos para iniciar na capoeira, mas hoje com as dinâmicas, até por isso que a gente vai buscar estudos, algumas coisas, a faculdade ajuda muito, hoje a gente consegue trabalhar com crianças de quatro, de três anos. A minha sobrinha realmente ela chega, a gente fala para fazer capoeira, ela põe as mãos e a cabeça no chão e levanta a perninha e ela ainda não completou dois anos, então isso é muito gratificante.

Hoje eu fiz um trabalho com eles de jogar a bola um para o outro, então a gente vai introduzindo algumas coisas junto com a capoeira e tentando desenvolver, agora nós vamos passar a perna por cima do cone, aí eles vão fazendo movimentos da capoeira e aí a gente vai trabalhando a criança, você tem que ser assim, o respeito, olha o respeito para com o pai, respeito com a mãe, aí a gente vai trabalhando algumas etapas que muitas vezes está faltando na casa deles, pois tem alunos que tem problemas. A gente já pegou crianças que vem novinha com problemas em casa, com a família, a gente tenta conversar, introduz na capoeira, ensina a ela que ali ela tem uma família, que se ela precisar a família da capoeira vai ajudar, vai acolher e então essa parte a gente trabalha muito. Eu pessoalmente não trato como um grupo de capoeira, eu trato como a minha família, eu falo para eles que o meu pai está lá, é o nosso pai de capoeira, eu sou mestre mas nós somos todos irmãos. Agora chegou uma moça com o filho e disse que está com vergonha. Eu disse para trazê-lo, eu ponho para brincar com as crianças, passo um exercício pra ele e vamos ensinando ele. Ela disse que é porque ele só tem o pai e a mãe, ele é sozinho. Eu disse: "Não aqui ele não é sozinho, aqui ele vai ter a família da capoeira".

Às vezes não bastam os problemas de casa, as crianças acabam tendo problemas de relacionamento entre elas, na escola, no meio, na sociedade. E você acha que a capoeira pode influenciar nisso, nas relações, de fazer a criança ser alguém melhor?

Eu tenho aluno que chega e fala: “Eu não quero ficar com ele professor, eu não quero”. Eu digo: “Não, você vai ficar com ele, dê a mão para ele, ele é seu irmão, você vai defender de qualquer coisa que acontecer. Se ele for cair você não deixa, você vai cuidar dele, vai dar a mão para ele, você vai dar água para ele, vai ajudar ele no que for preciso e você ajudando ele, você está se ajudando”.

É a importância do servir, o mundo está tão carente disso!

Infelizmente eles trazem esses problemas de casa, teve um pai que me falou: “Nossa, conversa com o meu filho, ele não brinca com o irmão, ele não cuida do irmão” e, hoje estão os dois irmãos fazendo capoeira juntos. Nós fomos viajar, fomos para Marília, eles foram juntos, ele foi até lá cuidando do irmão e foi a capoeira que fez isso, antes eles não brincavam juntos. Não sei se na casa deles estão ficando juntos, mas aqui comigo eles ficam juntos. Eu falei para ele: “Você tem que cuidar e ajudar seu irmão, aqui um vai ajudar o outro, você ajuda ele, eu ajudo você, assim nós vamos aprender a capoeira, vamos levar o esporte para frente e vocês vão estar muito mais amigos, muito mais família”.

Qual o significado da capoeira na Educação Infantil?

Hoje é necessário. Eu venho duas vezes pra escola e as pessoas dizem que eles brigam muito, mas quando eles estão aqui comigo na quadra não tem um desentendimento. Eu ensino que eles estão jogando capoeira, que é um esporte que a gente usa em alguns campeonatos contado, mas que aqui um não pode relar no outro e que eles tem que um cuidar do outro para não acertar o pé. Se ele tiver um amigo para treinar, ele não deve machucar o amigo, porque ele precisa do amigo para treinar.

Então hoje é necessário, eu preciso do meu amigo para estudar, eu preciso dele para fazer alguma coisa se a gente vai fazer um trabalho. E nós vamos ensinando essas coisas e conseguimos contribuir muito. Se nós tivéssemos mais apoio, ia mudar bastante coisa.

Apoio você quer dizer em qual sentido? É espaço, material, sociedade, prefeitura?

É tudo sabe, eu ainda tenho trabalho aqui, mas não foi fácil conseguir, aceitaram o trabalho da gente porque nós representamos a cidade nas competições, eu sou tetra campeão regional de capoeira, mas se eu não der uma pontuação para a cidade, a contribuição humana para eles não está servindo, eles querem resultado de pontuação para o nome da cidade. Então essa é a parte que falta apoio, porque eu podia estar trabalhando em tempo integral.

E quantos projetos de tempo integral que tem e poderia estar inserindo a capoeira, as crianças ficam o dia todo na escola, muitas vezes dormem, eu acompanho em algumas escolas onde eu trabalho e nem tem tantas atividades para as crianças.

É fácil você pegar um aluno, levar na quadra, dar uma bola e falar pra ficar chutando. A minha Educação Física de criança era apenas jogar bola e estou fazendo Educação Física porque eu quero mudar isso.

Mas está mudando isso. Os professores de Educação Física daqui estão bem unidos neste ideal, a gente conversa muito e o material SESI contribui. Às vezes os pais que tiveram essa Educação Física do passado também não entendem hoje que envolve a criança, trabalha na vida da criança, acolhe, faz

serem amigos, muda o ambiente familiar e social da criança. capoeira na Educação Física, que maravilha!

Isso é capoeira. Eu posso dentro da capoeira fazer um trabalho com bola como eu estava brincando com eles de queima e, mostrar que eu sou amigo deles, que eles podem contar comigo que a gente vai brincar, mas que tem a hora séria que a gente vai fazer o exercício que faz bem para a saúde, para o corpo, para a mente e tem a hora de brincar. E a brincadeira para nós é jogar capoeira, na hora que acabou o treinamento hoje eles queriam ir brincar, jogar capoeira. Em tudo nós temos que ter limites e aprendemos muito com a capoeira. Em todo lugar que eu vou sou muito bem recebido, as pessoas me tratam muito bem, as pessoas falam que gostam do meu jeito, por ser educado, por receber todo mundo bem, por sorrir. Eu digo que eu preciso sorrir, eu preciso mostrar felicidade, vou chegar a lugares que tem pessoas tristes e a capoeira me ensinou que eu preciso levar alegria.

Fazer a diferença.

Eu fiz a diferença para um menino, quatro anos atrás ele teve uma doença e perdeu a visão e ele jogava capoeira, ele acompanhava o pessoal, mas os alunos não tinham coragem de jogar capoeira com ele. Mas ele falou para mim: “Mestre, eu tenho muita vontade de jogar capoeira, eu quero jogar capoeira”. E eu na mesma hora falei: “Vamos jogar capoeira agora”, nós estávamos almoçando, eu larguei o prato e a gente foi jogar capoeira. Ele não almoçou mais, ele chorou o resto do dia, ele tem a minha idade e me chama de mestre, diz que sou o pai dele e que eu mudei a vida dele depois dele ter perdido a visão.

E não tem a chance de recuperar a visão?

Ele acha que tem como recuperar, está em tratamento, mas se você ver ele jogando capoeira, depois dessa nossa experiência, você não vai acreditar que ele é cego.

Você adaptou, como trabalhou com isso?

Conversando com ele, só pelo nome, eu estou aqui, o mestre está aqui, eu vou fazer um movimento, é que eu não estou com o meu celular, senão ia mostrar um vídeo pra você, vou mandar o vídeo para você depois, você pode até usar que vai ser muito legal. Em todo lugar que ele me encontra ele diz: “O mestre é meu pai” e, para mim ele não tem problema algum, ele joga capoeira como todos.

Você já ouviu sobre o tema socioemocional? Você está fazendo faculdade, já deve ter ouvido alguma coisa por lá.

Ainda não.

Está relacionado à resolução de problemas, interação, autoconhecimento, autonomia, determinação, educação a adversidade, responsabilidade, participação, empatia que a gente tem ouvido falar muito, cooperação, repertório cultural, pensamento crítico, criatividade, tudo isso vejo na capoeira conforme você está me falando, você percebe?

Eu ia falar para você, novamente, a capoeira está aí! Resume tudo, porque a capoeira faz tudo isso, a capoeira transmite empatia, algumas coisas, o pessoal vai se socializar, vai ser mais amigo, vai criar, criar música de capoeira. Eu tenho uma sobrinha de sete anos que fez uma música de capoeira dentro do ônibus, voltando de um evento de capoeira que nós fomos. E a gente vai estudar, buscar a história, eu falo para eles buscarem porque a capoeira tem muito para oferecer, se você aprender a capoeira você vai em qualquer lugar do mundo, que a capoeira vai te ajudar em qualquer lugar do mundo. Porque a história da capoeira em si já vai te levar. Você não vai precisar ser jogador de futebol para ir. Joga capoeira que é uma língua universal, em qualquer lugar que você chegar você vai trabalhar, vai ser cantor, produtor, a gente faz de tudo. É muito bom.

Se diverte e ao mesmo tempo revê o passado, suas raízes, é história.

É tão engraçado que eu começo ouvir as músicas de capoeira e realmente me remeto ao passado, eu não vivi lá, mas algumas músicas de capoeira vai buscar a história toda. Você pensa o quanto é interessante tudo isto aconteceu. Teve alguém que viveu isso e está passando pra gente. Como tem esse mundo da capoeira, você consegue voltar, tipo como um teatro daquilo que você escuta na música e volta no tempo.

É uma representação.

É muito interessante, você ouve na música e imagina o que eles passaram na época deles, os escravos eram amarrados no tronco, eu busco entrar na história.

Rever conceitos, pensamento crítico.

As pessoas falam que o branco escravizou o negro, mas o negro também escravizou o negro, você pode ver nos filmes que os próprios negros aprisionavam e capturavam outros negros, o negro ganhando dinheiro em cima do próprio irmão dele. Eu gosto muito de ouvir as músicas de capoeira porque fala muito do passado, das coisas que aconteceram na história da gente.

E vocês criam música de capoeira?

Eu não criei, mas a minha esposa já criou música de capoeira.

E você pode pegar uma música que gosta e transformar essa música no ritmo da capoeira? Para jogar capoeira?

Hoje tem algumas músicas de achê, tem muitas músicas que foram criadas e acabaram introduzindo na capoeira, tem bastante, é só por a música no ritmo da capoeira e do berimbau.

Na capoeira dos escravos eles tinham que fazer uma moita de mato escondida, da capoeira da época, aí o Mestre Pastinha formou a capoeira de Angola, que era a capoeira dos escravos, mais pura e mais jogada no chão, mas o mestre Bimba olhou e quis ela um pouco mais competitiva, para competição, para criar opções e, foi lá e criou a luta Regional Baiana. Então tudo vai mudando.

O ser humano é transformação, o mundo é transformação, eu acho que isso é a nossa cultura, constante mudança.

Eu costumo dizer que eu tive muito problema, eu sou novo, mas com grande vivência. Tive alunos em que tive problema com religião, da pessoa não entender que a capoeira não é uma religião.

Lá na escola que eu trabalhava teve uma apresentação de capoeira e o pai de uma criança que morava ao lado da escola ouviu e foi lá barrar tudo, teve o maior barraco, mas é por falta de conhecimento.

Olha o que aconteceu... Eu estava dando aula num distrito daqui, tinha bastante aluno lá e uma pastora tirou quase todos os meus alunos. Primeiro que ela chegou numa criança, a criança chegou em mim chorando, ele falou: "Mestre, não venho mais na capoeira". Eu parei para conversar com ele e saber o que aconteceu, ele disse: "A minha pastora falou que eu devo escolher a capoeira ou a igreja, mas se eu escolher a capoeira, nunca mais eu vou entrar na Igreja com os meus amiguinhos".

Ela despertou mais curiosidade nele sobre a capoeira do que se ela tivesse ficado quieta. Porque a hora que essa criança crescer ela vai sair da igreja e vai buscar a capoeira.

Mas com isso ela conseguiu tirar muitos alunos meus, eu passo, eles me cumprimentam e me chamam de mestre. Mas ela mexeu numa parte psicológica deles, é uma cidade pequena, um distrito. O garoto disse: "Eu só tenho os meus

amigos, eles estão na igreja e só porque eu faço capoeira eu não posso ver os meus amigos”. Então eu vou parar com a capoeira.

Por que ela não levou a capoeira para Igreja? Ela perdeu a oportunidade.

Eu tenho um amigo, que é pastor e, ele leva a capoeira nas palavras dele, ele não joga capoeira no culto dele, mas a maior parte dos membros da igreja dele joga capoeira e eles usam algumas músicas de capoeira que nós também usamos, outras não, eles usam músicas que são próprias para eles, você pode criar uma música gospel com ritmo para capoeira.

Outro dia eu entrei numa roda de capoeira na escola, pela primeira vez, as crianças pediram e eu fui. O mestre pediu que eu cantasse com eles e a música falava alguma coisa de vadiar, vadia, vadiar e, realmente me constrangeu muito, não foi o entrar na roda da capoeira, mas foi a música, isso para mim pegou bastante.

A vadiagem, na verdade é um termo que a gente usa na capoeira, a vadiagem não é de ser vadia, a vadiagem é jogar a capoeira.

Então, eu não soube interpretar a letra da música, por falta de conhecimento.

Vadiar é jogar a capoeira, o meu pai sempre fala que por mais que seja falta de conhecimento, antes de introduzir você na capoeira, nós temos que pegar uma música certa. A gente faz as músicas para isso e a hora que a pessoa começa a entrar e a entender o que é, ela vai ver se gosta da música ou não, é muito mais fácil. Vadia, vadia, vadiar... Se você não gosta então vamos cantar outra... “Tudo o que Deus toca vira ouro, tudo o que Deus toca vira ouro”, é uma música de capoeira.

Aí eu iria entrar na roda de capoeira com todo prazer.

São músicas assim que você vai trazer a pessoa para o seu lado e depois você vai explicar, isso é uma música de capoeira, vadiar é o jeito que a gente fala de jogar capoeira, que é linguagem que veio do passado dos negros, vadia, vadia, vadiar.

Interessante eu não ter essa vivência com a capoeira e estar fazendo esse trabalho, porque eu vejo de fora, vejo como um todo.

E agora eu tenho certeza que você vai poder falar para outra pessoa buscar e entender que é muito interessante a capoeira, tem tanta coisa, é um mundo muito legal. Talvez um aluno acerta o pé no outro, eles vão pedir desculpas, vão dar as mãos e vão sair como se nada tivesse acontecido. Se for jogar bola e um acertar o pé no outro, sai até morte. Então a capoeira disciplina muito e a gente busca, vai trabalhando, hoje tem músicas só para crianças, pegamos músicas de outras coisas e introduzimos na capoeira.

Em mudança constante, mas sem perder a essência.

A gente faz todo esse trabalho, aí o problema é que às vezes chega uma pessoa e derruba tudo, por falta de conhecimento do que é a capoeira. Mas nós estamos aí, não faço nada de errado, capoeira não é religião, capoeira é um esporte, eu tenho a minha religião e pratico capoeira como um esporte. capoeira é capoeira e religião é religião. Como você vai a qualquer lugar, tem jogador de futebol que é católico, outro que é evangélico, têm muçulmanos, tem do Candomblé, tem de tudo. As pessoas falam que a capoeira é macumba, isso não tem nada a ver.

Você trabalha com mudanças de faixas?

Sim.

Eu li que as mudanças de faixa representavam as entidades do Candomblé, é assim? Você sabe sobre isso?

Isso aconteceu muito no tempo dos escravos, hoje não é assim.

Eu também li que as faixas representam as cores da bandeira do Brasil e achei muito interessante.

A gente costuma dizer que a capoeira só não está nas olimpíadas hoje porque não tem padronização.

Mas eu acho que vai estar na próxima.

Eu não sei, em 2024, Deus abençoe que sim!

Falta padronização, hoje tem várias instituições, federações de capoeira, a gente segue uma padronização que foi a primeira federação de capoeira do Brasil que criou, ela usa nas cores do cordão as mesmas cores da bandeira do Brasil, nós somos brasileiros e a capoeira é brasileira.

Hoje tem pessoas, como em todos os esportes, em todo lugar sempre tem aqueles que são diferentes, então querem usar as cores da bandeira da cidade, você vai ver hoje muitas cores.

Uma coisa que faz pouco tempo que vi foi uma corda preta, que não existe, eu fiquei sem palavras.

E falaram para você o que significa a corda preta?

Na verdade eu nem perguntei para ele. Porque se a capoeira foi criada, teve a primeira instituição que foi quem implantou o cordão da capoeira, da cor da bandeira do Brasil, por que eu iria mudar? Estou deixando de ser patriota e as cores são do nosso país.

Então uma aluna quer um cordão cor de rosa, eu vou dar? Não tem cordão cor de rosa!

Como tudo acaba acontecendo e tendo algumas mudanças, acaba perdendo a padronização, isso gera críticas à capoeira e é por isso que não está nas Olimpíadas, por causa dessa falta de padronização.

Eu tenho um cordão branco e sou mestre. Você vai em outro grupo e a pessoa que está com cordão verde é mestre do mesmo jeito, no meu grupo o cordão verde é o primeiro cordão.

E você sente que existem algumas divergências entre os mestres? Quais?

Sim. Eu gosto de reunir para conversar sobre capoeira, dia nove agora nós vamos estar no encontro de aniversário de um amigo contramestre de capoeira, ele chamou só o pessoal da capoeira, ele não faz outra coisa, ele só faz capoeira e vêm amigos de todos os lados. Nesses encontros nós sentamos e batemos um papo sobre capoeira, mas poucas pessoas querem participar.

Por que é estranho, você me diz que a capoeira ensina conceitos de amizade, de unidade, de toda interação que você me falou entre seres humanos e tudo, mas entre os mestres não acontece?

Mas é como está o nosso País, em todos os lugares aquela disputa de poder, fica complicado. O que acontece? Eu tenho uma federação aqui e o cara faz uma federação lá no Rio de Janeiro, outro faz uma lá no Rio Grande do Sul, mas cada um quer o seu.

E cada federação dita uma regra diferente e bagunça tudo. Seria legal um órgão para unificar, aqui do Brasil, alguém para colocar ordem na coisa.

O problema acontece no nosso país, cada um faz uma lei. O pessoal não gosta, mas eu tiro o exemplo do Karatê onde o faixa preta é aqui, no Japão, em qualquer lugar ele é faixa preta.

Mas é difícil, como tudo que acontece aqui, a pessoa está querendo poder e deixar os outros para trás. Mas a capoeira graças a Deus está passando por cima de bastante coisa, estamos conquistando bastante coisa, eu tive dificuldade, mas hoje estou trabalhando dentro da escola, é final de semana, está tudo fechado, mas eu estou trabalhando aqui e eu fazendo um trabalho bacana aqui eu vou dar um passo

para poder estar trabalhando lá dentro da escola, porque eu já estou com os alunos da escola.

E neste outro lugar que eu trabalho pela secretaria de esportes, hoje eu trabalho no salão da terceira idade, que tem baile da terceira idade. Eles já me chamaram para dar ginástica para o pessoal da terceira idade, a minha esposa vai fazer um trabalho com eles só de alongamento.

Ela é professora de Educação Física?

Não, ela é professora de capoeira e quer fazer fisioterapia, a gente faz um trabalho em conjunto, graças a Deus eu tenho ela para me assessorar e me ajuda bastante. Tenho bastante tempo de casado, mas com todo este trabalho que a gente faz, por estar estudando, não temos filhos ainda. Final do ano passado eu estava em salvador jogando capoeira, não da para sair com uma criança pequena e ficar uma semana lá, não tem como, mas nós queremos ter filhos sim e adotar também, é um sonho dela, mas por enquanto a gente precisa fazer esse trabalho.

Tem um aluno que me falou: “Mestre, eu vou crescer, arrumar um trabalho, vou ser mestre de capoeira, vou abrir uma academia nos Estados Unidos e vou levar o senhor pra lá”. Isso é muito gratificante, esse é o trabalho que a gente faz com a capoeira.

Ele falou um eu te amo por etapa.

Mas eles me falam todos os dias, eles me mandam no whatsapp que me amam.

Teve um pai que me falou: “Eles não se abrem comigo assim, eles não conversam comigo”. Por que será? Algum pai vem algum dia aqui participar com o filho? Sabe o que meu pai fazia? Meu pai jogava capoeira e eu estava com ele por todo lado.

Quando ele não podia ir, me colocava no ônibus e o mestre me pegava lá e levava para a apresentação, depois me colocava no ônibus de volta e meu pai me pagava aqui. Só que a gente estava sempre junto, meu pai estava junto comigo jogando capoeira, meu pai pra mim é tudo. Posso falar para você assim, eu olho ele jogando capoeira e não vou falar um Deus, porque é um só.

E sua mãe sempre apoiava?

Sempre. Como eu falei pra você, sempre tem bastante coisa que acontece, isso a gente não pode negar, como também acontece no futebol, alguém está jogando bola pode quebrar a perna. Eu era pequeno e fui para uma roda de capoeira com o meu pai, por estudar cedo eu dormi e, infelizmente, acertou um pé em mim, pegou na minha boca, cortou e deu cinco pontos. Meu pai achou que minha mãe iria ficar brava e não mais me deixar jogar capoeira. Minha mãe viu aquilo e falou assim: “Você não vai mais, vai parar”. Eu disse: “Jamais eu vou parar de fazer capoeira, esse acidente não é nada em relação ao que a capoeira pode fazer por mim”. E ela liberou, eu era pequeno, tinha uns nove anos. E estou aí faz vinte anos, tem o meu irmão que é contramestre de capoeira, uma irmã que é professora de capoeira e tenho outra irmã que está formada em capoeira também. Então a gente tem uma família grande só de capoeirista, nem todos estão treinando, porque tem a sua vida de trabalho, mas alguns estão firmes treinando capoeira. Este lado família é gostoso que a gente tem, os alunos me chamam de meu mestre, meu irmão, meu pai. Então essa forma de carinho, essa forma de aconchego, é muito gostoso. Nos sentimos abraçados uns pelos outros. Eu fui para Bahia e achei que estava em casa, fui para Salvador o pessoal chamava para jogar capoeira. Teve um menino que falou assim: “Minha mãe está vindo para o evento só para aprender a jogar capoeira com você”. Bahia é a terra da capoeira, lá tudo que se fala é capoeira, então você se sente abraçado. Eu estava pensando como seria recebido lá na terra da capoeira e foi muito interessante, foi muito gostoso. Eu participei de um evento que só tinha

mestres de oitenta anos, noventa anos, eles estavam recebendo o prêmio de guardião do saber da cultura brasileira, só tinha pessoas top. Os mestres estavam de terno e gravata, foi a coisa mais linda do mundo, a melhor parte da semana foi essa, joguei muita capoeira, você imagina um mestre com oitenta anos de capoeira, o que ele não sabe? O que ele já viveu?

Teve um dos mestres que abriu um livro e começou a contar histórias para nós, falando dos mestres que ele conheceu. O mestre João Grande hoje tem uma academia nos Estados Unidos e tem o mestre Lima que está na Suíça.

Você acha que entrar aos poucos na escola é uma forma de, até no diretor, no professor, de mudar conceitos, de alcançar os objetivos?

Essa é a nossa busca, a capoeira realmente entrar na escola, mas qual é o problema? O que as pessoas da escola têm medo? Desses pais e pessoas que ainda não conhecem, de denunciar ou fazer qualquer coisa com a escola por não conhecer.

É que teria que vir para o currículo, é um processo.

Mas se Deus quiser nós vamos chegar lá. Eu tenho fé, eu não sei se vou estar vivo para ver muita coisa, eu até brinco que eu quero viver até 150 anos, se Deus quiser. Eu quero viver, o meu pai tem 63 anos e você não fala que ele tem toda essa idade, meu pai joga capoeira todo dia, tem pessoas com 63 anos que não andam. O mestre Ananias, em São Paulo na praça da República, ele tinha 90 anos e cuidava da roda. Tinha homem de todo tamanho lá, mas todos respeitavam.

É saúde a capoeira também!

Na verdade a gente busca, eu quando pequeno tinha sopro no coração. Todos se preocupavam, não pode fazer isso ou aquilo, eu ia pra lá e para cá, o médico não resolvia e, com sete anos eu comecei a treinar capoeira. Passou um tempo e voltamos no médico, ele disse: “Você não tem mais nada. Você está fazendo alguma coisa?” Respondi que fazia capoeira e ele: “Então nunca mais você pare! Isso mudou a sua vida!”. Então o esporte foi mudando essa situação. Teve um amigo meu que falou que já fez de tudo e não teve nada que mexeu com seu corpo como a capoeira mexe. Então essa parte da saúde a gente busca muito e a capoeira ajuda muito, trabalha a sua respiração, você precisa disso, precisa respirar legal para conseguir treinar, nós vamos trabalhando e fica nota dez, se deixar eu jogo capoeira o dia todo e não sinto nada, libera adrenalina e o dia que eu não faço me sinto mal, se eu ficar uma semana sem fazer capoeira eu fico doido e a maioria do pessoal que faz capoeira fala a mesma coisa. Você quer participar, quer estar ali, jogar capoeira, você se sente saudável mesmo, eu saio de casa com dor de cabeça e volto para casa sem dor, distrai a mente.

Mas o corpo é mente e físico!

Aí que está, eu falo muito, me entrego muito para algumas coisas. O ser humano quando está com dor quer ficar deitado e é a pior coisa que a gente faz. Vamos fazer exercício, vamos fazer qualquer coisa, uma caminhada, o exercício físico é muito bom, falo para as pessoas, vamos jogar capoeira e depois você me fala, meus alunos falam que não querem parar mais.

O meu sobrinho fala para mim: “Nós vamos morar aqui, vamos ficar jogando capoeira”. Falo que é a quadra da escola, que não podemos morar aqui, ele tem cinco anos. Não é bom demais? As pessoas deveriam entender!

Muito obrigada!

Foi muito bom!

ENTREVISTA 18

Qual o seu nome?

E18.

Sua idade?

45 anos.

Sua formação profissional? (profissional da capoeira)

Contramestre de capoeira, instrutor de artesanatos, danças afros entre outros, recreação em geral.

Qual o tempo de atuação?

Na área de capoeira mais de vinte anos. Como voluntário uns vinte e três anos mais ou menos.

Como você relata a história da capoeira no Brasil?

Não tem muito que se explicar né, a capoeira assim no Brasil mesmo, veio essa luta disfarçada em dança, como um grito de liberdade para os negros, para os escravos da época. Por mais que trabalhassem era dolorido, não era fácil. Essa vinda, essa busca, tirando eles de lá, atravessando o Atlântico, vindo para o Brasil, àquela história toda e os índios que não conseguiram suportar o trabalho escravo e buscando eles (os negros), eles vendo isso, tirando a família toda e os negros arrumavam um jeito de estar praticando a capoeira e trouxe de lá para cá isso aí, ou seja, uma luta disfarçada em dança, em busca deste grito de liberdade.

E a inserção da capoeira na escola, como você vê?

Muito transformador, com certeza, porque capoeira é tudo. capoeira é Matemática, é História, é Geografia, é ritmo, cadência, é tudo, é transformação, é música, é instrumento, então, tem várias formas de estar trabalhando com as crianças na escola. Não tem como trabalhar um ou outro, você está falando sempre... África é Geografia, Matemática nos próprios toques dos instrumentos, no 1,2,3 e, na própria música já conta um pouco da História. Tem umas coisas que falam da religião, mas não, não é da religião em si, a capoeira não é religião, tem que ser bem frisado isso, quem tem sua religião é o Capoeirista. As pessoas falam que a capoeira é macumba, não existe isso. Macumba é um instrumento, pode ser um reco-reco de bambu, aquilo lá é macumba e quem toca aquele instrumento é o macumbeiro. Mas a capoeira é transformadora, com certeza.

E você não vê ligação com o Candomblé?

Bom, pelo menos da minha parte não, do meu grupo não, porque eu tenho vários conhecidos no Brasil inteiro e fora, Suíça, Estados Unidos, Alemanha e por mais que eles estão fora, lá você acredita que eles praticam o Candomblé, mas é uma linhagem do grupo deles, de cada um, mas no meu grupo eu não procuro me aprofundar muito não. O Candomblé usa o atabaque, se alguém vê o atabaque, muitos se seguram. Eu, por exemplo, não dou muita prioridade de ter um atabaque na bateria do meu grupo, se tem toca. O atabaque tem origem árabe. Para muitos que veem o grupo utilizando o atabaque pensam que nós estamos nesta linhagem do Candomblé. Temos muitas apresentações em igrejas e quando nós vamos numa igreja nós não levamos o atabaque.

Mas tem algumas igrejas que tem o atabaque!

Sim, algumas, outras não.

O que e como ensinar capoeira para crianças?

Ela veio da África para cá pelos N'golos, jovens na África que lutavam entre si na puberdade, imitando a luta das zebras, os animais, os coices e quem ganhasse a luta entre eles escolheria como troféu uma jovem para dar continuidade na sua família e, vieram para o Brasil. A capoeira engravidou na África e foi trazida para o

Brasil, uns falam que é afro-brasileira, a capoeira em si é brasileira, pelo que eu falo e entendo para mim ela é brasileira e o berimbau surgiu quando veio pra cá. Então como ensinar para as crianças a capoeira? Tipo imitando os animais, os bichos. Tem a capoeira Angola que é mais rasteira, no chão, então eu vou trabalhar com as crianças, eu não posso falar para elas, essa é a capoeira de Angola, que não vão conhecer. Então nós já vamos imitando os bichos no chão, que é um jogo lento, imitando o jogo da vida, olha o sapo, abaixa, já é um movimento da capoeira que é a “cocorinha”, vamos fazer uma estrelinha, já é o “aú”, a criança já tem essa ideia formada e, o caranguejo, aí todo mundo já coloca a mão no chão e vão andando, isso tem na capoeira, nisso eles estão brincando e estão fazendo exercícios. Eu trabalho bastante no lúdico com eles também, com bonecos, essas coisas. Então eu trabalho imitando os bichos, nessa idade não tem lógica, por isso estamos piruetando para o lado.

Qual é o significado do ensino da capoeira na Educação Infantil?

Eles já vão criando personalidade, ali você já começa a ver a personalidade de cada um e eles conseguem desenvolver. No infantil a gente começa a trabalhar com musicalidade e você consegue segurar a criança, não é fácil a capoeira infantil, é uma das fases de transição das mais complicadas, se você não tiver aquela malícia, aquele jogo de cintura, é complicado, mas é aquela transformação que você já vai vendo, vai dando pingos aos “is” e você consegue ver mesmo a personalidade de cada um, o que vai ser e, da para trabalhar mesmo a parte socioemocional.

Ao ensinar a capoeira, você percebe o trabalho com questões socioemocionais? Sobre resolução de problemas, interação, autoconhecimento, autonomia, determinação, educação a adversidade, participação, responsabilidade, empatia, cooperação, repertório cultural, pensamento crítico, criatividade, tudo por esse caminho.

Isso que eu queria falar, porque você consegue modelar tudo, tem muitas crianças que eu vejo... Eu escutei e fiquei emocionado, quando uma vez eu fui numa escola, eu cheguei lá, mas os alunos não sabiam que eu estava na sala de aula e eles estavam debaixo da janela, crianças na faixa de oito e nove anos e, aquele dia eu estava com aquele desânimo, com vontade de parar porque a capoeira é muito desvalorizada e discriminada em pleno século XXI e não é fácil, aí uma criança disse para outra: “O que você vai fazer hoje à noite? Sabe o que eu vou fazer? Eu não vou ficar em casa, porque em casa é só um pé de guerra, sabe o que eu vou fazer? Eu vou lá pra capoeira, vou lá tocar meu berimbauzinho, que eu vou ganhar do meu professor”. E ele nem sabia que eu estava lá. Disse: “Eu acho melhor eu ir para capoeira do que eu ficar vendo o meu pai bater na minha mãe, meu pai tomando pinga, meu pai pegando o dinheiro da minha mãe”. E a criança imitava a mãe dele falando com o pai ali no intervalo para as outras crianças. “Ah não, eu prefiro ir pra capoeira mesmo, porque lá eu canto, dou risada, vejo os amigos”. Então nisso ele pega uma responsabilidade, um compromisso, um respeito com o amigo, na cabeça dele vai criando uma responsabilidade e começa a distinguir o caminho bom do caminho ruim, ou seja, o emocional dele quando você fala que acabou a capoeira, o olhinho dele, você sente na hora, só o olhar dele fala assim: “Nossa, vou chegar em casa agora!”. Eu falo: “E aí galera, vamos chegar em casa agora, tomar um banho, papar”. A gente tem que falar assim, eu estou sem espaço físico, mas por isso que eu procuro sempre estar fazendo uma alimentação para as crianças, porque eu sofro com isso, eu não tenho mais uma cozinha para estar podendo fazer as coisas para as crianças, porque geralmente a gente fala de ir para casa e não são todos que tem uma comida para estar comendo e, eles precisam de uma alimentação.

Você vê o brilho dos olhos deles murchando quando vão embora, se deixar eles querem ficar até meia noite. E nessa parte do socioemocional, acontece uma transformação, você vê isso acontecendo nitidamente e o nosso grupo sempre tem essa parte já, que é nosso desde o início, na forma de cumprimentar nada de cumprimentar com murro, pois não tem que testar a força de um no outro, eu sempre falo assim de cumprimentar com a mão em forma de gancho, que representa união, porque se der a mão da forma comum vai escapar, se um amiguinho estiver no abismo, você não vai conseguir segurar, mas se tiver na forma de gancho com certeza você vai aguentar segurar mais, pequenos detalhes que move e aprende e, geralmente eles se cumprimentam assim, a união faz a força. Eles sempre se abraçam, essa é a importância, eu falo que é a massagem do coração o ato de estarem se abraçando, isso eu sempre cobro deles e faz a diferença na parte socioemocional, com certeza. É “O Mundo mágico da capoeira!”, grava isto.

E seu local de atuação? São várias escolas, não são?

Então, segunda-feira eu estou atuando na praça da estação ferroviária, naquele gramado, é uma praça maravilhosa, é pena que não tem um banheiro nada, eu levo água, todos esses detalhes eu tenho que ir me virando, porque de segunda eu não tenho lugar para dar aula, pois depois de julho, depois que eu sai daqui, eu perdi mais de duzentos alunos e estão todos nas biqueiras por aí, pela comunidade, as crianças eram brancas assim, elas estão pretas, elas me veem e abaixam a cabeça, eu tenho costume de abraçar, e sabe quando você abraça e sente o cheiro de quem não tomou banho, aquela pele dura, então quer dizer, eu perdi muito.

De terça-feira eu estou numa escola, eu estava de terça, quinta e sexta-feira lá, mas quando chove é complicado, aí eu faço comida aqui na outra creche, eu pego a panela e levo lá, mas ficou cansativo. Então eu vou dar aula lá só na terça-feira, porque eu não posso usar a cozinha da escola, então pra mim fica fora de mão e eu não estou mais no pique de fazer comida e levar de moto, eu cansei.

Você precisava de um local fixo aqui neste bairro?

Sim, o meu forte é aqui no setor “E”, uns dez ou quinze anos atrás quando a prefeitura pegava os professores de capoeira e perguntava quem queria ficar no setor “E”, ninguém queria. Então para mim foi um desafio, eu quero esse desafio. Uns vinte anos atrás veio um mestre de capoeira dar aula aqui, ele ficou uma semana e foi embora.

Em 1983 eu desfilei pela vila no carnaval, eu tenho foto aqui nesse centro comunitário, eu conheci o famoso “capoeira”, nós desfilávamos com ele na rua, eu era moleque e, assim que acabava todo mundo se reunia no bar do meu pai, que faz cinquenta e quatro anos que está lá na esquina de vidraça e, quando acabava o desfile meu pai pegava um tamborão, todo mundo chegava com carne, não sei se era higiênico ou não mais funcionava, meu pai que temperava tudo. O negro Dário foi um dos instrutores de capoeira também, que me levou e eu o via tocando, foi algo que passou que me chamou atenção, a sonoridade e reunião de todo mundo lá na esquina e nisso aí tinha “pretaiada” pra todo lado, então eu conheci o “capoeira” e fui me envolvendo e me apaixonando.

Com quantos anos você começou na capoeira?

Eu comecei em oitenta e dois, eu tinha sete ou oito anos, eu era engraxate.

E na sua família, tem mais alguém na capoeira ou é só você?

Não, só eu mesmo.

E você é muito amado e muito conhecido, você foi citado nas outras entrevistas, no meu trabalho, no meu projeto e a gente vai estar se vendo mais vezes, para estar fazendo as gravações, aí depois eu preciso de algumas

crianças nessa idade de quatro e cinco anos porque o meu trabalho é com o infantil, para incentivar que a capoeira tenha entrada desde cedo nas escolas, no currículo, que por enquanto é tratado somente cultura, mas fala pouco da capoeira, que tenha mais abertura como você faz aqui e estou vendo hoje.

É simples, mas estamos fazendo a diferença, plantando a sementinha. Tem alunos que estão comigo faz dezessete anos, os filhos treinam comigo e me acompanham. (falou sobre sua rotina, que foi comprometida pelo fato de o prédio da escola ter sido interditado, por apresentar riscos de desabamento).

Como você vê a capoeira esporte?

Realidade? Está difícil, porque o esporte está virando competição e não é a visão. Estou indo para fora, recebi uma carta de convocação para ficar três meses na África, trabalho voluntário, meu mestre que era daqui, ficou dez anos lá. Não desmerecendo a Educação Física, mas querem exigir CREF para dar aula de capoeira e pessoas que não sabem ensinar capoeira estão estragando a capoeira com técnicas de soco, coisa mais feia, estão competindo e brigando por aí, vai ser marginalizada novamente assim.

E a mudança de faixa? Como acontece?

Depois do batizado vem as graduações, as trocas de cordas. Eu utilizo as cores da bandeira do Brasil, há quem coloque rosa dizendo ser capoeira Contemporânea, eu não gosto, veio para contribuir, mas acho que perde a essência.

Tem como entrar com a capoeira nas igrejas? Uma curiosidade minha.

Não é capoeira Gospel, nada a ver isso de inglês, minha opinião. Tem um contramestre trabalhando nas igrejas com a capoeira, porque está difícil pra mim.

E com as músicas, como fica?

Geralmente procuro escolher palavras, repertório com letras que não falem de Oxum, coisas assim, porque também não sou devoto.

E vadiar, que assustei quando entrei na roda com você, depois pesquisei, pois por falta de conhecimento pensei que tinha relação com ser vadia, mas descobri que é brincar! (risos)

No face convido a galera para vadiar! Para brincar, jogar!

Muito bem, a gente se vê mais vezes!

All right! (risos)

Muito obrigada, valeu, acrescentou bastante!